



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

JOSÉ VERIDIANOS DOS SANTOS

FALAS DA CIDADE

**Um estudo sobre as estratégias discursivas que constituíram
historicamente a cidade de Caruaru-PE (1950-1970)**

**RECIFE
2006**

JOSÉ VERIDIANO DOS SANTOS

FALAS DA CIDADE

Um estudo sobre as estratégias discursivas que constituíram historicamente a cidade de Caruaru-PE (1950-1970).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História do Norte e Nordeste

Orientador:

Prof. Dr. **Flávio Weinstein
Teixeira.**

**Recife
2006**

S237f Santos, Veridiano José

Falas da cidade: um estudo sobre as estratégias discursivas que constituíram historicamente a cidade de Caruaru-PE (1950-1970). – Recife: O Autor, 2006.

129 folhas: il., fotos

Orientador: Flávio Weinstein Teixeira

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Programa de Pós-graduação em História. Recife, 2006.

Inclui bibliografia e apêndice.

1. História cultural – Pernambuco – Caruaru. 2. Constituição histórica 3. Identidade – Discurso – Linguagem narrativa. I. Título.

**930
981**

**CDU (2.ed.)
CDD (22.ed.)**

**UFPE
BCFCH2006/30**



ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO JOSÉ VERIDIANO DOS SANTOS

Às 14:00 h do dia 28 (vinte e oito) de agosto de 2006 (dois mil e seis), no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo aluno José Veridiano dos Santos, intitulada **“Falas da Cidade: um estudo sobre as estratégias discursivas que construíram historicamente a cidade de Caruaru – PE (1950-1970)”**, em ato público, após arguição feita de acordó com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito **“APROVADO COM DISTINÇÃO”** em resultado à atribuição dos conceitos dos professores: Flávio Weinstein Teixeira (Orientador), Antônio Paulo Rezende e Edwar Castelo Branco . Assinam, também, a presente ata o Coordenador, Prof. Antônio Torres Montenegro e a Secretária do Departamento Rogéria de Sá Feitosa, para os devidos efeitos legais.

Recife, 28 de agosto de 2006.


Prof. Dr. Flávio Weinstein Teixeira


Prof. Dr. Antônio Paulo Rezende


Prof. Dr. Edwar Castelo Branco


Prof. Dr. Antônio Torres Montenegro


Rogéria de Sá Feitosa

A Darlane, Jaqueline e Marx, pela experiência do amor e da responsabilidade.

A seu Zuca e Dona Nina, meus heróis, pela bravura e pelas lições tão duras quanto ternas.

A Saninho, Nando, Gaizo, Som e Suli, que dividiram comigo as dificuldades e as delícias da vida numa família humilde.

AGRADECIMENTOS

Na elaboração deste trabalho contei com a ajuda valiosa de muitos amigos, amigas, professores e de instituições. Temo que não consiga encontrar as palavras necessárias para demonstrar minha gratidão ou que deixe de contemplar quem quer que, de algum modo, tenha me ajudado nessa tarefa, que certamente é produto tão meu quanto de minhas relações com todos. Assim, quero começar dizendo o quanto sou grato ao professor Antônio Paulo Rezende, em cuja concorrida aula encontrei, desde os tempos de aluno especial, quando ainda sonhava com o mestrado, um espaço democrático e dinâmico que me fez conhecer, para além dos debates historiográficos em torno da modernidade e da pós-modernidade, tantos amigos e amigas com os quais partilhei discussões acaloradas: Antônio Paulo, Cristiano Cezar, Noêmia Zaidam, Jomard Muniz e tantos outros meu abraço fraterno.

Na Universidade, sou imensamente grato aos mestres Antonio Torres Montenegro, Regina Beatriz, Durval Muniz, Ana Maria Barros, Marc Huffinagel, Suzana Cavani, que me muniram com suas lições e me despertaram o gosto pelo saber. Também lembro o quanto me foi gentil todo o pessoal da Secretaria do Mestrado em História, Luciana, Carmem, Aloísio, Flávio, aos quais sou muito grato mesmo.

Devo um agradecimento especial ao meu orientador, Flávio Westein, que teve paciência para suportar um orientando lento e relapso. Dele vou guardar a franqueza, o profissionalismo e, se tiver sorte, a amizade. Gostaria de tê-lo encontrado desde o começo do mestrado, mas um ano foi o suficiente para ele ganhar a minha admiração e respeito. Flávio, camarada, quero que saiba que não vou esquecer as valiosas orientações e companheirismo nessa caminhada, muito obrigado por tudo.

Aos meus colegas de mestrado, tenho uma dívida impagável. Com eles, dividi momentos de angústias, alegrias e descobertas. Deles recebi sugestões e críticas que muito me ajudaram. Valéria, Bruno, Ivaldo, Mário, Rogério, Edvaldo, Valdemar Júnior, Jordana, Humberto, Lorena, Tiago, Cláudia, valeu pelos encontros e desencontros. Alomia, Alarcon, Lucas, Marcília, Lana, valeu por tudo.

A Faculdade de Filosofia de Caruaru (FAFICA) é uma instituição que também deixa uma marca neste trabalho. Ali, concluí a formação universitária e me deparei com os mestres que me incentivaram. Agradeço à direção, que me permitiu o acesso aos arquivos de Nelson Barbalho, e ao CEPED, onde encontrei parte dos jornais pelos quais realizei a pesquisa. Devo

um agradecimento especial a Josué Eusébio, que, como conhecedor e escritor da história de Caruaru, me indicou arquivos, emprestou livros, documentos e, como se não bastasse, me fez sugestões e críticas indispensáveis, sem esquecer o bom humor que ele transmite com suas resenhas e piadas. Josué valeu demais, irmão.

A Adilson e Jailson, a dupla dinâmica do curso de História da FAFICA, devo o incentivo e a companhia na vida acadêmica. Junto com eles, os congressos, debates e discussões que tanto me ajudaram. Deles também recebi sugestões e correções que foram importantes nesse trabalho. Magu e Jajá são bastante conhecidos do pessoal acadêmico de Caruaru, formam uma dupla que dá o que falar. E por falar neles, acabei me lembrando de Jorge Quintino, uma figura importante nas nossas aventuras acadêmicas e que tanto nos divertia com suas histórias inenarráveis. Jorge, maninho, por onde estará você? Ainda sou imensamente grato ao professor Antonio Cláudio, que me fez observações pertinentes e me instigou discussões sobre a história de Caruaru. Junto a ele somo meus votos de agradecimentos a Margarida Alexandrina, Neid Valones, Delma Evaneide, Roberto Ceped, Kleber Fernando, Adjair Alves, Gilvano Vasconcelos, meus incentivadores e torcedores com certeza.

Quero fazer um agradecimento para lá de especial a um amigo que conheci nos encontros de história: Edwar Castelo Branco. Esse grande “brother” me incentivou e me cobrou a participação em simpósio e encontros nacionais. Mesmo de Terezina e distante milhares de quilômetros de Caruaru ainda teve tempo para me ser solidário nos momentos em que tropeçava em alguns percalços. Saiba que sou grato “até a medula”, companheiro, e espero ainda te encontrar junto com a simpática e animada galera do Piauí, Alcidez, Pedrinho, Áurea, Élson, Germana, Marilu, em muitos encontros por esse Brasil afora.

Em Caruaru, tive a solidariedade de Assis Claudino, que também leu alguns de meus rascunhos e me fez observações relevantes. Nele descobri um escritor, cronista e crítico literário anônimo entre os próprios caruaruenses. Além disso, o homem é um verdadeiro arquivo da história da cidade e deve ter pelo menos uma dúzia de livros à procura de editores. E por falar em arquivos da história de Caruaru sou grato também ao jornalista e escritor Antônio Miranda, um cronista muito simpático da história de Caruaru que me cedeu artigos, fotografias e outros. Junto a eles, agradeço ainda a Souza Pepeu, Cleômenes de Oliveira, Júnior Almeida, Onildo Almeida, Gilvan Silva, Valmiré, Maria Edeilda Leal, pelas indicações e sugestões valiosas. À galera do *Café Expresso*, Djair, Lelo, Jeniffer, Claudeci, Amarelinho, Welma, Felipe, Roque, Chico, Robélio, Rosário, Zé, Zé Gogoia, Dinho, valeu pela companhia nos fins de tarde, quando deixava os arquivos e ganhava a amizade de vocês.

Aos amigos e alunos do Colégio Diocesano também devo um agradecimento muito singular. Eles que me agüentaram nos últimos dois anos, estressado, sempre apressado e quase sem tempo para nossas palestras e conversas, inclusive de barzinho. A Nilton, Carlos Soares, Valdemir, Daniel, Paulista, Rogério, Eraldo, Vanderlei, Amélia, Valderez, Dilma, Augusta, Geovana, Gilva, Mons. Olivaldo, minhas desculpas e agradecimentos. Ainda no Diocesano tenho um preito de gratidão imenso para com os professores Menelau Júnior e Margarete Pereira, meus revisores de português e inglês, respectivamente. A Menelau Júnior, sei que lhe impus uma tarefa árdua, exigindo que ele corrigisse meus textos sempre as vésperas de entregar ao meu orientador e a fundo perdido. Menelau, brother, como fizeram, sabiamente, los hermanos, *devo não pago, nego enquanto puder*.

Quero registrar um agradecimento aos funcionários de algumas instituições em que realizei a pesquisa: do Arquivo Vanguarda, Sra. Roseane Romina, Elis, Rosiclere, Sassá, Wagner, Lea, Rosimere e Josiane; do Centro de História Municipal, Eleny Silveira e Miguel; do Arquivo Público Jordão Emereciano, Ildo, Lindinalva Costa (Dona Linda), Eli, Ângelo, Robson; da Biblioteca Pública Estadual, Gleid Vitor, Carlos, Reinaldo.

Quero registrar meu gesto de gratidão à minha esposa, Darlane, pelo carinho e preocupação que me dispensou durante toda a caminhada. Quero agradecer também pela paciência, cobranças e reclamações quando não lhe dispensava a atenção devida. Aos meus filhos Jaqueline e Marx, “raios da cerebrina”, que tantas vezes me atrapalharam e me irritaram cobrando minha atenção. Amo vocês dois, “anjinhos”, mas não sei a quem puxaram!!!

Agradeço, por fim, ao CNPq, que me permitiu uma dedicação maior ao trabalho quando me franqueou a bolsa sem a qual não conseguiria pagar as passagens, comprar livros e demais despesas para tocar em frente a pesquisa.

A cidade é feita de sonhos e de desejos. Sonhos e desejos que, um dia, se tornarão recordações, se incorporarão aos inúmeros labirintos da memória, revelarão as faces escuras do passado ou deixarão que elas permaneçam desconhecidas para sempre. Mas sonhos e desejos que se reinventam e se transformam. Assim é a cidade, a grande moradia dos homens.

REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. (Des)Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997. Pág. 21.

RESUMO

SANTOS, José Veridiano dos. Falas da Cidade: um estudo sobre as estratégias discursivas que constituíram historicamente a cidade de Caruaru- PE (1950-1970).2006. 150f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

Este trabalho reflete sobre a constituição histórica da cidade de Caruaru, entre os anos cinquenta e setenta, a partir da apropriação de relatos, crônicas, textos literários e memorialísticos. Num conjunto diverso de fontes o trabalho, detém-se especialmente sobre quatro escritores – Zacarias Tavares, Limeira Tejo, José Condé e Nelson Barbalho -, os quais são tomados como pistas para entender o papel da linguagem na constituição histórica dos lugares. A pesquisa e a redação do relatório final baseiam-se em referências conceituais ligados tanto à compreensão de que a escrita da cidade é um poderoso emissor de signos, capazes de refletir as sensibilidades históricas de uma certa época, quanto à idéia de que é plenamente possível estabelecer conexões entre as narrativas história e literária, reforçando, assim, a dimensão ficcional da história.

Palavras-chave: Constituição histórica. Apropriação. Narrativa.

ABSTRACT

SANTOS, José Veridiano dos. Talkings of the City: a study about the strategies that historically constituted Caruaru city –PE (1950-1970), 2006. 150f. Thesis (History Máster Degree) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

This work reflects on the historical Constitution of Caruaru city between the 1950's and 1970's from the appropriation of reports, chronicles, literary and biographic texts. Among a different set of sources, the work holds specially on four writers – Zacarias Tavares, Limeira Tejo, José Condé and Nelson Barbalho –, the ones taken as clues to understand the part of language in the historical place constitutions. The search and essay of the final report are based on conceptual references connected both with the comprehension that the writing of the city is a powerful sender of signs able to reflect the historical sensibilities in a certain time, and the idea that is totally possible to make associations between historic and literary narratives, reinforcing, this way, the fictional dimension of History.

KEY- WORDS: Historical constitution; Appropriation; Narrative.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 – VOZES INAUGURAIS: OS PRIMEIROS ESFORÇOS PARA DIZER CARUARU.....	16
De Caruru a Caruaru: José rodrigues e o mito fundador.....	16
Polifonias Urbanas: a experiência da cidade.....	22
Vozes de uma Cidade “Centenária”.....	32
CAPÍTULO 2 – A CIDADE ENQUANTO ESPAÇO DA MEMÓRIA DO RESENTIMENTO E DA SAUDADE: LIMEIRA TEJO E OS IRMÃOS CONDÉ, ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE.....	51
Limeira Tejo e as memórias de uma geração ressentida.....	52
A cidade dos Condés e Vitalino.....	64
Uma Cidade Plantada em Pedra: José Condé e a terra de Caruaru.....	72
CAPÍTULO 3 – UM HISTORIADOR PARA A CIDADE E UMA CIDADE PARA A HISTÓRIA: NELSON BARBALHO E O “PAÍS DE CARUARU”.....	79
Imagens de um escritor, cartografias de uma cidade.....	79
Contadores de Histórias: Cavalcante do Norte ou Nelson Barbalho.....	89
De Cronista a “Historiador”.....	96
CONCLUSÃO.....	106
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	111
ANEXOS.....	118
APÊNDICE.....	129

INTRODUÇÃO

É consideravelmente vasta a produção narrativa sobre a cidade. Não apenas no Brasil, mas no mundo de modo geral, há uma infinidade de trabalhos nos quais a vida urbana é alvo da curiosidade de olhares tão diversos quanto reveladores. Paris, Londres, Nova Iorque, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e muitas outras cidades já inspiraram textos famosos de poetas, filósofos, urbanistas, antropólogos e historiadores. Nos últimos anos, em face da eclosão da chamada *nova história cultural*¹, a cidade passou a ser um objeto destacado dos historiadores.

Nessa medida, vive-se um momento bastante promissor na pesquisa histórica no Brasil: indiferentes a esforços totalizantes, outrora em voga na produção acadêmica brasileira, é cada vez maior o número de historiadores que – conscientes de sua condição de “contadores de história” – tomam as suas cidades² e por vezes até os seus bairros³ como objetos históricos.

Para quem, como eu, está dando os primeiros passos na pesquisa acadêmica, este trabalho é, em largo sentido, um resultado dos benefícios desse quadro. Desde que, nas atividades de integralização dos créditos, entrei em contato com obras e com historiadores que enxergavam a cidade como um poderoso emissor de signos históricos, fui amadurecendo o desejo de narrar histórias da cidade de Caruaru, a qual é, em si, um gigantesco emaranhado de imagens e estereótipos. Este desejo foi acentuado especialmente a partir da leitura de *Desencantos modernos*⁴ e de *Cidades Invisíveis*⁵, obras que me ajudaram a pensar a cidade para além de sua existência geográfica ou urbanística.

A cidade de Caruaru figura com destaque dentro de unidades discursivas como região, tradição e identidade. São muitos os enunciados e imagens que a desenham como uma cidade de “tradições nordestinas”, “terra de escritores ilustres e imortais”, uma cidade princesa, capital do Agreste, etc. Falar de Caruaru nos remete, portanto, a um conjunto de imagens de um passado que parece ter-se conservado no presente: a feira, a cerâmica, os bonecos de barro, a música e os ritmos do baião e do forró; José Rodrigues de Jesus, Mestre

¹ Sobre a Nova História Cultural ver HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. – 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

² REZENDE, Antônio Paulo. (Des)Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARP, 1997.

³ LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência contemporânea*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.

⁴ REZENDE, Antônio Paulo. Op. Cit.

⁵ CALVINO, Italo, *As Cidades Invisíveis*, São Paulo, Companhia das Letras, 1990, pág. 44.

Vitalino, os Irmãos Condé, Álvaro Lins, além de figuras rústicas e folclóricas como coronéis, cangaceiros, jagunços, vaqueiros, bacamarteiros, que encenam toda uma propaganda com a qual a cidade é apresentada ainda hoje.

Esse discurso identitário e inventor de tradição, em parte, diz muito da relação da própria cidade com a modernidade, sendo fundamental para se entenderem as representações culturais que foram instituídas no embate dos diversos grupos sociais que, na arena cidadina, concorreram para estabelecer os elementos de coesão e coerção social com os quais pudessem se afirmar no espaço urbano. A impressão é de que as modernizações por aqui não destruíram tradições de outros tempos, embora a cidade, com perto de trezentos mil habitantes, viva problemas muito parecidos com os das grandes metrópoles.

O principal interesse deste trabalho, portanto, foi apropriar-se de discursos – literários, memorialísticos e mesmo do noticiário diário – como instrumentos capazes de dar a ver o momento mágico de tecitura da cidade. Tal qual em Javé⁶, em Caruaru foi possível enxergar a cidade no seu esforço de ser: um batalhão de narradores tomando para si – muitas vezes sem sequer se dar conta disso – a tarefa de ir erigindo a cidade a partir de um conjunto ao mesmo tempo sutil e sofisticado de nomes – a *princesa do sertão/agreste*, a *terra dos avelozes esmeraldinos*, a *capital do agreste*, a *terra dos Condés*, a *cidade-feira* ou a *terra de Álvaro Lins*.

Esses discursos nomeadores, muitos deles emergindo em tempo de efemérides – como o centenário da cidade –, fingem descrever Caruaru, mas, na verdade, a inventam, pois o nome está na origem fundadora de todas as coisas⁷. Não é por outro motivo que próximo ao centenário da cidade foi possível ouvir uma grande algazarra em torno da origem e da história de Caruaru. O padre Zacarias Lino Tavares, um ex-jesuíta se apressou em definir o fundador e inaugurar uma estátua deste no centro da cidade.

Nelson Barbalho, um operário infatigável que havia muito queria dar a ver a cidade através de suas “crônicas do passado” chegou mesmo a ser sondado sobre a possibilidade de escrever a história de Caruaru quando esta completaria cem anos. O literato chega a propor aos administradores a quantia de 300 mil cruzeiros pela pesquisa, redação e publicação de

⁶ Narradores de Javé. *Gênero*: Drama. *Tempo de Duração*: 100 minutos. *Ano de Lançamento (Brasil)*: 2003. *Estúdio*: Bananeira Filmes / Gullane Filmes / Laterit Productions. *Distribuição*: Riofilme. *Direção*: Eliane Caffé. *Roteiro*: Luiz Alberto de Abreu e Eliane Caffé. *Produção*: Vânia Catani. *Música*: DJ Dolores e Orquestra Santa Massa. *Fotografia*: Hugo Kovensky. *Direção de Arte*: Carla Caffé. *Edição*: Daniel Rezende. O filme abordando a luta da comunidade Javé, sob a ameaça de ser “banida” da história motivada pela inundação de uma hidrelétrica me fez pensar a cidade de Caruaru ainda que numa situação inversa. A proximidade do centenário também desencadeou uma luta de vários grupos para imprimirem suas marcas na história.

⁷ Cf. ROSENSTOCK-HUESSY, Eugen. *A origem da linguagem*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

um livro cujo título seria “uma cidade faz cem anos”⁸. Mas as negociações não prosperam, pois a contrapartida só lhe oferece cem mil cruzeiros. Apesar disto, a efeméride assiste, pelas mãos de pastores evangélicos, à publicação de uma obra imensamente celebrativa, intitulada *Fatos Históricos e Pitorescos de Caruaru*⁹.

Ainda em torno da efeméride do centenário, os irmãos Condé – Elísio, João e José - trariam à cidade uma caravana de escritores e artistas de projeção nacional. Ao passo, que no campo musical das canções populares, Luiz Gonzaga gravaria “Feira de Caruaru”, de Onildo Almeida e “Capital do Agreste”, de Onildo Almeida e Nelson Barbalho. Essas músicas, aliadas ao grande sucesso que obtiveram, reforçariam os discursos nomeadores que incrustaram Caruaru no lugar do exótico.

A produção historiográfica sobre a cidade de Caruaru é, em certo sentido, insignificante, sobretudo em termos acadêmicos. O mapeamento levantado por este trabalho remete em grande parte aos discursos dos escritores que foram alvo da pesquisa. Apesar de, desde os anos cinquenta, a cidade já contar com instituições de nível superior e mesmo estando muito perto geograficamente de outros centros de pesquisa como Recife e Campina Grande, nenhuma linha de pesquisa abordando qualquer temática foi ainda desenvolvida.

Nas últimas décadas, trabalhos individuais de profissionais que buscam qualificação em programas de pós-graduação têm abordado dispersamente, um ou outro tema em dissertações e teses. Em âmbito local, numa instituição de Ensino Superior encontramos desenvolvidos nos últimos anos, alguns trabalhos monográficos de graduação, especialização e extensão, os quais lançam alguns focos de luz sobre a cidade e estão arquivados na biblioteca daquela entidade.¹⁰

Para além da História, na Literatura e na Imprensa Jornalística encontra-se um volume maior de textos que remetem a um conjunto de memórias, contos, crônicas, romances, que perpassam nomes conhecidos da sociedade caruaruense em diferentes momentos de sua história, como Mário Sette, Rosalino da Costa Lima, Zacarias Campelo, Hilton Sete, Agnaldo Fagundes, Antônio Miranda, Assis Claudino, Josué Euzébio, Joel Pontes, Aleixo Leite Filho, Valdênio Porto, os quais, não estando diretamente no alvo desse trabalho, oportunizam outras leituras da cidade.

⁸ BARBALHO. Nelson. Inédito.

⁹ LIMA. Rosalino da Costa & CAMPELO, Zacarias. *Fatos Históricos e Pitorescos da Caruaru*. Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial: Recife, 1957.

¹⁰ Na biblioteca da FAFICA, sob a responsabilidade da professora Margarida Alexandrina, encontra-se uma série de monografias que abordam diferentes temáticas da cidade de Caruaru.

Num olhar ainda preliminar sobre essa produção, é possível enxergar que ela repete e dá continuidade aos discursos anteriores constituídos a partir dos anos cinquenta, na medida em que se baseia na mesma retórica, das origens, dos fatos marcantes e das personalidades importantes ou picarescas que imprimiram algum significado na “terra de Caruaru”. Sobre essa história, cujo fim é encontrar a pureza da origem para confirmar certezas, Foucault já nos alertou muito bem de seus perigos e propósitos, sendo mais interessante se trabalhar com a idéia de começos, incertos e inseguros.¹¹

Um olhar mais crítico sobre essa produção logo notará discontinuidades, silêncios, esquecimentos e uma multiplicidade de práticas sociais que não aparecem: o processo de ocupação dos espaços no interior; os conflitos, acordos e negociações entre proprietários, índios e negros; a constituição do espaço urbano e o desenrolar de práticas cidadinas de diversos grupos sociais dentro do universo que colocou frente a frente Caruaru, as modernizações e a própria modernidade, deixando tantos questionamentos sobre a história dessa cidade exatamente no espaço conflitante das disputas entre história e memória.

Nesse sentido, a escrita da cidade proposta neste trabalho é, também, mais um olhar que, ora se apropriando ora bricolando, segue movendo-se entre tantas abordagens e inspirações para encontrar caminhos próprios e problematizar a cidade de Caruaru instituída nos discursos de alguns de seus “maiores” narradores, a partir de meados dos anos cinquenta. Entre esses narradores, destacamos o padre Zacarias Lino Tavares e os escritores Limeira Tejo, José Condé e Nelson Barbalho. Trata-se de um conjunto de textos produzidos em momentos diferentes, dentro desse recorte temporal, que envolve memórias, ficção e história, nos quais acreditamos haver uma base discursiva que desenha a cidade.

A questão central é identificar as condições de possibilidade em que práticas discursivas e não discursivas se articulavam para nomear, enunciar e instituir essa cidade, constituindo identidades, como também alocando para esse espaço-lugar – Caruaru -imagens, cenários e sujeitos que figurariam na memória e na história escrita e oficial da cidade. Nesse caso, o trabalho se propôs a interrogar, no jogo das relações entre memória, história e literatura, quais as relações entre esses discursos com a produção imagético-discursiva da cidade de Caruaru.

Seguindo ainda as indicações de Foucault, faz-se necessário desconfiar das unidades, identidades e validades dos discursos irrefletidos para captá-las no momento mesmo em que

¹¹ Nietzsche, a Genealogia e a História. In FOUCAULT M. *Microfísica do Poder*, organização e tradução de Roberto Machado, Rio de Janeiro, Graal, 1979.

são enunciadas.¹² Assim, o papel do historiador é desnaturalizar seu objeto e historicizá-lo, o que significa pontuar os acontecimentos produzidos historicamente, identificando as redes de poder e saber que os constituem.

Do ponto de vista histórico, como esses acontecimentos podem ser apropriados? De que maneira aquilo que se diz/disse sobre Caruaru pode contribuir para um conhecimento do passado da cidade? Este trabalho foi feito no sentido de investir numa estratégia de pesquisa e de narrativa histórica que respondesse a essas questões. A coleta dos dados foi feita essencialmente junto ao APEJE (Arquivo Público do Estado Jordão Emereciano), CEPED (Centro de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru), Arquivo do Jornal Vanguarda de Caruaru, CEHM (Centro de Estudos de História Municipal) e Biblioteca Pública Estadual, locais onde foi possível encontrar, além de outras coisas, o alarido nomeador em dezenas de crônicas e notícias diversas.

Fora do âmbito dos arquivos, a pesquisa foi centrada na leitura de três literatos caruaruenses – Limeira Tejo, José Condé e Nelson Barbalho. A escolha desses literatos não atendeu a outro critério que não o de perceber o reconhecimento desses escritores como as maiores expressões literárias entre aquelas que tomam especificamente a cidade como objeto de sua escrita.

A pesquisa bibliográfica, necessária ao tratamento das obras de Barbalho e Condé como fontes históricas, seguiu a orientação de Mafra¹³, segundo a qual esse tipo de pesquisa deve passar pelos seguintes estágios: levantamento do estado da questão ou definição da história do assunto, num primeiro momento, seguindo-se exaustivo levantamento bibliográfico, construção de sinopses e resumos de escritos e, em seguida, o tratamento dos dados coletados.

Como o trabalho se apropria de textos literários, tendo, portanto, que refletir sobre a dimensão ficcional da história, foi necessário buscar amparo em uma teoria que ajudasse a compreender “o grande poder político e social que exercem aqueles grupos capacitados e autorizados a “nomear”, pois é precisamente pelo direito de nomear a realidade, de fazer existir pela virtude da nomeação, que está historicamente empenhada a literatura”¹⁴. Nesse sentido, foram importantes os trabalhos de Holanda¹⁵, Castelo Branco¹⁶, Sevcenko¹⁷ e White¹⁸, além de outros.

¹² FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do Saber*. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2004.

¹³ MAFRA, Johnny J. *Ler e tomar notas: primeiros passos da pesquisa bibliográfica*. Belo Horizonte: Editora da PUC, 1993.

¹⁴ ANTUNES, Nara M. de M. *Caras no espelho: identidade nordestina através da literatura*. In: BURITY, Joanildo. *Cultura e identidade – Perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 128.

Para além da experiência material que os olhos recortam, numa cidade se revelam tantas outras que os desejos, a memória e a história significam, cartografam e enunciam no limite das determinações históricas em que vivem sujeitos e grupos sociais que a habitam. Construir uma narrativa da cidade a partir de relatos memorialistas, ficcionistas e históricos impõe optar por um caminho, entre tantos que poderiam levar a tão diferentes cidades. A memória, a ficção e a história não esgotam o acontecido: pelo contrário, estão sujeitas à mudança e sofrem as pressões do tempo presente em que são produzidas, trazendo para o historiador o desafio de escrever fugindo à tentação de capturar a verdade absoluta e imutável, mas ao mesmo tempo construir uma narrativa que não perca a intenção de verdade, de verossimilhança.

O trabalho foi dividido em três capítulos: no primeiro, intitulado *Vozes inaugurais: os primeiros esforços para dizer Caruaru*, o leitor encontrará a instituição de um mito fundador enquanto a cidade ganhava existência a partir de diversas práticas sociais que lhe davam forma. Em seguida, é possível encontrar o alarido de práticas que se articulava para nomear Caruaru no intuito de imprimir diversas imagens com as quais fosse possível construir laços identitários e dar à cidade uma história.

No capítulo seguinte, *A cidade enquanto espaço da memória, do ressentimento e da saudade: Limeira Tejo e os Irmãos Condé, entre a tradição e a modernidade*, o leitor poderá ver como, a partir das produções de Limeira Tejo e dos irmãos Condé, a cidade ganhou uma história, imagens e ícones que reforçaram a idéia de uma cidade de tradições nordestinas. Por fim, no último capítulo, intitulado *Um historiador para a cidade e uma cidade para a história: Nelson Barbalho e o país de Caruaru*, o trabalho se apropria da produção do escritor para ver como sua escrita e ele próprio virariam referências para a história da cidade de Caruaru.

¹⁵ HOLANDA, Lourival. *Linguagem e História*. In: II Colóquio Interdisciplinar da UFPI – Narratividade e Identidade. Teresina: EdUFPI, 2004. (Anais).

¹⁶ CASTELO BRANCO, Edwar de A. *História e Linguagem: breve comentário sobre a dimensão ficcional da História*. : II Colóquio Interdisciplinar da UFPI – Narratividade e Identidade. Teresina: EdUFPI, 2004. (Anais).

¹⁷ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

¹⁸ WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. 2ª ed. São Paulo: EdUSP, 2001.

CAPÍTULO 1

VOZES INAUGURAIS: OS PRIMEIROS ESFORÇOS PARA DIZER CARUARU

De Caruru a Caruaru: José Rodrigues de Jesus e o mito fundador

Quando se pergunta sobre a história da Cidade de Caruaru, se é impreterivelmente remetido a uma versão mítica, instituída a partir de uma memória vencedora que leva à fazenda de Gado, à Capela da Conceição e a um nome: José Rodrigues de Jesus, o fundador. Aqui estaria o mito de origem de uma história linear, cuja evolução registra cronologicamente datas e fatos, heróis e personalidades que marcaram, em momentos diferentes, a história dessa cidade.

Folheando uma velha revista dos anos cinquenta, foi possível identificar o momento em que essa memória vencedora emergiu como discurso de verdade histórica. Nela, encontra-se um documento precioso e que acabaria por ser um dos primeiros documentos de caráter histórico publicados sobre a história da cidade de Caruaru, embora sob o título de um subsídio.

No início dos anos cinquenta, o padre Zacarias Lino Tavares¹⁹, português de origem, recém-chegado a Caruaru, fez um dos primeiros estudos sobre a história da cidade. O estudo foi publicado na Revista do Agreste, com o título de *Subsídio para a história de Caruaru*.²⁰ Na ocasião, o religioso enfocava dois aspectos fundantes que teriam concorrido para a origem da cidade: as “circunstâncias naturais impostas por situações da vontade humana”, e a “providência divina”. Esses dois fatores – o humano e o divino – teriam se

¹⁹ O padre Zacarias Lino Tavares era português da cidade de Covilhã. Jesuíta de formação visitou o Brasil nos anos trinta, com passagem por Salvador e Recife. Voltou à Europa para concluir seus estudos e retornou novamente ao Brasil nos anos quarenta, estabelecendo-se na cidade do Recife. Em 1949, desligou-se da companhia de Jesus e assumiu a paróquia de Nossa Senhora das Dores em Caruaru, cidade onde exerceria expressiva influência social até o início dos anos 60. O sacerdote faleceu em 1963, em viagem ao sul do país, angariando verbas para projetos sociais que desenvolvia na cidade. Para efeito de estudo biográfico, ver FONSECA, Mário. *História da Diocese de Caruaru. Caruaru*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1973; LIMA, Maria de Lourdes. *Padre Zacarias Lino Tavares: homenagem póstuma, trinta anos de seu falecimento*. Caruaru: CEPED, 1993.

²⁰ Revista do Agreste, Ano III n.4 janeiro de 1953.

somado para fazer de Caruaru a grande “cidade progressista”, com a qual ele se deparava naquele momento.

Apesar de raciocinar em termos de “circunstâncias naturais”, o papel mais relevante é reservado ao aspecto religioso, de maneira que uma aura milagrosa recobriria a origem da cidade e abençoaria seu fundador:

Caruaru foi assim feita. Quando o meio era apenas a natureza na sua brutal realidade, sem vias de comunicação, sem agrupamentos que se amparassem, sem riquezas de que se desfrutassem, sem auxílios que se ajudassem, apareceu uma pequena capela sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, construída por um homem de qualidades excepcionais, o qual, por um fatalismo da história, ficou quase ignorado e esquecido, mas que a justiça, no decorrer dos tempos, ainda o há de aureolar com a glória de fundador desta nossa cidade... (...) chamava-se José Rodrigues de Jesus, cuja história procuraremos desvendar no decorrer destas notas.²¹

O enredo no qual é tratada a história da origem da cidade e configurado o seu personagem mais importante – o “fundador” – é constituído a partir de uma consulta a um dos descendentes de José Rodrigues de Jesus: O senhor Manuel Nunes da Silva, membro de uma das famílias mais antigas na cidade – a Nunes dos Bezerros –, que guardaria “milagrosamente” no âmbito de uma memória oral, mas também com o amparo de documentos, as relíquias das origens de Caruaru. Essa memória oral, aliada a documentos manuscritos, formaria a argamassa inicial através da qual se baseou o sacerdote para narrar a fundação da cidade.

A narrativa sobre José Rodrigues de Jesus se cerca, desde o início, de excepcionalidade e milagre. O personagem, juntamente com sua irmã, Maria da Conceição Nunes Rodrigues, seriam órfãos amparado pela família Nunes dos Bezerros. No enredo, não consta nem o nome do patriarca dessa família nem o de sua esposa, apenas que os órfãos eram irmãos da mulher. A família sobrevivia, supostamente, da atividade agrícola e da criação de gado.

O enredo constitui a figura do fundador a partir do destaque às qualidades distintivas de sua personalidade. Dono de um “temperamento irrequieto e independente”, o menino logo se indisporia com o cunhado, “que o queria subjugar”. Já aos 12 anos de idade, depois de se desentender com os tutores, o garoto reparte a herança que lhe cabia e parte para tomar posse de terras que lhe pertenciam. Nessa época – segunda metade do século XVIII –,

²¹ Idem, p. 32.

apesar de ainda menino, “mandava como um senhor e lhe obedeciam como um chefe”²². Aos vinte anos, já era um senhor poderoso, tendo construído a “Casa Grande” e possuindo gado e escravos nas terras, o sítio CORURU ou CARURU, vocábulos que antecederiam a origem de CARUARU.

Como os nomes têm evidente importância no âmbito de um mito fundador, boa parte da biografia que o padre faz de José Rodrigues de Jesus é dedicada a uma discussão sobre as origens do nome da cidade. Recorrendo a “depoimentos fidedignos” dos descendentes daquele fundador e ainda lançando mão de manuscritos, inventários e anotações (que vão de 1781 a 1846) que examinou, o religioso nos aponta três variantes: CORURU, CARURU e CARUARU. Sendo o primeiro referente ao “poço do coruru”, lugar onde havia sapos (coruru), e o segundo vocábulo se referindo a uma planta rasteira encontrada sobre as águas do mesmo poço. Já o último seria uma “corrutela” dos anteriores. Segundo informações colhidas pelo narrador, por ordem do próprio José Rodrigues, as terras passariam a ser denominadas de *Sítio do CARURU*, não por acaso a forma mais citada do vocábulo nos manuscritos que examinou.

Em um texto relativamente curto, com cerca de oito páginas, o reverendo, para dar realismo ao texto e estabelecer uma ponte entre o passado e o presente, se deu o trabalho de localizar na Caruaru dos anos cinquenta aquilo que seria a configuração aproximada do “Sítio Caruru” de José Rodrigues de Jesus, núcleo inicial da cidade. A Casa Comercial do Sr. Salvador Sobrinho, na região central da cidade corresponderia à Casa Grande, enquanto a Farmácia Bezerra ocuparia o espaço onde outrora fora o curral de Gado.

A essa altura, José Rodrigues de Jesus aparece quase como um “Senhor Feudal”, soberano e independente. É descrito como “alto de estatura, forte de compleição e de uma força rara. Afeito às lides do campo e aos trabalhos pesados, era notória sua resistência física, por isso [era] temido e respeitado de todos”²³. Contudo, José Rodrigues também é apresentado como um benfeitor, que distribuía terras, acolhia abandonados, pobres e perseguidos. Por sua bondade e através de suas concessões e aforamentos, a velha fazenda, isolada em meio ao deserto e despovoada, logo se tornaria um lugar próspero e habitado, sustenta o texto.

Para destacar o aspecto espiritual das origens de Caruaru, o texto enfoca a religiosidade de José Rodrigues de Jesus, em razão da qual o fundador teria erigido algo que jamais pereceria:

²² Revista do Agreste, Ano III, nº4, janeiro de 1953, p. 32.

²³ Revista do Agreste, Ano III, nº4, janeiro de 1953, p. 33.

A obra empreendida por José Rodrigues de Jesus se engrandecerá, se immortalizará pondo em execução o que o seu espírito religioso e católico idealizara: dar aos seus moradores o elemento espiritual que vivifique e se perpetue: uma capela sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Ela será o segundo impulso e definitivo à futura vila do Caruru. E o tempo o disse: Caruaru nasceu, cresceu e formou-se junto a essa capelinha histórica, que ainda hoje atesta o alto poder da religião. A Igreja da Conceição é o marco sempre vivo da catolicidade dos caruaruenses. Ela vem apontando às gerações que passam a permanência do fator sempre ativo na caducidade das coisas do tempo.²⁴

O padre, para destacar a atuação do fundador no trabalho de constituir um patrimônio para manutenção e administração da capela, lança mão de manuscritos do final do século XVIII e início do século XIX, os quais teriam sido escritos pelo próprio José Rodrigues de Jesus. Ressalta, nas anotações contábeis do fundador, os gastos despendidos com a capela:

Dos gastos e despesas que tenho feito desde o ano de 1781 enthe [sic] ao presente. Duzentos mil réis do Patrimônio do que foi avaliado pellos [sic] avaliadores. Cem mil reis que me custou o culto da imagem da Conceypção [sic] com as licenças e Provisoins [sic] e outros mais gastos da viagem.²⁵

O texto segue descrevendo dados das prestações de contas anotadas durante o período que vai de 1781 a 1820. Outros documentos são exibidos para comprovar como o trabalho de Rodrigues de Jesus foi importante não só na administração como também no patrimônio que ergueu para a manutenção das atividades religiosas. O aforamento das terras doadas pelo fundador, na versão do reverendo, não só aumentou o patrimônio da capela da Conceição como foi responsável pelo povoamento do lugar. Outros documentos vão aparecer para demonstrar desde a doação das terras onde foi construída a dita capela até o pedido daquele *mandante* a autoridades eclesiásticas para o seu funcionamento. Ao mesmo tempo, o padre se esforça para narrar os detalhes da arquitetura original da capela, comparando-a com aquela que encontrou em Caruaru.

Nos primeiros anos, a capela teria ficado aos cuidados da paróquia dos Bezerros. Desde aquele tempo, era nela que se realizavam as festividades em honra a Nossa Senhora da Conceição e as novenas natalinas, as quais, segundo o religioso, deram origem às tradicionais

²⁴ Revista do Agreste, Ano III, nº4, janeiro de 1953, p. 33.

²⁵ José Rodrigues de Jesus. Apud. Revista do Agreste, Ano III, nº.4 janeiro de 1953, p. 34. Para evitar recheiar o texto de “sic”, de agora em diante fica o leitor ciente de que as transcrições procuraram ser fiéis aos originais.

festas religiosas de Caruaru. Nesse ponto, o padre Zacarias aproveita para fazer uma crítica a denominação da festa, que passou a ser chamada de “festa do Comércio”, quando desde tempos remotos eram “festas natalinas”, uma tradição dos tempos de José Rodrigues de Jesus, que aparece como um homem de expressa caridade, distribuindo “favores em larga escala” aos pobres e necessitados durante o período natalino.

Na insistência de provar tanto o humanitarismo quanto o poder do fundador naqueles tempos imemoriais, a narrativa põe em evidência mais uma trama. Desta vez, o padre nos conta a história de um bando de criminosos condenados à prisão perpétua que passavam em Caruru rumo à capital, conduzidos por autoridades oficiais. Num breve descanso na fazenda, aqueles criminosos teriam pedido a Rodrigues de Jesus clemência e compreensão. Aquele benfeitor, passando por cima das autoridades oficiais, as quais não aceitaram qualquer mediação, libertou os presos e os fez jurar que se regenerariam diante da imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Conforme o texto, quando se dirigiu ao Recife para explicar o ato de desobediência à autoridade oficial, José Rodrigues de Jesus teve uma audiência com o “governador”, que o inquiriu sobre tal desmando. Este, dando-lhe as devidas explicações, ao invés de ser punido foi agraciado pelo governador com “malas com incrustações de alto valor, fechaduras e armações de ouro”. Além disso, o governador teria mandado lavrar um alvará, documento que o elevava à categoria de *mandante* da Fazenda do Caruru: “Agora era verdadeiro chefe com a patente de mandante daqueles domínios que eram seus mais onde se formavam e radicavam as bases de um lugar para o domínio publico”.²⁶

No intuito de atribuir historicidade a diversas imagens da cidade a “Feira de Caruaru” também encontra espaço no texto do religioso. Segundo ele, a feira teria se originado em torno do “Sítio Caruru” e por obra do fundador. Citando o ano de 1785, ele relata que, ao redor da casa grande, existia uma pequena feira onde “aparecia de tudo quanto fosse necessário à subsistência das famílias, já em grande número domiciliadas naquele lugar”.²⁷ Mais uma vez, ele se volta para exaltar a figura de José Rodrigues de Jesus, que aparece como um homem de “alma grande e generosa”, arrematando as sobras da feira para não dar prejuízo aos vendedores e fazer caridade a escravos e desvalidos.

Na conclusão de *Subsídio para a história de Caruaru*, o religioso nos apresenta José Rodrigues de Jesus como o centro da matriz fundadora de Caruaru, um homem que, com esforço pessoal, gastando recursos próprios, foi o grande responsável por tudo. Valendo-

²⁶Revista do Agreste, Ano III, nº4, janeiro de 1953 p. 28.

²⁷ Idem, p. 28.

se da voz do próprio José Rodrigues de Jesus, o padre alça a capela e a figura do fundador ao centro da origem da cidade:

Neste ano de 1787. Digo eu abaixo assinado, como fundador e administrador que sou dessa capela de Nossa Senhora da Conceição, nesta Fazenda do Caroaru, Freg^a do Snr. São José dos Bezerras, como consta das provisões e lisenças Il.mo ex.mo e A.mo. Snr. Bispo de Pernambuco e da Santa Sé Apostólica q. a tenho fundado com ama (aminha) fazenda e dos meus Erdeiros, sem adeintório nenhú q. eu apercurace. e algú q. tenho tido dos fieis he aqueles q. de sua livre vontade o querem fazer p. sua devoção as quais seachão declaradas neste caderno cada hú de per si soma sento dezasém mil setecentos e setenta reis e este seachão gastos na dita capela digo dema faz da oito sentos noventa e dón mil trezentos e vinte reis. e se decontado fora o mais material q. co fiz com minha obrigação tudo quanto necessário e a todo os mais gastos tenho soprido da minha fazda e dos meus erdeiros sem que tivessem adeintório e o soprimto dele, que tudo dou por bem feito, por ser obra tão pia p.a o serviço de D.s e de Nossa Senhora da Conceição, a qm deseio servir atte última de m.a vida e assim peço e rogo ao I.mo Ex.mo Snr. Ou em senhores dotores reverendo visitadores em qualquer tribunal q. for apresentado esste cuaderno e este meo apontamento seja jugado por fé e verdade.
(Ass) José Rodrigues de Jesus.²⁸

Outros documentos, como esse, ainda são colocados para nos mostrar a aquisição de imagens e instrumentos das celebrações religiosas feitas por José Rodrigues de Jesus. Nesse momento da narrativa, o escritor aproveita para explicar quais objetos ainda existem e quais não se encontram na capela. O final do texto ainda cita o ano de 1820 como a provável data de falecimento do fundador, aos 65 anos de idade, deixando o lugar muito perto de se tornar vila, ficando o corpo sepultado na capela de Nossa Senhora da Conceição. O curioso, portanto, é que o “fundador” já estaria morto quando o “Sítio Caruru” viria se tornar vila em 1847 e cidade em 1857.

O enredo do padre Zacarias nos oferece uma metáfora poderosa na constituição discursiva de Caruaru: qual semente, a vida de José Rodrigues de Jesus possibilitou a abertura de uma clareira através da qual outros narradores construirão suas trilhas. Do “Sítio Caruru” à Caruaru atual, outros tantos discursos se combinarão para fundar e refundar, constantemente, a cidade. A versão do padre Zacarias Tavares é rica na produção de imagens como a fazenda, o curral, a capela, a feira e o próprio fundador. Essas imagens serão

²⁸Jose Rodrigues de Jesus. Apud. Revista do Agreste, Ano III, nº4, janeiro de 1953, p. 48.

retomadas como ponto de partida de outros escritores que se voltaram para falar de Caruaru.²⁹

Por outro lado, as condições de possibilidade em que tal discurso emerge para instituir uma versão natural religiosa a respeito das origens da cidade remetem ao próprio papel que a Igreja Católica vai assumindo na década de cinquenta, quando a cidade de Caruaru se torna sede de bispado e esta Igreja necessita reafirmar a sua posição, inclusive revelando sua força na constituição da história da cidade.

Polifonias urbanas: a experiência da cidade

É importante destacar que as narrativas sobre a cidade de Caruaru vão-se intensificando paralelamente às transformações pelas quais ela passa a partir das modernizações que em seu espaço se processam. É basicamente entre as décadas de cinquenta e sessenta que se observa a cidade se consolidando como um espaço urbano dinâmico, tendo na atividade comercial, industrial e de serviços, de pequeno e médio portes, a base econômica que lhe deu a condição de referência entre as cidades do interior, notadamente na região que por essa mesma época passava a ser denominada de Agreste.

Em poucas décadas, a pequena cidade, antes espremida nos “sertões” entre o rio Ipojuca e o Morro Bom Jesus, já se estendia em várias direções, numa mancha urbana que avançava contra a paisagem árida do “agreste” e fazia de Caruaru a mais importante cidade do interior do Estado de Pernambuco. Mas a cidade que os anos cinquenta conheceriam era fruto de um conjunto de práticas que, desde as primeiras décadas do século XX, foram se afirmando no interior de seu espaço e acabaram tecendo a sua materialidade.

Foi nas primeiras décadas do século XX, no impulso das atividades agropecuárias e comerciais, que alguns espaços do interior do Estado do Pernambuco conheceram certa dinamização, provocando modificações numa geografia que opunha litoral e sertão. No caso

²⁹ A versão da origem de Caruaru narrada pelo religioso padre Zacarias Tavares resultou na criação de inúmeras imagens que posteriormente seriam retomadas por diversos autores. A esse respeito, ver, por exemplo, DIAS, João de Deus de Oliveira. *Caruaru: subsídios para sua história*. Caruaru: Prefeitura municipal, 1971. (ensaio Monográfico); LACERDA, João A. *Caruaru na História do Brasil e do Nordeste*. Caruaru: sem indicação de local, editora e ano. Nelson Barbalho também retomaria a discussão sobre a origem do vocábulo “caruaru” e revelaria um possível outro nome para o “fundador”, que seria José Rodrigues da Cruz. A esse respeito, ver BARBALHO, Nelson. *Caruru, Caruaru: nótulas subsidiárias para a história do agreste de Pernambuco*. Recife: Editora Universitária da UFPE; Caruaru: prefeitura Municipal, 1972; BARBALHO, Nelson. *Caruaru : nomes e cognomes*. Caruaru: Vanguarda 1992; ver também FERREIRA, Josué Eusébio. *Ocupação Humana do Agreste Pernambucano: uma abordagem antropológica para a história de Caruaru*. Caruaru, Idéia, 2001.

particular de Caruaru, a criação de gado, a atividade algodoeira, o comércio, os interesses da Igreja e do Estado, acabaram por reunir demandas de criadores, proprietários, caixeiros viajantes, religiosos e funcionários públicos que, no espaço urbano, passaram a disputar diversos interesses.

A cidade se constituiu num ponto para onde convergiam os planos do Estado, da Igreja Católica, de grupos econômicos nacionais e internacionais, como ainda os interesses de grupos locais. No início do século XX, quando transformações socioeconômicas redefiniam geograficamente o país, expondo as disputas entre interesses nacionais, regionais e locais, a cidade aparece como espaço de onde diversos grupos falam para reivindicar interesses dentro de espaços que se construía sob o nome de região e nação.

Nessa perspectiva, também contribuíram na interação entre litoral e sertão os planos de extensão de projetos de poder das oligarquias estaduais em Pernambuco, associados aos projetos de extensão de poder do próprio Estado Republicano, para os quais o controle das populações do interior, bem como a exploração de seu potencial econômico complementar, seria fundamental nos quadros de uma ordem econômica que procurava adequar o país à modernidade e às práticas capitalistas.

É também bastante conhecido o papel e o interesse do capital estrangeiro, especialmente o Inglês, no processo de modernização e interiorização de várias regiões brasileiras. Naquilo que tange a Pernambuco, interesses do capital estrangeiro e do Estado de Pernambuco se configuraram no exemplo da *Great Western*, que exerceu importante tarefa instalando e controlando o transporte e captação da produção interiorana, sobretudo a algodoeira. Em Caruaru, em particular, a presença de uma estação da rede ferroviária administrada pela *Great Western*, além da empresa *Boxuel & Cia*, que instalou filial no final dos anos vinte, tem uma marca decisiva no seu processo de urbanização.

A chegada da ferrovia, em 1895, sem dúvida é um marco importante na história da cidade de Caruaru, assim como de muitas outras cidades do interior Pernambucano. As mudanças de tempo e de espaço que, junto com a rede ferroviária, se estenderam ao interior, constituíram um processo complexo de alteração em sociedades, cujos fundamentos rural e patriarcal se confrontariam com outras práticas culturais, culminando em resistências, adesões, negociações e tensões diversas, sobre cujos desdobramentos ainda não existem estudos suficientes para avaliar.

De fato, o desenvolvimento de sociabilidades urbanas no interior do Estado de Pernambuco coincide, no caso particular de Caruaru, com o avanço de diversos estudos técnicos. Discursos de engenheiros, cartógrafos e ferroviários, aliados à construção de

estradas e outras benfeitorias modernas que transformavam não apenas os espaços, mas também os costumes nas cidades do interior. O telégrafo, as máquinas, a energia, o automóvel, o cinematógrafo e outras novidades passariam a fazer parte do cotidiano dos personagens que viveriam na cidade.

Junto com estas “maravilhas” do mundo moderno, outras instituições passavam a fazer parte da vida das pessoas. O Estado, a política, a imprensa, entre outros, assumiam lugares antes reservados à Família e à Igreja nos domínios do mandonismo. A ascensão da esfera pública reivindicava outras formas de controle e sociabilidades foram se reconfigurando, alterando o modo de viver de indivíduos, ao mesmo tempo em que os envolviam em novos comportamentos sociotemporais.

Desde o início do século XX, no impulso de atividades agrícolas como o algodão, couro, sisal, milho, café e a fibra de caroá, já é possível ver um surto urbano e comercial a partir do qual certos grupos proprietários souberam se articular para fornecer a centros urbanos como Recife a produção local e, em contrapartida, adquirirem daquela capital produtos e novidades a que as populações do interior podiam ter acesso, ou prestar serviços que as condições econômicas e a vida cidadã exigiam. Esses grupos, atentos às mudanças sociais e culturais em andamento, souberam se inserir nos quadros do discurso do progresso e do desenvolvimento, conduzindo as transformações que patrocinaram as modernizações e integraram “litorais” e “sertões”.

Novas ruas, redesenhando a cidade, sobrados, casas comerciais, praças, cassinos, cabarés, além de arborização, saneamento, serviços de higiene, código de postura, associados a um conjunto de práticas sociais diversas, vão compondo a materialidade e os valores do tecido urbano na primeira metade do século XX, de tal maneira que nos anos cinquenta Caruaru passa a figurar como a maior cidade do interior do Estado.

O exercício da política na cidade é um dos primeiros exemplos desse momento. Grupos políticos como os “portistas”³⁰, “marizistas”³¹ e “guilhermistas”³² marcam as

³⁰ O “Portismo” é denominação dos grupos políticos que se articulavam em função do Cel. Manoel Rodrigues Porto, político remanescente dos quadros do Partido Conservador e que exerceu forte influência política até 1911 em Caruaru, quando a “Política das Salvações”, do presidente Hermes da Fonseca, destituiu em Pernambuco sua base de sustentação política ancorada em Rosa e Silva. O Portismo ainda reapareceria em 1928 com a eleição de Leocádio Porto e em 1946, com Manoel Afonso Porto Filho (Neco Afonso). Os seguidores do portismo eram curiosamente cognominados de “marretas”, referente a Francisco Rosa e Silva, que era taxado pelos adversários de “Chico Marreta”.

³¹ Chamamos de “marizistas” o grupo político que tinha sua representação no nome de Juvêncio Mariz, primeiro prefeito da cidade. Seu grupo político foi de curta influência na primeira década do século XX.

³² Com a intervenção política acontecida em Caruaru em 1911 e a respectiva queda do portismo, ganhou força política o Cel. João Guilherme de Pontes, que exerceu forte influência política na primeira metade do século XX, quando, por diversas vezes, se elegeu prefeito ou fez seus sucessores. Seu filho, Gercino de Pontes, e seus

primeiras e ferrenhas lutas entre proprietários, militares da guarda nacional, comerciantes e industriais, disputando o controle da cidade através das primeiras eleições. A política se tornaria uma questão central para esses grupos, que se afirmavam no espaço da cidade, uma vez que, com as mudanças na cidadania trazidas pela Constituição Republicana de 1891, tiveram de se reordenar em articulações com as oligarquias estaduais e estabelecer outros mecanismos de controle do poder local. Daí esses grupos travarem muitas batalhas pelo controle dos votos e se constituírem em grupos de disputa pelo controle do poder público que lhes dava a segurança para defender seus interesses.

A título de exemplo, para ver como esses grupos se articularam ou desarticularam, podem-se mencionar as agitações políticas que sacudiram a cidade de Caruaru em resposta às redefinições políticas do país e do Estado de Pernambuco em episódios marcantes, como “Política das Salvações”, a “Revolução de 30”, o “Estado Novo”, o “Golpe de 1964”, etc., momentos históricos em que o reordenamento de forças políticas estaduais e locais provocou tensões e instabilidade política em Estados e Municípios do Brasil inteiro.

Em meados do século XX, os grupos políticos que disputavam o controle do poder público em Caruaru já se articulavam de forma mais clara com a política nacional. Pessedistas,³³ Udenistas³⁴ e outros travaram, durante a redemocratização dos anos quarenta, as principais lutas, numa cidade que crescia em números populacionais, no volume de seu comércio e arrecadação fiscal, acirrando as disputas entre esses grupos, que passam a disputar, em nome da civilidade do espaço urbano, as verbas públicas que resolvessem além de outras, duas questões essenciais para o seu crescimento: a energia e o abastecimento de água.

É necessário lembrar que, embora nas primeiras décadas desse século a cidade fosse administrada por coronéis, desde muito cedo os grupos ligados a atividades comerciais e industriais exerceram forte pressão sobre os dirigentes políticos no sentido de defender os problemas ligados ao comércio local, muitos deles ocupando cargos políticos no executivo e legislativo. De outro lado, é sabido como o Regime Republicano distribuiu ou vendeu, com

netos, Irineu de Pontes Vieira e José de Pontes Vieira, ocuparam cargos políticos na cidade e/ou Estado, sendo seus herdeiros políticos. Os Guilhermistas formavam a mais influente corrente política até a primeira metade do século XX. Eram jocosamente cognominados de “engole-espadas”, numa referência aos seguidores do Gal. Dantas Barreto.

³³ Em Caruaru, à frente do PSD (“ppedistas”), estiveram o Cel. João Guilherme de Pontes e seus herdeiros políticos, os deputados Irineu de Pontes Vieira, José de Pontes Vieira, Abel Meneses, José Carlos Florêncio, entre outros.

³⁴ O partido da UDN (udenistas) era liderado em Caruaru por Tabosa de Almeida, João Elísio Florêncio, Pedro de Souza, José Vitor de Albuquerque, Celso Cursino, Salvador Sobrinho, entre outros.

relativa facilidade, patentes da Guarda Nacional para atender a compromissos eleitorais ou demandas daqueles que queriam ostentar um título e uma espada como símbolo de *status*.³⁵

No que diz respeito às práticas comerciais, sabe-se que o comércio guarda uma relação que se confunde com a própria história da cidade. Registros históricos do século XIX dão conta da existência de feiras que há muito se constituíram em Caruaru. Porém, é somente no início do século XX que grupos comerciais e indústrias ganham força e se consolidam como grupos capazes de interferir na política e defender seus interesses. O exercício de atividades comerciais e de serviços transformou a configuração da cidade, assim como passou a atrair milhares de pessoas em encontros diversos naquilo que se convencionou chamar de “feira de Caruaru”.

A pressão que faziam ao poder público instituições como a União Caixeiral de Caruaru,³⁶ defendendo interesses dos comerciários, embora administrada por comerciantes desde 1911, e, logo em seguida, a Associação Comercial de Caruaru³⁷, aparecendo como uma entidade forte não só à frente dos interesses comerciais, mas exercendo forte influência política e cultural, são exemplos de como o comércio foi se tornando elemento de dinamização social e urbana, bem como, ainda, um espaço em que grupos sociais lutavam para se impor na cidade.

Indústrias descaroçadeiras de algodão, cortumes de beneficiamento de couro, casas bancárias – Banco Popular –, casas comerciais diversas, órgãos públicos fiscais e de serviços atraíam uma pluralidade de personagens sociais como comerciantes, políticos, funcionários públicos, comerciários, operários, lombadores, feirantes, pedintes, entre tantos outros que, no espaço urbano, interagiam traçando suas estratégias de sobrevivência.

Quando se examinam os jornais da primeira metade do século XX, a Associação Comercial aparece sempre como um grupo de pressão muito presente no cotidiano da cidade, atuando além das questões ligadas ao comércio. No plano cultural, a principal festa da cidade, em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, passou a ser organizada majoritariamente pelos comerciantes, tanto que ficou até conhecida, a partir dos anos trinta, como a “Festa do Comércio”, que se constituiu numa das festas mais badaladas do interior até os anos sessenta.

³⁵ A esse respeito, ver LEAL. Victor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto*. Rio de Janeiro: SIE, 1948.

³⁶ Essa instituição foi fundada em 1911 e chegou a ter um jornal no qual defendia seus interesses, “A União”, o qual circulou em períodos alternados entre 1912 a 1934.

³⁷ A Associação Comercial de Caruaru existe desde 1920. Os jornais “Cinco de Novembro”, “Jornal de Caruaru”, “Vanguarda”, “Jornal do Agreste” e “A Defesa” estão cheios de manchetes que demonstram como os comerciantes formavam um grupo de pressão atuante no cenário da cidade. O curioso, nesse sentido, é que antes de se organizarem em uma associação, os comerciantes de Caruaru primeiro cuidaram de organizar os comerciários para melhor controlá-los.

De forma muito sumária, razões como essas explicam, em parte, a força política de comerciantes, pequenos industriais que em pouco tempo ganhavam importância, enquanto outros grupos sociais ligados às atividades agrícolas migraram para o comércio ou conheceram uma crise sem precedentes após os anos cinquenta. A falência do Curtume Souza & Irmãos e da Fábrica de Fibras Caroá, que ocuparam um papel importante no beneficiamento do couro e fibras dos anos vinte aos anos sessenta, sinalizam o esgotamento das atividades agrícolas no município de Caruaru.

O exercício da imprensa também foi um outro aspecto importante que acompanhou a urbanização da cidade. A edição de jornais e revistas e outras formas de comunicação escrita constituem uma mudança radical na vida das pessoas, assim como na maneira de transmissão da memória social. Além de periódicos da imprensa da capital, pode-se encontrar a edição de diversos jornais e revistas que eram impressos e circulavam na cidade e na região. Alguns editados eventualmente, outros regularmente, expressavam a voz de grupos políticos, religiosos e econômicos, mas também eram editados em ocasiões festivas.

Esses jornais, em sua maioria, tiveram existência efêmera, de vez que eram mantidos por grupos políticos, pelos anúncios dos comerciantes e pela colaboração voluntária de intelectuais da própria cidade, ou reproduzindo colaborações vindas da capital. Sendo a maioria da população analfabeta, sabe-se que sua circulação era muito restrita nas primeiras décadas, no entanto uma imprensa ativa já se afirmava nos anos quarenta e cinquenta, com a circulação de pelo menos dois ou três jornais e/ou revistas literárias, paralelamente editadas.

No final dos anos quarenta, a organização da ACI³⁸ (Associação Caruaruense de Imprensa) já aglutinava interesses da imprensa local e se articulava com a imprensa da capital. Eram patrocinadas conferências, congressos de jornalismo, palestras e apresentações de poetas e artistas que circulavam pela cidade divulgando seus livros, poemas e outros tantos trabalhos.

Brigas políticas, atos oficiais, religiosos, colunas sociais, anúncios e artigos diversos aparecem estampando as principais manchetes dessa imprensa. Mas logo ela se tornaria um espaço público de enfrentamento de lutas políticas e culturais, envolvendo diversos interesses pelo poder e privilégios na cidade de Caruaru. A linguagem escrita foi se tornando um mecanismo importante para grupos sociais que, no âmbito da cidade, buscavam se estabelecer e se afirmar.

³⁸ A Associação Caruaruense de Imprensa (ACI) foi fundada em 1949, com o objetivo de articular os interesses da chamada “imprensa matuta”.

É provável que a existência dessa imprensa na cidade marque lentamente a passagem de uma sociedade em que a memória social, até então passada de forma eminentemente oral, encontra nos jornais uma outra maneira de transmissão dos valores do passado. A publicação de um número considerável dessa nova forma de escrita vem, em certa medida, explicar esse fenômeno. Daí, a importância dessa imprensa na construção de uma memória histórica onde se desenharam as primeiras letras da história da cidade.³⁹

O espaço da imprensa jornalística foi fundamental para os grupos sociais que na arena cidadina se batiam pelo poder. Enquanto a cidade se modificava na velocidade das modernizações, o registro escrito, a fotografia, tão presentes nesse tipo de imprensa, apareciam como mecanismo de permanência diante de acontecimentos efêmeros que pareciam trazer um mistura de encanto e perda.

Folheando as páginas de alguns jornais editados em Caruaru a partir das primeiras décadas do século XX, encontram-se diversos artigos e colunas que se referem de maneira ainda vaga à história da cidade. Na medida, porém, em que ela vai se modernizando, esses relatos vão-se reproduzindo com mais força. Recorrendo a testemunhos orais, muitos desses jornais se esforçavam para resgatar o passado da cidade, explicar o significado do vocábulo “caruaru”, como também reproduzir uma História no sentido herodotiano da palavra, qual seja, o de preservar a memória dos feitos daqueles personagens, fatos e acontecimentos que marcaram os caruaruenses.

As disputas por um lugar nos registros escritos desencadearam debates intensos, nos quais a força para figurar como sujeito e imprimir sua marca na história será uma maneira de grupos e sujeitos lutarem pelo poder e fugirem à ameaça do esquecimento diante de tempos fugazes. Já é possível encontrar, embora de forma avulsa e geralmente em datas comemorativas, discursos que tentam encontrar elementos que definam algumas imagens da cidade nas quais esses grupos e sujeitos vão ocupando um lugar privilegiado.

Do ponto de vista cultural, desde as primeiras décadas do século XX, diversas práticas foram envolvendo personagens sociais na cidade. A imprensa local registra referências a festas religiosas e “populares” como missas, pastoris, reisados, saraus, vaquejadas, cavalhadas, entrudos, folguedos. Mas não demorou até que outras práticas culturais se misturassem e até superassem as antigas formas de expressões, quando se intensificou um maior relacionamento entre a cidade e outros centros, como Recife.

³⁹ Sobre os muitos jornais e revistas que circularam em Caruaru na primeira metade do século XX, ver NASCIMENTO, Luiz do. *História da Imprensa de Pernambuco* (1921-1954), vol. 11 Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1986-1994, p. 279-404.

O cinema foi uma dessas práticas que se inseriam nas transformações que se processavam na cidade. O Cine Luso Brasileiro, Cine Avenida, Cine Santa Rosa, Cine Caruaru, como tantos outros que existiram na cidade na primeira metade do século XX, atraíam dezenas de curiosos para assistirem às exhibições de filmes projetados na grande tela. As páginas dos jornais desde os anos vinte estão cheias de propagandas alardeando exhibições de fitas em sessões exibidas quase que diariamente. Uma nova forma de lazer se constituía na cidade, atraindo grupos sociais diversos para assistir a sucessos da “sétima arte”.

Não menos atração exerceram, animando as mais variadas festas, aniversários, bailes, desfiles, retretas, carnavais, comemorações cívicas e religiosas. A Banda Nova Euterpe, a Banda Comercial e, em seguida, as bandas existentes desde o início do século XX na cidade, a Central Jazz, não só animavam populares na cidade, como disputavam entre si concursos e exhibições, guardando rivalidades e animando ouvintes de hinos, marchinhas e sucessos de artistas regionais, nacionais.

O carnaval constitui uma outra página das manifestações que se processavam na cidade de Caruaru. Os blocos de carnaval, Clube 914, Sapateiros em Folia, Centro Pequeno, Vassourinhas, Abanadores, Periquitos, Bela União, Batutas de Caruaru, Toreiros, Bela Rosa, Lira de Ouro, Sou Eu o Teu Amor e muitos outros aparecem ocupando e agitando as ruas da cidade em corsos carnavalescos, desfiles e concursos. Diversos foliões ganharam notoriedade no comando dessas manifestações: Mestre Tota, Chico Porto, Cacho de Coco e muitos outros.

Nos esportes, o futebol, como vinha acontecendo em várias cidades do Brasil, se tornou uma febre, atraindo um número crescente de praticantes curiosos. Desde o fim da década de dez, a cidade já registra a existência do Esporte Clube Caruaru e do Central Esporte Clube. Depois vieram o Vera Cruz, Centro Rosarense, Comércio Futebol Clube, São Paulo e outros, que travavam entre si, mas também com outros clubes de cidades diversas, partidas agitadas. Campeonatos, torneios e celebrações integravam cidades de Pernambuco e de outros Estados. A paixão pelo futebol foi tão forte em Caruaru que a página esportiva ganhou um papel de destaque nos jornais que circulavam na cidade. A cobertura jornalística registra páginas inteiras dedicadas às resenhas e imagens das partidas, atletas e técnicos.⁴⁰

⁴⁰ A partir de 1941, os clubes de futebol da cidade de Caruaru já se organizavam através da Liga Desportiva Caruaruense. Eram comuns excursões desses times a diversas cidades de Pernambuco e de outros Estados, como também a recepção de caravanas de diversas cidades para partidas de futebol bastante concorridas, sobretudo quando se tratava de times da cidade do Recife, como Santa Cruz, Sport e Náutico, dos quais se guardavam grandes rivalidades.

Acrescente-se ainda que, no espaço da cidade, diversas formas de diversão passaram a atrair os mais personagens citadinos. Cassino como o Caruaruense, clubes como Intermunicipal, Caruaru Tênis Clube e Comércio Futebol Clube se tornaram espaços de socialização e encontros sociais diversos no interior da cidade. Os Cabarés também escreveram uma página de destaque na vida boêmia da cidade. No pé do monte, na rua 10, no Night Club, as noites da cidade ficavam mais longas em encontros e desencontros regados a música, bebida e sexo.

É nos anos cinqüenta que são lançados os vetores que patrocinam o dinamismo social da cidade. No início da década, Caruaru já havia alcançado a categoria de cidade episcopal. A condição de sede de bispado, consolidava a cidade para além de centro econômico, como um centro religioso, em torno do qual se congregavam várias outras cidades, em atividades e movimentos religiosos que a Igreja Católica desenvolveria no agreste de Pernambuco.

Ao longo da década, a energia, a água, o telefone, os sistemas radiofônicos e as faculdades de ensino superior vão trazer uma dinâmica diferente às práticas sociais no conjunto da cidade. A chegada da Energia, vinda de Paulo Afonso através da CHESF, permitiu, em caráter permanente, substituir antigos geradores de energia que abasteciam em horários alternados a cidade. Isso foi fundamental para a dinâmica de suas atividades econômicas, aliviando o poder público que dependia de empresas particulares ou de geradores públicos que forneciam essa energia a certas áreas da cidade a preços caros, e, geralmente, apenas no horário noturno.

Dados populacionais também ajudam a explicar as modificações ocorridas no cenário da cidade. De uma população que não chegava a 60.000 pessoas até a década de 30, dados do IBGE nos mostram uma população de 100 mil pessoas, das quais perto de 50 mil vivendo na faixa urbana, pelo censo de 1950. Mas sabemos que nos dias de feira, festas e atividades culturais, religiosas e políticas diversas, as ruas se enchiam de milhares de pessoas que visitavam a cidade para operações comerciais de compra, venda e troca, como ainda para participar das festas de natal, comícios e outras atividades sociais, o que aumentava sobremaneira esse número.⁴¹

Destaca-se ainda o papel exercido por escolas como o Ginásio de Caruaru, o Colégio Sagrado Coração, Vicente Monteiro, Sete de Setembro e dezenas de outras escolas

⁴¹ Conforme o censo de 1950, a cidade aparece com cerca de 102.877 habitantes, sendo 43.501 vivendo aglomeração urbana. FERREIRA, Jurandir Pires. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, Vol. XVIII. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

públicas, que tiveram de educar as novas gerações no novo modelo de nação, de região e de cidade que estavam ali se desenhando. Os feriados nacionais, estaduais e locais, as comemorações cívicas e religiosas passam a ser momentos em que essas escolas patrocinavam rituais e celebrações nesse sentido. Por outro lado, o número crescente do alunado na cidade implicou também o aparecimento das primeiras manifestações estudantis.

Por tudo que foi exposto até aqui, pode-se perceber a cidade de Caruaru sendo tecida a partir de diversas práticas sociais. Paralelamente, os grupos sociais em luta no espaço urbano passam a lutar também no âmbito dos discursos e das imagens para construir uma identidade e dar à cidade os símbolos e signos com os quais os cidadãos constroem seus laços identitários. O espaço urbano, enquanto espaço de usufruto das novidades modernas, se afirmava em experiências cidadinas que pareciam confirmar a idéia da cidade como o lugar específico da civilização e do progresso. É nesse contexto que a escrita aparece como uma questão fundamental para antigos e novos grupos sociais, que nesse momento procuravam seu lugar na história.

A força exercida por proprietários, comerciantes, operários e grupos de profissionais liberais e outros que na cidade se constituíram enquanto grupo de pressão, luta e resistência, no exercício de suas práticas, acabou por constituir a própria cidade. Em meados do século XX, somar-se-ia a estas práticas um esforço discursivo para dotar a cidade de uma história. Nesse sentido, o argumento histórico que se está formulando nesse trabalho é o de que a produção discursiva que se vai articulando a partir da década de cinquenta, especialmente próximo ao centenário de Caruaru, é um poderoso emissor de signos que cria as imagens e referências com as quais a cidade vai se afirmando.

Muito além de meras descrições, estes discursos são reveladores das disputas entre sujeitos e grupos sociais no jogo das tensões que envolvem uma memória sobre o passado da cidade. Essas disputas ganham significado histórico dentro da premissa de que

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da História são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.⁴²

A marca do tempo talvez seja aquilo que mais se expresse nesses discursos. Eles são também uma resistência às mudanças socioculturais que colocavam a cidade diante da

⁴² LE GOFF, Jacques. História e Memória. 5ª ed. Campinas SP: Editora da Unicamp, 2003, pág. 422.

modernidade brasileira, num cenário em que tradições e modernizações se chocavam, se imbricavam operando de forma diversa. Escrever era, diante da velocidade das mudanças, como guardar aquilo que ameaçava desaparecer. Dava o sentido de permanência que a vida fazia dissolver a todo instante diante das perdas das modernizações. Diante de um presente cheio de incertezas, o resgate do passado pela memória dava segurança.

Pensar a cidade de Caruaru neste contexto histórico é pontuar as condições de possibilidade em que esses discursos emergiram e recortar as especificidades de sua produção. Quando se analisam os narradores de Caruaru, observa-se que essas narrativas se dão dentro de suas experiências de vida, portanto elas são narradas em articulação à memória pessoal e, ao mesmo tempo, às memórias das memórias de seus antepassados. Nesses filtros de memória, a recorrência a mitos fundadores, cenários naturais, personagens e acontecimentos importantes são reconstituídos como se fosse possível agarrá-los no passado e trazê-los ao presente. Esses discursos, muito além de serem meras descrições do passado vivido, são instituidores de espaços, territórios e lugares que desenham a cidade de Caruaru. Ao mesmo tempo, são reveladores e indicadores de diversas práticas sociais, como se poderá ver mais adiante.

Vozes de uma cidade “centenária”

O que é uma cidade? Que tramas e artimanhas discursivas constituem e instituem a história de uma cidade, fazendo dela um instrumento através do qual indivíduos e/ou grupos sociais constroem noções de pertencimento e identidade? É partindo de questionamentos como esses que se problematizam algumas falas e relatos que, ao narrarem Caruaru, vão além de simples descrições do espaço urbano para assumir a condição de práticas inventivas desse espaço. Afinal, como nos chamou atenção Certeau⁴³, “todo relato é um relato de espaço”; assim, a escrita da cidade é também uma prática organizadora e instituidora do espaço cidadão.

Para além da materialidade através da qual se projeta a cidade, um conjunto de idéias, sentidos e imagens é construído pelos que vivem suas experiências cotidianas no espaço urbano. Experiências que se expressam através de sonho, desejo e resistência, amalgamados na cidade, e cuja multiplicidade revela não apenas a pluralidade da cidade, mas igualmente a

⁴³ CERTEAU, Michel de. “Relatos de Espaços”. In: *A invenção do cotidiano – Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 199-207.

pluralidade dos sujeitos que a inventam. Materialidade, memória, imaginário, texto e retórica são caminhos pelos quais podemos penetrar os labirintos da cidade a nos provocar, “deciframe ou te devoro”.

No que se refere a Caruaru, é possível interpelar os labirintos que desenham a cidade tomando como pretexto de interlocução não apenas a sua materialidade, expressa nos mapas e no discurso urbanista, mas também aquilo que se pode capturar do imaginário urbano a partir de uma leitura histórica dos textos que desenham a cidade a partir da década de cinquenta, não por acaso quando esta cidade se torna “centenária”.

Esses textos, na verdade, são discursos representativos de vários interesses sociais que emergiram num momento datável, se somaram e se repetiram para instituir uma cidade. São textos que emitem signos e produzem sentidos, capturando para dentro de um lugar específico tantos sujeitos. No caso de Caruaru, terra de gente famosa, uma “princesa” que virou “capital” e depois um “país” no interior das tradições nordestinas.

Examinando as representações construídas sobre a cidade de Caruaru até meados do século XX, identificamos que ela aparece como “Terra dos Avelozes”, a “Princesa do Sertão”.⁴⁴ Essas representações constituem esforços dos grupos sociais que atuam na arena cidadina para definir uma primeira imagem da cidade em torno da qual pudessem construir seus primeiros laços identitários, bem como dotá-la de visibilidade no Estado de Pernambuco.

Em grande parte, a imprensa local e a literatura de Mario Sette⁴⁵ cumpriram essa função de instituir as primeiras imagens da cidade. A propósito do escritor recifense, a cidade de Caruaru também ganhou um lugar de destaque em sua escrita, ao lado de Recife, para quem aquele escritor dedicou a maioria de seus livros. De suas temporadas em Caruaru, Sette encontrou inspiração para muitos de seus personagens, contos e até romance.

⁴⁴ O aveloz é um arbusto de origem asiática, seu nome científico é *Euphorbia tirucalli*, da família Euphorbiaceae. A esse respeito, ver BRAGA, R. *Plantas do Nordeste (especialmente do Ceará)* 3. ed. Ceará: Ed. Mossoroense, 1978. O arbusto de cor verde esmeralda é adaptado a climas seco e quente, foi introduzido na cidade no início do século XX. Discursos na imprensa caruaruense acabaram por torná-lo um símbolo na cidade. As crônicas de Godofredo de Medeiros, que chegou a fundar o jornal *Aveloz* (1935), acabaram por instituir o arbusto como natural do lugar. Em 1956, Zacarias Campelo e Rosalino da Costa Lima também dedicariam em “*fatós Históricos e Pitorescos de Caruaru*” um capítulo para falar daquele arbusto. Já “princesa”, título remanescente dos quadros do império, lembra muitas cidades e lugares no Brasil que eram assim adjetivados.

⁴⁵ Mario Sette colaborou intensamente na imprensa recifense e caruaruense, escrevendo muitas crônicas, memórias e histórias, entre as quais a cidade de Caruaru era o tema central ou aparecia como pano de fundo de suas análises. Em Caruaru, foi possível encontrar uma série extensa de seus escritos em vários jornais. Nos anos 10, sua vinculação com a família Porto foi evidente. Não por acaso, suas colaborações são mais expressivas nos jornais “*O Caruaruense*” durante a década de 10; “*Jornal de Caruaru*”, entre 1928 - 1930, quando foi redator, até que o jornal deixou temporariamente de ser editado. Mas voltou a escrever quando o mesmo jornal voltou a circular, entre os anos de 1946 e 1953. É possível encontrar, ainda, muitas de suas crônicas em “*A União*” e “*Vanguarda*”, jornais de Caruaru.

Para o escritor, Caruaru aparecia, nas primeiras décadas do século, como uma cidade em que as modernizações não haviam apagado as tradições, como vinha ocorrendo na cidade do Recife, onde ele morava e observava com preocupação. Por isso, sua escrita buscou guardar as paisagens, comportamentos e singularidades de sujeitos que os novos tempos ameaçavam modificar. O ponto de partida de Sette é o conflito entre o velho e o novo, a tradição e o progresso, este último, como nos mostrou Rezende, visto com desconfiança por aquele escritor.⁴⁶

Daí os avelozes, o Monte Bom Jesus, as baraúnas, as rendeiras do cedro, os matutos e outros personagens de Caruaru também encontrarem espaço em sua escrita. Para Mario Sette, Caruaru era dos sertões a “princesa serrana”, onde ele gozava férias e encontrava o conforto de suas referências culturais que outros tempos vinham modificando na capital pernambucana. Em razão disso, ele via Caruaru como *a mais linda, a mais doce, a mais acolhedora das cidades serranas de Pernambuco*.⁴⁷

Até meados do século XX, suas crônicas aparecem com frequência na imprensa local. Usando de sua habilidade e autoridade de escritor, além de suas relações políticas, Mario Sette abordava a cidade nos seus mais diversificados aspectos. Ora defendendo lideranças políticas e suas respectivas administrações em Caruaru, ora falando de aspectos pitorescos, como hábitos e costumes do povo do interior. *Princesa Serrana, Metrópole do Agreste* são algumas das imagens com as quais o escritor recifense desenhou Caruaru.⁴⁸

Em meados dos anos cinquenta, quando das comemorações do centenário, aquele que foi seu maior cronista até aquele momento foi lembrado. *O Documento Ilustrado do Primeiro Centenário de Caruaru* trouxe, atualizado por Hilton Sette⁴⁹, uma série de artigos que procuravam mostrar como Caruaru foi uma cidade que evoluiu de *curral a metrópole do Agreste*. Trata-se de uma série de relatos, retirados das crônicas de Mario Sette, em que o autor dá voz a personagens diversos, num enredo que vai desenhando a cidade a partir da fazenda de gado ao seu progresso, até meados do século XX.⁵⁰

⁴⁶ REZENDE, Antônio Paulo. Op. Cit., p. 96-98.

⁴⁷ SETTE, Mario. *A Filha de Dona Sinhá*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante no Brasil, 1952.

⁴⁸ Sobre algumas de suas publicações em que Caruaru aparece, ver SETTE, Mario. *Sombras de Baraúnas*. Contos. Recife: Ed. Livr. Chardron, de Mello & Irmão – Porto, 1927; SETTE, Mario. *Memórias Íntimas: caminhos de um coração*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1980.

⁴⁹ O escritor Hilton Sette, assim como o pai, também frequentou Caruaru, assim como colaborou em sua imprensa. Nos anos 70, escreveu um livro falando de suas histórias de Caruaru. A esse respeito, ver SETTE, Hilton. *Zé do Foguete*. Coleção Recife, vol. XXXII. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1984.

⁵⁰ *Documentário Ilustrado do Primeiro Centenário da Cidade de Caruaru*. Caruaru, Maio de 1957.

Mário Sette havia voltado a escrever sobre a cidade de Caruaru no final da década de quarenta, depois de uma longa temporada de ausência que atravessou os anos trinta. A partir da redemocratização dos anos quarenta, suas crônicas podem ser encontradas com frequência publicadas no Jornal de Caruaru. O escritor morreu em março de 1950, e suas impressões sobre a cidade em meados do século revelam nostalgia e desconfiança:

A cidade cresceu de mais. Perdeu seu encanto, o seu pitoresco das cidadezinhas do interior. Não mais o ar de uma grande família abrangendo toda a sociedade local. A população acompanhou-a em seus passos de gigantes. Tornou-se heterogênea, complexa, quase anônima. Em compensação, ruas e avenidas magníficas com excelente calçamento, maior número de praças ajardinadas, maior número de bairros novos e periféricos ostentando verdadeiros desfiles de modernos estilos arquitetônicos, sede de bispado, grandes fábricas, importante praça comercial, estradas pavimentadas para o Recife, sem falar nos cinemas, nos clubes recreativos, na liga de futebol, nos estabelecimentos de ensino, na imprensa, na radio-difusora, na elite da cultura, nos hospitais e casas de saúde, etc.⁵¹

Sob a forma de crônicas, romances, canções e memórias, um intenso debate sobre a cidade vai sendo posto na cena pública a partir dos anos cinquenta. Partindo de diferentes – e às vezes contraditórias – vozes que ecoavam de diversos lugares, muitos discursos convergiam para um mesmo lugar: buscavam, articulando presente e passado, recobrir Caruaru com uma identidade fixa e centrada. Os principais meios de circulação desses discursos eram os jornais, livros, canções populares, revistas e folhetos que iam recitando as especificidades da cidade.

Veja-se a esse respeito o soneto *Princesa Agreste*, que uma articulista dedicou a cidade:

Terra de Canaã! Caruaru Princesa!
Minha gleba bendita ornada de esperança
Luminosa e fecunda, em ti mantenho acesa,
A Fé que move a rocha, a Fé que jamais cansa.

O Ipojuca – o teu rio osculando a devesa,
Nas enchentes que tem, sorri como criança,
E a água que canta e ri banhando a camponêsa,
Dessedenta e seduz e o nosso bem alcança.

No teu dôce aconchêgo as horas são velozes
Na esmeralda visão da natureza agreste
Do Morro Bom Jesus riscado de avelozes.

Sob o teu céu azul cobalto brasileiro,
Pátria de coração, que esse infinito veste,
Jesus vela por ti no cume do cruzeiro!⁵²

⁵¹ Apud. *Documentário Ilustrado do Primeiro Centenário da Cidade de Caruaru*. Caruaru, Maio de 1957.

⁵² *Jornal do Agreste*, 28.06.53, p. 2.

Toda uma produção cultural, a princípio dispersa, vai se articulando para instaurar um lugar específico para Caruaru. Esse é o período em que várias produções, vinda de vários agentes culturais, emergem para figurar imagens e dar visibilidade à cidade. Não por acaso, a procura pela identidade local coincide com a redefinição geográfica e de poder por que passa o Brasil e Pernambuco nesse período.

O espaço para falar da cidade a partir dos anos cinquenta estava assegurado na medida em que uma cartografia regional estava se configurando com os discursos que, desde as primeiras décadas, vinham inventando o Nordeste⁵³. Assim, cartografar a cidade de Caruaru dentro da nação, da região e de Pernambuco será uma tarefa reivindicatória dos grupos sociais que disputam, no seio da cidade, o poder e o domínio político.

Não é à toa que Caruaru se enquadra como uma peça importante na montagem desse quebra-cabeça. Em meados do século XX, o espaço nordeste já está subdividido em “Mata”, “Agreste” e “Sertão”. Estando enquadrada no Agreste, muitas vezes aparecem para afirmar uma identidade para a cidade de Caruaru: “A capital ou princesa do agreste”. Assim, a identidade cidadina foi uma questão que se impôs a indivíduos e grupos sociais que passaram a conviver com a necessidade de construir a idéia de uma cidade com a qual pudessem marcar seu lugar dentro de outros espaços que se construía, especialmente o agreste.

Movidos pela força econômica do comércio e pela influência na política de Pernambuco, comerciantes, políticos, religiosos, intelectuais passam a reivindicar um lugar de destaque para Caruaru e, assim, uma rede de saberes sobre a cidade vai se desenhando a partir da ação de políticos, intelectuais, jornalistas e poetas, que com seus relatos vão enfocando as especificidades da cidade. E aí reside um fato curioso: como se verá, as marcas identitárias de Caruaru estão especialmente articuladas ao exótico e ao popular. Mas essas marcas só ganham visibilidade a partir da emissão de discursos por sujeitos letrados, portadores da fala competente⁵⁴ que dirá, afinal, o que é a cidade.

Do final dos anos quarenta, o passado da cidade passa a ser foco de interesses de vários grupos sociais que, através especialmente dos jornais, passam a construir a idéia de uma cidade em franco progresso. Vários desses jornais ostentam colunas semanais cujos títulos já nos demonstram como a reinvenção do passado se tornou a tônica que movia sujeitos em busca de ligar tempos tão diferentes: “Crônicas do Passado”, “Aconteceu em

⁵³ Sobre a Invenção do Nordeste, ver ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortês, 1999.

⁵⁴ Para uma noção de “lugar da fala competente”, ver: FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

Caruaru”, “Você sabia que”, “Craques do Passado”, “Retrospectos”, “Caruaru de meu tempo”, são algumas das colunas nas quais memorialistas vão reproduzindo uma memória-história dominante.⁵⁵

O Jornal de Caruaru, em nota datada de janeiro de 1949, estampa a seguinte manchete: “A história de Caruaru”. O artigo, escrito por Francisco Pinto, faz alusão ao programa exibido pela Rádio Jornal do Comércio em 23 de janeiro do mesmo ano, cujo título era “De Curral a Princesa”. Conforme o artigo, o programa radiofônico se serviu de rádio-atores que encenaram uma história em que as origens da cidade de Caruaru estavam no curral de gado, no trabalho de vaqueiros e na atuação de destaque do proprietário José Rodrigues de Jesus. Das origens, o programa seguiu relatando outros fatos e acontecimentos que transformaram Caruaru numa “cidade princesa”.⁵⁶

Nesse ambiente de procura pelas origens da cidade, para explicar a origem do vocábulo “caruaru”, identificar seus heróis ou personalidades importantes e pitorescas, efemérides, acontecimentos marcantes que figurariam numa “história de Caruaru”, é que nascem muitos discursos reivindicativos, celebrativos, carregados de saudades ou de mágoas, que têm na volta ao passado a chave para encontrar as raízes e a história da cidade diante do tempo que ameaça as tradições. O Poeta Lycio Neves, que Morou em Caruaru, assim se pronunciou em *descrição resumida de Caruaru, cidade que não tem um origem certa*:

Uma cidade começa assim:
 Com os seus inventos
 De ser uma planta
 Uma cidade é a
 Parte do solo
 Que inicia
 Seus habitantes
 E aparece
 uma cidade
 Com os seus nervos
 Em construção
 Ou talvez um animal articulado
 Continuando
 O seu prolongamento⁵⁷

A projeção de intelectuais caruaruenses no cenário nacional foi amplamente utilizada para figurar a imagem de uma cidade privilegiada. Nesse sentido, muitos nomes

⁵⁵ Essas colunas podem ser encontradas no jornal Vanguarda, Jornal de Caruaru, Jornal do Agreste e A Defesa, do final dos anos quarenta a meados dos anos cinquenta.

⁵⁶ Jornal de Caruaru. 30.01.49, p. 3.

⁵⁷ Jornal Vanguarda 18. 05.57, p. 3.

“caruaruenses” foram enfocados. A princípio, a atuação de Limeira Tejo na imprensa de Caruaru e Recife, depois em jornais cariocas, paulistas e gaúchos, igualmente com a publicação de vários de seus livros, os quais circulavam por todo o país. Nos meios literários, a ascensão de Austregésilo de Ataíde e Álvaro Lins à Academia Brasileira de Letras não só projetava o nome de Caruaru como servia aos discursos que exaltavam a cidade como berço de ilustres figuras.

Álvaro Lins⁵⁸, em especial, chamaria bastante atenção dos caruaruenses. Sua atuação na imprensa e na crítica literária brasileira foi bastante expressiva entre os anos quarenta e sessenta. Nos anos cinquenta, o escritor passou a ocupar cargos políticos importantes, como Ministro da Casa Civil e Embaixador em Portugal no governo de Juscelino Kubtscheck de Oliveira. Apesar disso, as relações de Lins com os caruaruenses não eram muito cordiais desde a sua derrota nas eleições da redemocratização, quando o escritor postulava uma vaga à câmara federal. Em Pernambuco, jornalistas e escritores como Mario Sette, Augusto Tabosa, Cacilda Santos, Mario Limeira Alves, Claribalte Passos, Lycio Neves, Wandragésilo Neves, podem ser inscritos entre aqueles que contribuíram para que Caruaru fosse vista como berço de uma cultura letrada.

No mesmo caminho, desde meados dos anos quarenta a família Condé ganha notabilidade na capital da república. Os irmãos Condé, sobretudo João e José, construiriam fortes laços nos círculos intelectuais da imprensa e da literatura, tendo divulgado crônicas, ensaios, poemas, novelas e romances em que a cidade de Caruaru aparece como tema. Os Condés, além de manterem laços de comunicação intensa com a cidade, também a projetavam no seu *Jornal de Letras*⁵⁹, onde expunham poemas, memórias e histórias diversas. Na literatura de José Condé, a cidade de Caruaru é tema recorrente a partir de 1945, período de profunda revisão crítica da própria realidade nacional.

A maioria dos intelectuais de Caruaru identifica-se com o mito das “raízes culturais” que ligam sujeitos e lugares. Muitos deles, deslocados culturalmente, mantiveram relações com seus conterrâneos, amigos, parentes, ou encontraram na escrita uma ponte que os colocava em sintonia com a cidade. O fato é que a projeção nacional que conquistaram foi bastante utilizada pelos grupos locais para amarrar seu sucesso à “grandeza” da cidade. Não é

⁵⁸ Além de se destacar na crítica literária, Álvaro Lins ocupou durante o governo Juscelino Kubtscheck o Ministério da Casa Civil e, em seguida, a embaixada do Brasil em Portugal, quando rompeu com o governo brasileiro por não apoiar o regime ditatorial de Salazar.

⁵⁹ O “*Jornal de Letras*” teve atuação importante de meados dos anos 50 até os anos 80, sob o comando dos Condés, sendo uma referência nos meios literários. O jornal foi fundado em 1949 pelos irmãos Condé, Elísio, João e José, no Rio de Janeiro. Os dois últimos dos irmãos Condé acumularam vasta experiência como escritores em “o *Jornal*”, “*Correio da Manhã*”, “*Revista O Cruzeiro*” e outros. O jornal atualmente circula como uma publicação do Instituto Antares do Rio de Janeiro.

por acaso que muitos relatos estão repletos de frases que insistem em ser Caruaru “a terra de Álvaro Lins” “a terra dos Condés”, e assim por diante.

As “canções populares” cantadas por Onildo Almeida, Jackson do Pandeiro, Luiz Gonzaga, Banda de Pífanos de Caruaru, além de cantadores de feira e outros que passam a cantar e narrar a cidade para o Brasil, também são exemplos ricos em detalhes de narrativas da cidade. No embalo da “era de ouro” do rádio brasileiro, muitas canções aparecerão destacando as qualidades de Caruaru. Rádio e música seriam espaços em que várias vozes passariam a exaltar a cidade e suas coisas exóticas.

Nessa medida várias práticas culturais vão convergindo de forma mais sistemática para configurar uma imagem da cidade, a canção “A Feira de Caruaru”, do então cantor e apresentador de programas de auditório da Rádio Difusora de Caruaru Onildo Almeida, cumpriu o papel de fixar algumas de suas imagens mais recorrentes. A música, a princípio gravada pelo próprio Onildo Almeida, ganharia popularidade e depois o Brasil na voz de Luiz Gonzaga:

A feira de Caruaru
 Faz gosto a gente ver
 De tudo que há no mundo
 Nela tem prá vender
 Na feira de Caruaru

Tem massa de mandioca
 Batata assada, tem ovo cru
 Banana, laranja e manga
 Batata-doce, queijo e caju
 Cenoura, jabuticaba, guiné,
 Galinha, pato e peru
 Tem bode, carneiro e porco
 E se duvidar inté cururu
 Tem cesto, balaio, corda
 Tamanco, gréia, tem tatu
 Tem fumo, tem tabaqueiro,
 Tem peixeira e tem boi zebu
 Caneco, alcoviteiro, peneira
 Boa e mel de urucu
 Tem calça de alvorada
 Que é prá matuto não andá nu

Tem rede, tem baleeira
 Mode menino caçá lambu
 Maxixe, cebola verde, tomate
 Coentro, couve e chuchu
 Almoço feito na corda
 Pirão mexido que nem angu,
 Tem fia de tamborete, que
 Dá de tronco de mulungu
 Tem louça, tem ferro velho,
 Sorvete de raspa que faz jáú
 Gelado caldo de cana,
 Planta de palma e mandacaru
 Boneco de Vitalino, que são
 Conhecido inté no Sul
 De tudo que há no mundo
 Tem na feira de Caruaru.⁶⁰

Em breve, a música se tornaria um verdadeiro hino sobre a cidade. Difundida pelo país, gravada por diversos artistas, se popularizava na medida em que construía uma imagem da cidade e da diversidade exótica de seu comércio. Onildo Almeida vinha de uma família de comerciantes, em que a música era cultivada como lazer, o que lhe facilitou a composição. O esforço do autor para rimar os versos com o vocábulo “Caruaru” não atrapalhou a criatividade. A letra viaja na pluralidade do cotidiano da feira, a riqueza das imagens levantadas pela escrita nos permite passear pela diversidade de práticas sociais como compra, venda, hábitos, costumes, culinária, etc., característicos de um uma sociedade ainda rural ou sertaneja.

Por fim, o ritmo do baião dava o embalo que agradava ao gosto musical de milhares de nordestinos que na letra e na música se reconheciam. O compositor transformou a cidade no grande tema de suas canções: além de “A Feira de Caruaru”, muitas outras composições de sua autoria homenageariam a cidade. A música foi um elemento importante para vender a imagem da cidade na medida em que as relações entre artistas locais com nomes como Luiz Gonzaga, José Dantas, Jackson do Pandeiro resultaram em parcerias em que a cidade esteve como temas em músicas como *Forró de Caruaru*, *Forró de Zé Tatu*, entre outras, desde o final dos anos quarenta.

A música de Luiz Gonzaga continuaria sendo um meio importante para divulgar a cidade. O próprio artista se ofereceu para homenagear a cidade por ocasião da festa do centenário. Para tal, provocou Onildo Almeida para que compusesse uma canção contando a história da cidade. Do que resultou, em parceria com Nelson Barbalho, “Caruaru, capital do

⁶⁰ A feira de Caruaru. Onildo Almeida. ARPA COPACABANA, 1956.

agreste”, na qual, além de narrar a história de uma cidade nordestina, os compositores enfatizaram, em tempos de êxodo, a tristeza daqueles que a deixavam:

Quem conhece o meu Nordeste,
Certamente há de saber;
Que Caruaru do Bonito,
A cem anos veio nascer.

Da fazenda caruru,
Povoado se tornou;
Foi crescendo, foi crescendo,
E a vila logo chegou.

João Vieira de Melo,
Coronel cabra da peste;
Da vila fez a cidade,
Hoje capital do agreste.

Oh cidade encantadora,
Terra do major Dandinho;
Neco Porto, João Guilherme,
Do saudoso Vigarinho.

O progresso foi tão grande,
Tudo, tudo evoluiu;
Tens escola, tens abrigo,
Também hospital infantil.

As igrejas são tão lindas,
Habitantes mais de cem mil;
Pedaço de Pernambuco,
Orgulho do meu Brasil.

Oh, cidade centenária, Caruaru.
És bonita, és lendária, Caruaru.
Teus caboclos estão cantando. Não há terra como tu
Quem está longe está chorando longe de Caruaru
Caruaru, Caruaru.⁶¹

O título da música é bastante revelador da identidade com a qual grupos sociais letrados se esforçam para instituir uma imagem definidora da cidade. A canção ressalta as origens e, a partir dela, os personagens se destacaram para edificar seu decantado progresso, num espaço localizável entre Pernambuco, Nordeste e Brasil, no qual a cidade aparece com seus cem mil habitantes, centenária, bonita e lendária. A novidade da letra reside no fato de que o personagem José Rodrigues de Jesus sequer é citado, sendo João Vieira de Melo o personagem que teria concorrido para a edificação do lugar em cidade.

⁶¹ Caruaru Capital do Agreste, RCA Victor, 1957.

Na imprensa de Recife, as festividades do centenário de Caruaru mereceram ampla repercussão, com detalhe para o Jornal do Comércio, que, no dia dezoito de maio, publicou um caderno especial divulgando fatos e notícias da cidade. Neste caderno o destaque foi o artigo do escritor Mário Melo, falando em nome do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Melo publicou, sob o título *Caruaru: de fazenda a cidade*, um extenso artigo abordando a trajetória histórica da cidade de Caruaru.⁶²

Afirmando ter percorrido os arquivos das sesmarias de Pernambuco, da Biblioteca do Estado, vasculhando manuscritos e publicações, o escritor revela ter encontrado apenas uma referência vaga à palavra “CARURU” e, por isso, concluía de forma “imprecisa” que Caruaru teria surgido da divisão de uma sesmaria ou de um sítio nela encravado, em razão de ter sido dessa maneira em todo o interior do Brasil.

Melo também teve como importante fonte para sua pesquisa o mesmo depoente e fontes de que se valeu o padre Zacarias Tavares: Manuel Nunes da Silva e seus manuscritos. Com a diferença de que a consulta de Melo ao depoente teria se dado no ano de 1937, quando o escritor esteve em visita à cidade. Examinando os papéis de Manuel Nunes, o escritor recifense levantou uma discussão sobre a origem do topônimo Caruaru. A primeira conclusão da pesquisa a esse respeito é que o topônimo CARUARU é uma corrutela de CARURU. A mesma conclusão, portanto, a que teria chegado o padre Zacarias, como apontamos no início do capítulo.

A partir dessa primeira análise, Melo deteve-se a esclarecer o significado de CARURU. Para tanto, remontou monografias e estudos de dicionaristas que já haviam tratado a questão. Suas primeiras conclusões apontaram para o fato de que o termo viria de CARUARA, água contaminada que envenenava os bezerros. Porém, depois de alertar para uma possível vertente africana - CALULU - e a vertente tupi - CARURU - do termo e, ainda, consultar outros especialistas, Melo concluiria que ambos seriam uma espécie de “bredo” comestível que teria originado vários pratos da culinária brasileira.⁶³

O texto de Mario Melo identifica, no papel de José Rodrigues de Jesus, a fundação da Fazenda Caruru e da Capela de Nossa Senhora da Conceição como sendo o

⁶² Jornal do Comércio. *Caderno Especial*, 18.05.57, p. 3.

⁶³ A palavra Caruaru, já a essa altura, ganhava a atenção de diversos dicionaristas, lingüistas e estudiosos que imprimiam à palavra significados parecidos ou diversos. Tornou-se uma palavra polissêmica na medida em que muitas interpretações ainda lhe seriam atribuídas entre Mario Melo, Nelson Barbalho. Porém, as dúvidas em torno do vocábulo ainda renderiam muitas discussões, a esse respeito, ver também FERREIRA, Josué Eusébio. *Ocupação Humana do Agreste Pernambucano: uma abordagem antropológica para a história de Caruaru*. Caruaru, Idéia, 2001, p. 157-170.

núcleo que deu origem a Caruaru. Porém, quando pretende mostrar que Caruaru se tornou Vila por acidente, o escritor oferece uma outra possibilidade de interpretação:

Nenhuma dúvida poderá existir quanto à fazenda Caruru ter sido o local do primeiro povoamento da hoje chamada cidade de Caruaru.

Entretanto, devia ter havido outro povoamento paralelo, pois, antes de ser vila, Caruaru foi sede de importante comarca, embora por pouco tempo, e outra igreja que não a fundada por José Rodrigues de Jesus foi sede da freguesia:

A lei provincial nº. 212 de 17 de agosto de 1848 transferiu a sede da freguesia de São Caetano da Raposa para a de Nossa Senhora das Dores de Caruaru e a sede da comarca do Bonito para Caruaru, que ficou também com jurisdição sobre Bezerros e Altinho.⁶⁴

Em seguida, citando documentos que encontrou no Arquivo Público e na Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, Melo se valeu de sua autoridade de membro proeminente do IAHGP e esboçou a trajetória política de Caruaru. Explorando aspectos políticos e jurídicos, como as leis imperiais que teriam transformado a freguesia em vila e esta em cidade, o escritor identifica os primeiros integrantes da Câmara Municipal, suas reivindicações e atos oficiais.

Depois de percorrer caminhos que lhe levaram da fazenda à vila e à cidade, procurando estabelecer as origens de Caruaru, Melo conclui seu artigo em tom celebrativo:

E nessa marcha de cem anos, sempre na vanguarda, criando novos núcleos que vai emancipando, a engrandecer-se de contínuo, quer material quer espiritualmente, é hoje, afora a capital do Estado, o mais alto galhardete do mastro pernambucano.⁶⁵

De dentro da cidade, o empenho dos poderes públicos, da Igreja Católica, das Igrejas Evangélicas, da Associação Comercial, dos Partidos Políticos, da Maçonaria, do Rotary Club, além da atuação de escritores, jornalistas, artistas e intelectuais, teria concorrido para imprimirem sua marca na festa do Centenário. A festividade, marcada para dezoito de maio de 1957, tornou-se o mote através do qual esses agentes procuraram construir a idéia de uma grande cidade, produto do esforço de sujeitos individuais que impulsionaram o seu “desenvolvimento”.

Desde meados da década de cinquenta, a imprensa escrita e falada da cidade já registra as preocupações para uma grande festa. Programas de rádio, debates na Câmara

⁶⁴ Jornal do Comércio, *Caderno Especial*, 18.05.57, p. 3.

⁶⁵ Jornal do Comércio, *Caderno Especial*, 18.05.57, p. 22.

Municipal, requerimentos ao poder Executivo, crônicas, notas e manchetes de jornais mobilizam as autoridades para um conjunto de iniciativas que vão resultar na formação de uma comissão central para organização da festa do centenário. A proximidade levava inevitavelmente escritores, jornalistas e políticos locais a se questionarem sobre a história da cidade, ainda sem registro oficial. A definição das origens, dos pioneiros, dos heróis, dos fatos e acontecimentos marcantes eram questões que estavam postas para indivíduos e grupos sociais que passariam a disputar um lugar na memória e na história.

É bastante elucidativo dessa discussão o artigo “Centenário de Caruaru”, cuja manchete principal fazia a seguinte alusão: *Um Milhão de Cruzeiros para as Comemorações*. O conteúdo da mensagem resume-se a um Projeto de Lei sugerido à Assembléia Legislativa Estadual pelo então deputado estadual Irineu de Pontes Vieira. O que nos chama atenção nesse artigo não é o valor, e sim o que o citado projeto sugere em seu segundo artigo:

ART. 2º Do auxílio previsto no artigo 1º da presente lei será destinada a importância de cem mil cruzeiros(CR\$100.000,00) para a confecção e impressão do livro “UMA CIDADE FAZ CEM ANOS”(grifo do jornal), de autoria do escritor caruaruense Nelson Barbalho.⁶⁶

Como se pode observar, a preocupação com o registro de uma história para a cidade era motivo de preocupação por parte dos grupos dominantes, para os quais a afirmação da imagem de uma cidade caminhando em direção ao progresso justificava seus interesses à frente do poder público, proporcionava controle social, bem como recortava uma identidade que servia de referência para as populações que viviam no espaço urbano. A indicação para a escrita do livro recaiu sobre o “caruaruense” Nelson Barbalho, que há muito vinha se preocupando com a história da cidade através de suas “crônicas do passado”, “retrospectos” e outras em que publicava nos jornais da cidade e da capital.

A festa do Centenário foi majoritariamente controlada por grupos políticos e religiosos que transformaram o evento num momento de afirmação de seus interesses, como também procuraram dar à cidade a visibilidade necessária para transformá-la numa “capital no Agreste”. A prefeitura Municipal, sob o comando do pessedista Sizenando Guilherme de Azevedo, apoiada nos deputados José de Pontes Vieira, Irineu de Pontes Vieira com articulação na Câmara Municipal junto aos vereadores José Carlos Florêncio, Celso Rodrigues da Silva, Mário Meneses, José Cantídio, José Salvador Sobrinho, Edgar Bezerra dos Santos, entre outros, tomou à frente essas discussões.

⁶⁶ Jornal Vanguarda, 01.05.55 p. 15.

A Igreja Católica, a partir da atuação do Bispo D. Paulo de Souza Libório e do padre Zacarias Lino Tavares assumiria, junto com os políticos, a dianteira do planejamento do evento a ser realizado no dezoito de maio. Um programa extenso foi anunciado: a confecção da estátua do “fundador” da cidade, José Rodrigues de Jesus, inaugurações de hotéis, museus, prédios públicos, realizações de congressos, exposição de artesanato, recepção da caravana de intelectuais organizada pelos irmãos Condé, entre outros, constam do programa. Os convites se estenderam a autoridades, como o presidente Juscelino Kubtscheck, ministros e demais autoridades civis e militares da República. O governador de Pernambuco, Gal. Gordeiro de Farias, políticos e escritores do Estado também aparecem na lista.

A Comissão Central do Centenário também demonstrou preocupação com a história de Caruaru. O jornalista e vereador Celso Rodrigues da Silva, a princípio Secretário Geral da Comissão, desenvolveu uma série de ações no sentido de fazer do evento uma grande festa. Além de atuar na cidade, o parlamentar caruaruense teve a missão de viajar ao Rio de Janeiro para angariar verbas públicas junto ao governo Federal, Ministérios, políticos e demais órgãos públicos. Sua preocupação estendeu-se também à história da cidade. Em artigo publicado sob o título *Cidade sem História*, o político nega que Caruaru não tenha história, mas reforça que o poder público deve financiar o livro a ser escrito por Nelson Barbalho:

Dizer que Caruaru não tem história é afirmativa puramente leviana. Dela não devemos exigir, é certo, os movimentos bélicos que estão a encher as páginas históricas de algumas cidades pernambucanas, cuja existência data de séculos. Mas Caruaru, relativamente nova, tem a sua história desde a luta do desbravador José Rodrigues de Jesus, criando aqui uma civilização que forçou a riqueza contra o meio hostil... (...) Daí o poder público prestar um inestimável serviço ao povo, editando o livro de Nelson Barbalho por ocasião do centenário da cidade.⁶⁷

Apesar da pressão de políticos e jornalistas, o fato é que o livro tão badalado jamais foi editado, e Nelson Barbalho descarregaria sua mágoa anos depois, quando editou seu primeiro livro, em que não perdeu oportunidade para criticar fortemente, com a ironia que lhe era peculiar, as celebrações do Centenário.⁶⁸

Para marcar a ilustre data, a Prefeitura Municipal preferiu editar o *Documentário Ilustrado do Primeiro Centenário da Cidade de Caruaru*, no qual procurou combinar escrita

⁶⁷ Jornal Vanguarda, 04.08.55, p. 8.

⁶⁸ BARBALHO, Nelson. *Major Sinval*. Caruaru: Vanguarda, 1968.

e imagens fotográficas para retratar a cidade. O documento começa mostrando a imagem de José Rodrigues de Jesus como fundador da cidade e, em seguida, exibe fotografias de autoridades locais e nacionais, biografias de políticos situacionistas, comerciantes e industriais, como também estatísticas, registros fotográficos que flagram a cidade em diferentes momentos históricos.

A propaganda oficial deteve-se, principalmente, a mostrar as *classes conservadoras* da cidade como responsáveis pelo seu progresso. Diversas instituições, como a Associação Comercial, Liga Desportiva Caruaruense, Loja Maçônica Dever e Humanidade, Círculo Operário de Caruaru, Lions Clube de Caruaru, além de indústrias e casas comerciais são anunciadas nesse documentário, o que caracteriza seu caráter comercial e político.⁶⁹

O programa do centenário sofreria críticas de vários setores sociais pela não inclusão de demandas da Maçonaria, do Rotary Clube, do Movimento Espírita e da Igreja Evangélica Presbiteriana, bem como pela corrida despudorada pelas verbas públicas. A hegemonia da Igreja Católica e a programação não passaram despercebidas pelo poeta Sinval de Carvalho, em mote que Nelson Barbalho lhe provocou:

(...) Para mim, meu amigo, o Centenário
desta bela cidade sertaneja
foi uma festa exclusiva da Igreja
tendo à frente de tudo seu Vigário
Eu pergunto (aqui muito em segredo
Pois sou fraco e tenho muito medo
que caia sobre mim a excomunhão)
- Onde é que se encontra a exposição
da máquina do senhor Manoel Galdino?
É possível que a indústria de Vitalino
um pote de barro, uma peneira
seja os objetos de uma feira
de amostras das coisas do sertão?⁷⁰

Um ponto de discordância entre a Igreja Católica e a Igreja Evangélica presbiteriana se deu em torno da estátua de José Rodrigues de Jesus, que os católicos insistiam em inaugurar no dia dezoito de maio. O pastor Zacarias Campelo, em nota, repudiou a invenção de uma figura que ninguém jamais havia retratado, como sendo um

⁶⁹ *Documentário Ilustrado do Primeiro Centenário da Cidade de Caruaru*. Caruaru, Maio de 1957.

⁷⁰ CARVALHO, Sinval de. "Amigo Nelson Barbalho". In BARBALHO, Nelson. *Major Sinval*. Caruaru Vanguarda, 1968, p. 15.

desrespeito, além de representar no mármore ou no bronze a perpetuação da mentira e da desonestidade a um preço caro de CR\$600.000,00.⁷¹

O que estava em jogo nesse embate em torno do fundador era mais do que uma simples disputa com vistas para marcar um papel relevante na história da cidade. Caruaru teria sido elevada à categoria de cidade pela Lei Provincial de Maio de 1850, quando a figura política de destaque era o proprietário João Vieira de Melo. A Igreja Católica, no entanto, para mitificar uma outra figura que atendia aos seus interesses, através do padre Zacarias Tavares patrocinou um deslocamento de personagem e de tempo, ao centrar a discussão em torno de José Rodrigues de Jesus, proprietário da Fazenda Caruru e sacristão da Igreja da Conceição, que teria exercido um papel importante para a manutenção daquela capela do final do século XVIII para começo do século XIX.

Assim, a estátua de José Rodrigues de Jesus, exibida como o herói que, por seus atributos morais e religiosos, concorreu para a fazenda erguer a cidade, era a consagração de um projeto que o religioso já vinha desenhando desde o início dos anos cinquenta, quando publicou *Subsídios para a história de Caruaru*, como foi visto no início deste capítulo e que confirmava o papel de pioneirismo à Igreja Católica numa história de Caruaru.

Os debates na imprensa local também apontaram a hegemonia da Igreja Católica na festa do centenário. O articulista Aristides Veras estampou suas críticas nas colunas de Vanguarda⁷² sob o título *Tudo perdido para o catolicismo*, ressaltando que o programa, entre outras coisas, excluía: as festividades de bodas de ouro da Loja Maçônica Dever e Humanidade; o Congresso Evangélico Nacional; Exposição de Livros Espíritas, o lançamento da pedra fundamental do Instituto de Assistência Social do monsenhor Bernardino e, por fim, as bodas de prata do Jornal Vanguarda.⁷³

Porém, a crítica mais severa à comissão do centenário que, enfim, plantou a estátua de José Rodrigues de Jesus como fundador da cidade, nos limites das Avenidas Manoel de Freitas e Rio Branco, foi estampada nas páginas de Vanguarda pelo cronista Henrique de Figueiredo. No artigo, que circulou durante as festividades, o articulista acusa o Padre Zacarias Tavares de ser o mentor da idéia da homenagem e de faltar à verdade histórica ao retratar como aristocrata – calça comprida, redingotes e colete - um personagem

⁷¹ Jornal Vanguarda. 23.01.57 p. 4.

⁷² O jornal Vanguarda é editado semanalmente desde 1932. A princípio, esteve sob o comando de José Carlos Florêncio. Em 1952, foi arrendado à firma Pontes & Oliveira com o nome Empresa Vanguarda Limitada, tornando-se o órgão de divulgação das administrações pessedistas de Abel Meneses e Sizenando Guilherme de Azevedo. Em 1964, o jornal foi comprado por Gilvan Silva que o venderia, em 1986, ao empresário João Lira Neto que o controla até os dias atuais.

⁷³ Jornal Vanguarda, 21.04.57, p. 6.

que viveu entre o final do século XVIII e começo do século XIX e do qual não havia registros históricos que dessem conta de seu perfil.

Dando ao seu artigo o título de *Mentira de Bronze*, Figueiredo comparava o acontecimento em Caruaru a um outro ocorrido no Rio de Janeiro, em 1862, quando o governo imperial inaugurou a estátua de D. Pedro I na Praça do Rocio, hoje Praça Tiradentes. Na ocasião, conforme José Murilo de Carvalho⁷⁴, houve repúdio à imagem do imperador, com destaque para o político liberal mineiro Teófilo Otoni, defensor da memória de Tiradentes, que denominou a estátua de “mentira de bronze”. O fato inspirou o político e poeta Pedro Luiz Pereira de Souza, que escreveu um conhecido poema cujo título era o mesmo e que circulou durante a inauguração.

Minimizando o papel de José Rodrigues de Jesus e ancorado nas análises do historiador Oliveira Viana, o articulista, entre outros aspectos, ressaltava:

O mandante era um simples proprietário-vaqueiro de um grande campo de criação que, dado o seu desenvolvimento e a sua população sempre crescente, tornou-se, além de seu proprietário, mandante que naquela época era uma espécie de Comissário de Polícia e Juiz de Paz.

Esse sertanejo, cujo lugar de nascimento é desconhecido, não possuía nenhum prestígio político de influência provincial. Não era áulico do trono, nem dos Presidentes da Província, tornando-se deles um favorito. Nem da Religião do Bispo ou de qualquer família sacerdotal era membro proeminente. (...) ⁷⁵

Por fim, a estátua foi mesmo encravada no centro da cidade e a Igreja católica imprimia uma marca significativa ao seu papel na história de Caruaru. Mas o acontecimento não passaria despercebido para um personagem bastante atento àquelas discussões: Sinval de Carvalho, que, em versos sarcásticos, inquiriu aos seus contemporâneos sobre tal discussão que inventava para a cidade o seu fundador:

⁷⁴ CARVALHO. José Murilo de. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

⁷⁵ Jornal Vanguarda, 18.05.57, p. 18.

Afinal, o 1º Centenário
 É da CIDADE, da Fazenda ou da Capela?
 Ou do Jesus, êsse tipo tão lendário,
 De quem hoje se faz uma novela?
 O Jesus fundador de tal fazenda
 Fundou a fazenda, ou a CIDADE?
 Ficaremos depois nessa contenda
 Entre a fraude grotesca e a verdade.
 E a novela do velho fazendeiro
 Lhe pôs de tal forma transformado
 Que em lugar das vestias do vaqueiro
 Tem-se um novo Jesus encasacado.
 (...) Se o José Rodrigues de Jesus
 Merece o condão de fundador,
 A um marco, somente ele faz jus
 E nêsse marco se inscreva o seu valor (...).⁷⁶

Entretanto, a Igreja Evangélica, que não teve um papel relevante nas solenidades do centenário em razão de a maioria da população ser de tradição católica e de haver ainda celeumas entre católicos e evangélicos, também marcaria parte no debate a partir da edição comemorativa de *Fatos Históricos e Pitorescos de Caruaru*⁷⁷, um outro discurso escrito por intelectuais evangélicos do colégio Sete de Setembro. A publicação protestante não foi muito divulgada na imprensa local. Os autores, professor e escritor Rosalino da Costa Lima e o diretor Zacarias Campelo, tiveram uma preocupação excessiva para não criar polêmicas e procuraram se sintonizar com o ambiente celebrativo que se arquitetava.

A narrativa inicia mostrando o desenho fruto da imaginação de Petrônio Santos, no qual aparece a antiga fazenda de José Rodrigues de Jesus e a capela de Nossa Senhora da Conceição em meio à paisagem seca do agreste. Em seguida, saúda autoridades civis e eclesiásticas para retomar a discussão sobre a origem do vocábulo “caruaru”, ponto este em que os autores ironizam a versão do padre Zacarias Tavares, publicada na Revista do Agreste. Logo à frente, a discussão sobre a identidade também é abordada quando os autores dedicam algumas páginas para especular sobre utilidade da madeira e propriedades medicinais dos avelozes, que acabaram por emprestar à cidade o título “Terra dos Avelozes”, como já dissemos.

Num segundo momento, o livro de pouco mais de duzentas e oitenta páginas elenca cronologicamente fatos, datas, nomes e curiosidades que determinariam o crescimento e progresso da cidade. *Fatos históricos e Pitorescos de Caruaru* é uma segunda publicação de relevância histórica para a cidade, na medida em que reúne um saber que antes se

⁷⁶ Vanguarda, 23.02.57, p. 5.

⁷⁷ LIMA. Rosalino da Costa & CAMPELO, Zacarias, Op. Cit.

espalhava pelas crônicas de jornais e revistas que circulavam na cidade e na capital. E nessa publicação os evangélicos deixariam registrada a atuação protestante na cidade desde os anos vinte.

Como se pode ver, os esforços para dar à cidade de Caruaru uma identidade e uma história desencadearam múltiplas falas e relatos que concorreram no jogo das tensões entre os diversos grupos sociais para imprimir uma imagem definidora da cidade. Hoje, porém, sabe-se como a idéia de lugar, território e espaço foram importantes na definição de nossas identidades individuais e coletivas. Mas sabemos que essas identidades não são tão naturais como nos parecem. São forjadas e constituídas nas práticas culturais a partir de enunciações discursivas que constroem sentidos e significados para espaços e lugares, vinculando ou separando a eles sujeitos e coisas.⁷⁸

A cidade que se estrutura e se constrói não o faz apenas pela sua materialidade, mas também, e ao mesmo tempo, por um conjunto de imagens e palavras que procuram lhe dar sentido e significado. As identidades sobre Caruaru são camadas discursivas que se constituíram em momentos diferentes, marcando a luta dos homens para se afirmar no espaço urbano. A idéia de uma Capital em pleno interior parece ter servido aos interesses dos grupos sociais que na cidade buscavam se consolidarem no poder, como também dar a essa cidade a visibilidade para atrair a atenção do poder público Estadual e Nacional.

⁷⁸ A identidade individual e coletiva é tema recorrente no atual debate historiográfico. A esse respeito ver HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*; Tradução Thomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 4ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. Ver também DIDIER de MORAES, Maria Thereza. A Nação como Construção. In *Clio. Revista de Pesquisa Histórica*, n.º.21. Recife: Ed. Universitária, 2005.

CAPÍTULO 2

A CIDADE ENQUANTO ESPAÇO DA MEMÓRIA, DO RESSENTIMENTO E DA SAUDADE: LIMEIRA TEJO E OS IRMÃOS CONDÉ, ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE.

O esforço para nomear a cidade de Caruaru ganharia forma também entre os intelectuais que se projetavam longe dela. Nesse sentido, os irmãos Condé (Elísio, João e José), além do primo Aurélio Limeira Tejo, se destacam entre os que mais procuraram definir uma imagem da cidade e de sua história. Ocupando um espaço significativo na imprensa e literatura brasileiras e identificados com a idéia de que o lugar é elemento definidor da personalidade, esses intelectuais, filiados a uma identidade nordestina que se forjava desde o início do século XX, representaram a cidade de Caruaru no embalo do regionalismo que marcava parte da produção intelectual brasileira.

Servindo-se de análises sociológicas que virariam moda a partir de Gilberto Freire, em *Casa Grande e Senzala*⁷⁹, como é mais claro no caso do escritor Limeira Tejo, mas também seduzidos pelas análises marxistas que, na literatura brasileira, se afirmavam notadamente de Graciliano Ramos a Jorge Amado, como é mais singular a José Condé, esses escritores encontraram caminhos para imprimir diversas imagens à cidade de Caruaru, no momento em que questões como identidade, tradição e modernidade eram temas recorrentes no campo da literatura e da imprensa.

Nesse sentido, o que se defende, neste capítulo, é a idéia de que algumas práticas e textos dos letrados em questão foram - e ainda são- elementos constitutivos de uma identidade e de uma história da cidade de Caruaru. É a partir das práticas e imagens textuais que esses escritores instituíram a partir dos anos cinquenta que, em parte, a cidade ainda se olha e se vê no espelho, como veremos.

⁷⁹ FREYRE. Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. 45ª ed. Rio de Janeiro, Record, 2001.

Limeira Tejo e as memórias de uma geração ressentida.

O ressentimento é a sensação de quem não perdoa o outro ou não se perdoa. Por isso, pode alimentar a vingança ou o autocastigo. É desse território “imaginário” que o escritor Aurélio Limeira Tejo estabelece, através de suas lembranças, uma ponte entre Porto Alegre e Caruaru, ao decidir registrar suas memórias. Em meados dos anos cinquenta, ele publicou, pela Editora Globo, *Enéias: memórias de uma geração ressentida*.⁸⁰ Ao contrário das análises econômicas e sociológicas que marcam seus artigos e outros tantos livros até aquele momento, esse, diferentemente, e não por acaso, se voltava para reconstituir as suas memórias.

O livro editado nacionalmente representou mais um discurso que, expondo imagens, cenários, sujeitos, também concorreu para construir um perfil para a cidade de Caruaru. Parece não ser coincidência a publicação de *Enéias* muito próximo ao centenário da cidade. Limeira Tejo já era há muito um nome a que os caruaruenses recorriam quando se tratava de falar da grandeza da cidade e de suas figuras ilustres, de maneira que o livro veio a ser uma espécie de coroação de seu nome na galeria de seus grandes literatos.

Os fatores pessoais e sentimentais que levaram o escritor a tomar esse caminho ainda antes dos cinquenta anos de idade talvez não possam, de todo, ser recuperados, mas, nas trilhas de seu texto, como também nos documentos que examinamos, encontramos diversas pistas que nos desvelam as muitas facetas da sua subjetividade, como ainda muitas questões que, marcando o tempo da escrita, se imprimiram no texto, denunciando a intimidade da escrita com o seu tempo.

Uma época de crise política marcou a escrita de *Enéias*. No momento em que turbulências sacudiam o Brasil em decorrência do suicídio de Getúlio Vargas, Tejo se revelava profundamente desencantado com as questões sociais, políticas e econômicas por que passava o país, e com os sonhos e idealizações que alimentou durante toda a sua vida. Revendo sua “obra”, não viu mais sentido para escrever senão as memórias de sua geração. Certamente em Porto Alegre ele respirava a atmosfera pessimista que se alastrou com a morte do grande líder gaúcho. Em sua leitura, encontramos uma história de traumas, mágoas, migração, perseguição e desilusão.

O que se desenha em sua escrita é uma luta contra o esquecimento, uma tentativa, talvez desesperada, de se materializar na história, de dizer ao mundo de onde veio, além de se

⁸⁰ TEJO, Aurélio Limeira. *Enéias: memórias de uma geração ressentida*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1956.

justificar para amigos, parentes e seus ex-contratados de Caruaru. Seu esforço tem a intenção de preservar os cenários, os sujeitos, as paisagens e as instituições que ele imaginava, em meados dos anos cinquenta, estarem muito perto do desaparecimento.

Fiquei exausto de tanto repetir-me literariamente... (...) Os mesmos eram em 1955, os problemas que – durante três lustros – me haviam empurrado para o debate. As mesmas eram as tentativas para resolver esses problemas... (...) E, então com a sensação de haver perdido o trem da história, decidi-me a escrever as memórias de minha geração.⁸¹

Aurélio Limeira Tejo nasceu em Caruaru, em 1908, filho de Otaviano Pereira Tejo e Maria Florêncio da Silva Limeira. A origem abastada de uma família de proprietários de terra que migrara com sucesso para os negócios do algodão lhe permitia uma infância promissora, como a de seus primos que, desde cedo, eram enviados para estudar na Inglaterra. Por razões que enfocamos logo abaixo, outros caminhos o levaram a concluir seus estudos secundários e universitários em Recife, onde foi interno no Ginásio Pernambucano. Ainda em Recife, formou-se em Direito para, posteriormente, estudar na Escola de Engenharia no Rio de Janeiro.

Tejo é da geração de filhos de proprietários de Caruaru educada nas escolas da capital. O contato com intelectuais recifenses e a participação em movimentos estudantis despertaram desde cedo o gosto pela literatura, de maneira que ainda muito jovem já colaborava em jornais escolares e na imprensa caruaruense, na qual veio a se destacar. Seu temperamento forte também se mostrava em sua escrita, o que acabou lhe trazendo alguns problemas pessoais e políticos, quando teve de deixar Caruaru e depois Recife, onde teve rápida passagem como colaborador de *A Província* e redator de *A Cidade*.⁸²

Destacou-se na imprensa do sul do país, tendo participação marcante em jornais como *O Jornal*, *O Diário*, *Correio do Povo*⁸³, sendo posteriormente correspondente internacional e até prestando serviços a organismos das Nações Unidas. Acumulou vasta experiência, viajou o país e o mundo escrevendo artigos, entrevistando celebridades e buscando notícias diversas, além de passagens por vários outros países na América e Europa, a serviço de órgãos de imprensa.

⁸¹ TEJO, Aurélio Limeira. Op. Cit, p. 14.

⁸² Não foi possível identificar com precisão os motivos políticos que levaram Limeira Tejo a deixar Caruaru, embora haja indícios, em alguns de seus artigos, que induzem a problemas políticos a partir de suas publicações na imprensa local. Já sua saída do Recife, conforme Assis Claudino em artigo publicado em *Vanguarda*, datado de 18.05.2003. p.14, teria a ver com perseguição política pelo seu envolvimento na campanha de Ageu Magalhães, quando ele fazia oposição ao então interventor Carlos de Lima Cavalcante.

⁸³ No *Jornal "Vanguarda"*, em Caruaru; "*A Província*" e "*A Cidade*," em Recife; Em "*O Jornal*", Rio de Janeiro e "*O Correio do Povo*", em Porto Alegre, são alguns dos principais jornais por onde Tejo marcou época.

De forma muito breve, sua produção escrita entre os anos trinta e cinquenta já compreendia, além do texto que estamos examinando, uma análise sobre o Nordeste, *Brejos e Carrascais do Nordeste*⁸⁴, *Por Trás da Cortina do Dólar*⁸⁵, uma crítica e análise sobre o modelo político norte- americano, fruto de sua experiência como membro do Departamento de Estudos Econômicos das Nações Unidas, em Nova Iorque. Logo depois, uma análise sobre o povo brasileiro, do que é exemplo o livro *Retrato Sincero do Brasil*⁸⁶. Entre suas análises econômicas e sociológicas, figuram também textos sobre a economia do Rio Grande do Sul.⁸⁷

Tejo escreveu ainda crônicas, contos, romances, além de uma série de artigos muito extensa que assinava freqüentemente nos jornais por onde passou. Seus livros têm uma perspectiva jornalística e forte influência sociológica, com particular inspiração do escritor pernambucano Gilberto Freyre, de quem Tejo era admirador e amigo. Além de Freyre, seu círculo de relações se ampliou bastante: escritores como Érico Veríssimo, Oliveira Viana; empresários da altura de Assis Chateaubriand; políticos do porte de Osvaldo Aranha e João Goulart, entre muitos outros, compõem uma longa lista para muitos dos quais ofereceu vários de seus livros, dedicou artigos ou herdou influência intelectual e admiração.

No Sul do país, Tejo encontrava espaço para falar de coisas do Nordeste, do sertão e do sertanejo. Temáticas como a seca, o coronelismo e o cangaço podem ser encontrados com facilidade entre os seus artigos. Dessa forma, sua escrita também contribuiu para definir um perfil do homem nordestino como diferente do homem do Sul do país, na medida em que aquele era desenhado como rústico, vivendo num meio adverso e atrasado.

É emblemática a metáfora da qual ele se utiliza para nomear seu livro de Memórias: *Enéias*, conhecida figura da mitologia greco-romana que, na iminência da destruição de sua cidade, *Tróia*, bate em retirada, indo parar na península itálica, onde seus descendentes fundariam Roma. Tejo recorre a essa metáfora porque nela encontra semelhanças com a sua própria história. Tal qual *Enéias*, ele também teve de “abandonar” Caruaru e Pernambuco em circunstâncias adversas, em razão de suas ligações políticas, indo se refugiar muito longe, no Rio Grande do Sul, onde permaneceria por um bom tempo. Por conclusão, *Enéias* morreu sem conhecer a glória que Roma alcançaria; já Tejo, sem o heroísmo daquele lendário personagem, estaria fadado ao mesmo desígnio.

⁸⁴ TEJO, Aurélio Limeira. *Brejos e Carrascais do Nordeste*. São Paulo: Edições Cultura Brasileira S/A, 1937.

⁸⁵ Idem. *Por trás da Cortina do Dólar*. Rio de Janeiro: Editorial Andes, col. Asa Branca, 1945.

⁸⁶ Idem. *Retrato Sincero do Brasil*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1978.

⁸⁷ Idem. *A indústria rio-grandense em função da economia nacional*. Porto alegre, Globo/1939; *Contribuição á Crítica da Economia Rio-Grandense*. Ensaios FEE. Porto alegre, v.3, n.1. p. 79-108, 1982.

Quanto às *Memórias de uma geração ressentida*, temos motivos para crer que sua trajetória de vida pessoal e intelectual foi marcada de forma indelével pela morte prematura de seu pai, pelo desprestígio social e pelas adversidades políticas de sua família depois das *Salvações*⁸⁸ em Caruaru, seguida da falência dos negócios do algodão de seu Avô, Cel. Aurélio Limeira. A tudo isso, acrescenta-se a solidão e a saudade que viveu desde cedo, como interno no Ginásio Pernambucano, e logo depois a ida para o Rio de Janeiro, caminhos que lhe tiraram, desde cedo, a companhia da família, parentes e amigos, e acabaram por levá-lo, por perseguição política, a Porto Alegre. Tudo isso parece estar amplamente subjetivado nesta figura e neste nome, Limeira Tejo, desde a dedicatória de seu texto:

Escrevi muitas partes deste livro com a garganta trancada pela saudade – dos que se foram para sempre e daqueles de quem me distanciei nesse nosso mundo de hoje, de tão fáceis separações. Dedico estas páginas a minha querida irmã Otília – e as minhas primas e meus primos, irmãos também dentro da grande família de Papai Lelé e Mãe Sinhá: uma instituição dos tempos que os brasileiros ainda tinham avós.⁸⁹

De fato, a sua origem social, ligada aos setores tradicionais da sociedade, formada para o exercício do poder, se deparava com um ambiente em que, sob o pano de fundo da modernização do país e das mudanças políticas, econômicas e culturais que se firmavam nos quadros de um regime republicano recém-proclamado, as tradições foram questionadas, superadas ou operaram dentro de outras lógicas. A crise da sociedade rural e patriarcal se acentuou com a modernização da sociedade brasileira. Os choques entre tradição e modernidade abalaram definitivamente suas crenças, suas utopias, e é por isso que sua escrita é uma tentativa de congelar, como num retrato, a pureza, as paisagens e os sujeitos de seu tempo.

Logo no início de sua narrativa, fica claro que a escrita se deu depois de uma das poucas voltas daquele escritor a Caruaru. Certamente de Porto Alegre, a distância e o tempo se punham como obstáculo, reservando-lhe uma tarefa de muito esforço na incômoda fronteira das lembranças e do esquecimento. Seu texto não se limita aos tempos de Caruaru, onde viveu tão pouco. Pelo contrário, sua escrita tenta refazer sua trajetória de vida. O lugar que ele se reserva para falar é em nome de sua *geração ressentida*.

⁸⁸ O termo “Salvações”, como se sabe, refere-se às intervenções do Governo Federal em vários Estados do Brasil a partir de 1911. Em Pernambuco, significou a queda de Rosa e Silva e a ascensão de Dantas Barreto. Já em Caruaru, a queda do Cel. Neco Porto e a ascensão do Cel. João Guilherme de Pontes, inimigo político da família Limeira.

⁸⁹ TEJO, Aurélio Limeira. Op. Cit., p. 5.

Cabe ressaltar que caminhar no território de produção da memória é estar, como nos lembra *Rezende*⁹⁰, sujeito a muitas enunciações, pois a memória brota entre a complicada fronteira dos ritmos das lembranças e esquecimentos. A memória é reinventada nos jogos das forças que atuam no presente. Dessa forma, os relatos de memória não são, como nos alerta há muito Halbwachs, fruto de sujeitos isolados, mas obra de grupos sociais que determinam o que é memorável e como será lembrado.⁹¹

Nesse sentido, nas memórias de Tejo estão presentes não só as suas experiências individuais mas também as experiências do grupo social ao qual esteve relacionado. Certamente ele mantinha uma relação muito ligada à memória da cidade de Caruaru. Sua saída o levou, em curto período de tempo, a experiências sociais diversas que marcam passagens por Caruaru, Recife, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Nova Iorque, o que configura seu permanente nomadismo.

O autor divide sua narrativa em duas partes: *Entre o fim e o princípio* e *O caos*. Essas, por sua vez, estão divididas por subtítulos não menos curiosos: “Volta para o teu lugar”, “os verdes anos”, “pedras na correnteza”, “o coronel e a bengala”, “do poço do tempo” “os anos de formação”, “uma bodega na beira da estrada”, “o trãnsfuga”. A narrativa, como veremos, segue um caminho que tenta reconstituir seu mundo num cenário que ele descreve como apocalíptico. O tom pessimista e dramático que se desvela pode ser sentido logo no epílogo do livro, onde uma epígrafe de Maternich, *Entre o fim da velha Europa e o início da nova, haverá o caos*, dá o tom de sua escrita e é fio condutor de toda a leitura.

Para Tejo, um “legítimo” representante dos grupos tradicionais que há pouco dominavam o interior do país, sua geração assistia aos últimos momentos desse ciclo, e ele se sentia frustrado por não ter sido um continuador de sua tradição familiar. A relação de desconforto com o seu tempo parece muito clara, pois Tejo acreditava que fora arrancado de um ambiente longínquo e jogado num tempo em que questões decisivas da “civilização” estavam em jogo. As palavras de que ele se utiliza para expressar esse momento não deixam dúvidas: “fim”, “caos”, “incêndio”, “destruição”, “esgotamento”, “heroísmo perdido”.

O próprio autor quebra várias vezes o ritmo do texto, intercalando tempos diferentes sob a direção que lhe impõe a memória. É nesse meio que a cidade de Caruaru, embora não seja foco central de sua narrativa, surge em sua escrita como o lugar onde tudo

⁹⁰ REZENDE, Antonio Paulo. Freyre: *as travessias de um diário e as expectativas da volta*. In GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de Si Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

⁹¹ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*; Tradução Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

começa, e para onde tudo termina. Nela, o autor encontra sua origem, suas raízes e tenta se encontrar. Espaço e sujeito são duas unidades que se ligam um ao outro.

(...) Escrevi um livro que é uma história menos minha do que da minha gente – uma história de Caruaru – E escrevi para dar vazão à saudade que montava dentro do meu peito, escrevi para regressar, nem que fosse com a imaginação, para reintegrar-me na paisagem que havia perdido de vista – mas que nunca fugiu da minha memória. Continuei tão caruaruense como se me tivesse deixado ficar no meu lugar – fiquei mais caruaruense talvez, pois a separação tem mais força emocional do que o contato ordinário com as coisas que a gente ama.⁹²

Ao analisarmos as memórias de Tejo, é importante não descuidar dos diferentes tempos que nos envolvem e separam: o tempo presente desta escrita; o tempo da escrita da memória pelo autor; e os tempos que as memórias remontam. As memórias de Limeira Tejo surgem diante da maturidade do escritor e intelectual que as organiza, critica, seleciona, exalta ou simplesmente esquece, de acordo com as contingências do momento em que escreveu. A primeira parte de seu texto se intitula *Volta para o teu lugar*. O cemitério São Roque é o primeiro lugar de onde ele evoca suas primeiras lembranças. Não por mero acaso é ali onde está sepultado o seu pai, Otaviano Pereira Tejo, falecido aos 35 anos, acometido de malária, quando o menino Tejo tinha apenas 8 anos de idade. Além de seu pai, muitos daqueles contemporâneos de seu tempo de infância e adolescência, parentes, amigos, conhecidos, “moravam” ali naquele lugar sombrio.

É, primeiramente, desse *lugar de memória*⁹³ que ele, percorrendo túmulos e epitáfios, nos traz os registros de seu passado, sempre confrontados pelo seu presente, para contar histórias nas quais cenários, imagens e sujeitos daquela Caruaru do início do século XX aparecerão associados à alegria, à dor, à morte e à saudade.

Nos meus tempos de meninos, esse era o Cemitério Novo, a encosta do morro, bem longe da cidade, quase à beira de um grotão onde, para mim, tudo findada: a terra conhecida e a coragem para as aventuras. Era como um passeio ao campo quando tínhamos de acompanhar até lá um enterro de anjo.⁹⁴

Os lugares da cidade vão aparecendo dispersos em sua narrativa. O cemitério São Roque, o Monte Bom Jesus, a Igreja Matriz, a Rua do Catarro, a Baixinha, a Rua Preta, a

⁹² Fragmento de artigo de Limeira Tejo publicado na edição comemorativa do Centenário de Caruaru, em que o autor fala do livro *Enéias*, que escreveu no ano anterior. *Jornal Vanguarda*, 18.05.57, p. 25.

⁹³ Sobre lugares de memória, ver NORA. Pierre. “Entre Memória e História”. *Projeto História*. São Paulo: PUC, 1993.

⁹⁴ TEJO, L. Op. Cit. p.12.

Lagoa da Porta, a ferrovia são referências para Tejo descrever o universo das brincadeiras infantis, a paisagem, as superstições, as festas populares, as mágoas e a perda dos parentes. Tanto o autor como seus personagens surgem, nesse momento da narrativa, envolvidos entre histórias de “saci”, “papa-figo”, “fantasma”, “demônio”, “alma”, “excomunhão”, “espírito”, “maldição”, “botija”, “gemido da pedra do cachorro”, em recortes que se somam para montar a cidade em meio a uma simbologia bastante primitiva.

Do cemitério, suas lembranças reconstituem o imaginário da morte que cercava a cidade no início do século XX. O ritual fúnebre de crianças (anjos), assassinos e parentes ganha espaço na narrativa à medida em que o autor desenha um cenário em que as doenças como *bexiga*, *beriberi*, *malária*, *tifo*, *bubônica* afugentavam as pessoas e são descritas como castigos, desobediência e vingança por violações a valores morais e cristãos.

Imagens de mágoas, dor e saudade são recorrentes na escrita de Tejo. O personagem João Brígido⁹⁵ e o relato da morte de Otaviano Pereira Tejo - pai do autor - são explicativas desse momento da narrativa. E, assim, a cidade das recordações difíceis que vai se desenhando na escrita é uma cidade da experiência particular do autor e de seu grupo social. É a cidade de um tempo ingênuo, marcado por imagens de um passado de atraso e miséria.

Mas, entre a cidade do passado e a cidade do presente, Tejo confessa seu desencontro. A promessa de um dia voltar, de reencontrar-se com o túmulo de seu pai e com seus conterrâneos ou em busca de suas lembranças se revelou um esforço inútil. Viu-se rodeado de fantasmas, sentiu-se um desertor, um trãnsfuga, sob o olhar “censurador” e “ignorante” de seus conterrâneos que o viam como estranho.⁹⁶

Desencontrado onde esperava se reencontrar e sem conseguir arrancar outras recordações, ele se vale da mitologia greco-romana para se ver entre duas imagens: a de uma “Tróia”, que ele foi “forçado” a abandonar; e outra “Tróia” pós-guerra, a que ele, como um desertor, volta depois de algum tempo, como para ver o que restou:

⁹⁵ João Brígido é um dos três personagens de quem Tejo troca o nome, conforme ele mesmo alerta no preâmbulo. Os outros dois são Apulero Maracajá e Jule, que aparecerão no decorrer dos relatos.

⁹⁶ Sobre o conflito identiário vivido por migrantes nordestinos que depois retornaram aos seus lugares de origem e não se identificaram mais em seus antigos laços culturais, ver CAVALCANTI, Helenilda. “O Desencontro do Ser e do Lugar: a migração para São Paulo”. In BURITY, Joanildo A. (org.) *Cultura e Identidade*. Rio De Janeiro, DP&A, 2002.

Que é que eu estava fazendo ali, de volta a Tróia? Não era um herói da cidade caída, mas um fugitivo. Não trazia a mensagem de uma nova era, mas as perplexidades de quem, tendo percorrido muitos caminhos, não havia chegado ao fim de um só deles. Quem regressava depois de um quarto de século, para contar as coisas que tinha feito, nada tinha para contar – a não ser o naufrágio de sua geração...⁹⁷

A partir da parte *Os Verdes Anos*, a narrativa se volta para reconstituir as raízes genealógicas do autor, e nelas as raízes da própria cidade se insinuam e se confundem, num volume considerável de recordações dolorosas, afetivas e saudosas, que, atravessando episódios diversos, vão produzindo imagens e sujeitos, típicos de um passado de bravura, heroísmo e tragédia. Os relatos de memória vão praticando os espaços da cidade à medida que práticas sociais, antropológicas e simbólicas são contadas.

Seguindo nessa direção, a imagem mais tradicional do nordeste brasileiro, a *família patriarcal*, vai emergindo em sua trama, embora nela o autor já identifique os sinais de ruptura. O ponto de partida é a reconstituição da identidade paterna e materna que o autor vai construindo em seu enredo. A preocupação com a filiação, sobretudo com o pai-mãe, revela uma tentativa do autor em salvar sua identidade parcialmente perdida quando ainda tinha oito anos: a identidade paterna.⁹⁸

Assim, o pai do autor, Otaviano Pereira Tejo, logo no início dessa empreitada aparece, como o típico coronel, impulsivo, destemido, valente, cabeça-quente, leal, homem de palavra, que manda e outros obedecem. Num segundo momento, ele é, também, um homem de iniciativa e visão comercial, um empresário dos negócios de algodão que pensava no progresso da cidade. As expressões com que Tejo o nomeia, “um grande idealista”, “pai da pobreza”, além de muitas outras qualidades, reconstituem e exaltam a figura paterna.

Já sua mãe, Maria Florêncio da Silva Limeira, aparece como uma mulher educada nos valores tradicionais, porém mais dedicada às letras e ao teatro do que aos serviços domésticos, como era tão comum. Torna-se uma boa mãe, dedicada ao marido e à devoção religiosa. Na figura materna, Tejo encontra a âncora de sua vida, seu sustentáculo, que,

⁹⁷ TEJO, Aurélio Limeira. Op.Cit. p. 30.

⁹⁸ Sobre a identidade paterna nos discursos memorialísticos, lembra-nos Albuquerque Júnior “(...) obstinam-se em não pensar papai-mamãe, a forma pessoal e parental, como construções históricas, como lugares de sujeito elaborados culturalmente, como ponto de chegada, não de partida, de qualquer identidade, como trajetos e devires, e não como pessoas. O pai se torna esse ponto inaugural, este zero da história. Em lugar do nome da História, o nome do pai: aquele que é a lei, a primeira experiência de justiça, aquele que, ao dizer não, corta qualquer fluxo, barra qualquer fuga, estabilidade. A família se torna a esta célula mater que pari sujeitos como contínuos de si mesma. Diga o nome de família e comece a explicar quem você é, fala quem é seu pai e sua identidade estará assegurada.” Cf. ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. “Os nomes do Pai”. IN RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). *Imagens de Foucault e Deleuze*. Rio de janeiro: DP&A, 2002, p. 113.

depois da morte do pai, assumirá o duplo papel. Maria Limeira é descrita como uma viúva de conduta irretocável, que dedicaria o resto de sua vida para cuidar e educar os filhos.

Na composição da telúrica família patriarcal, os filhos da família Tejo, Aurélio e Otilia, aparecem, no âmbito privado, educados em regime severo, sob a tutela de valores como obediência e respeito, depois carinho e amor. No âmbito do público, estão sempre acompanhados dos funcionários e agregados da família. Na formação de infância, a figura do professor Lauro Schramn representa o rigor do ensino disciplinar, com punições e humilhações, como a palmatória, por exemplo.

O cenário que se impõe em sua narrativa, nesse momento, é o de uma Caruaru dos tempos áureos da atividade algodoeira, agitada pelas disputas políticas entre *marretas* e *engole-espadas*⁹⁹ e sob os reflexos da I Guerra Mundial. Nesse ambiente, destaca-se o papel de Otaviano Pereira Tejo, cuidando dos negócios da família, defendendo a fábrica de beneficiamento de algodão e enfrentando as adversidades políticas que vieram a partir da *política das salvagens*, a qual destituiu do poder o coronel Manuel Rodrigues Porto, aliado da família Limeira.

Para encenar as disputas que envolviam a família Limeira e particularmente Otaviano Pereira Tejo, o autor lança mão da fala e do diálogo de personagens comuns que, de alguma maneira, atravessaram a história de sua família. É a partir desse momento que diversos sujeitos aparecem em suas próprias falas rústicas e arcaicas para ampliar as imagens que constroem a idéia de um tempo remoto, em que os conceitos da família patriarcal vão ser colocados.

Desta forma, negras, jagunços, cabras e outros personagens dependentes ou agregados vão aparecer, muitos deles, com seus nomes exóticos: *Mané Coité*, *Zé Pereira Nova Seita*, *Migué Alicate*, entre muitos outros que vivem histórias de fidelidade, traição, honra, desonra, fuga e perseguição. No personagem Apulcro Maracajá, um ex-aliado da família que se volta para o lado inimigo, pode-se identificar a idéia da traição imperdoável. Maracajá é descrito como um “rábula”, “falso”, que violou um conceito fundamental: o de fidelidade.

A família Limeira é, mesmo nos sertões, uma típica família aristocrática, nobre, mas que enriquecera a partir dos negócios do algodão. Portanto, uma família de proprietários

⁹⁹ *Marretas* e *Engole-espadas*: Expressões pejorativas com que um grupo político procurava rotular o outro em Caruaru. Assim, *Marretas* era o rótulo atribuído aos seguidores do Coronel Chico Porto e *Engole-espadas* era o rótulo atribuído aos seguidores do Coronel João Guilherme, que no texto aparece como João Salambaia. A origem das palavras remonta as disputas políticas no Estado de Pernambuco entre Rosa e Silva e Dantas Barretos.

e comerciantes influentes na cidade, com relações na capital Recife e até na Inglaterra, onde educa seus filhos. É, ainda, uma família de hábitos rústicos que conhece e desfruta o lazer das grandes cidades, até que o desprestígio político e a falência econômica arruinam suas estruturas.

Intercalando as raízes genealógicas de sua família, Tejo nos traz em *Pedras na Correnteza, Do poço do Tempo e Uma Bodega na Beira da Estrada*, diversos relatos de figuras picarescas, características dos tempos de Caruaru. *Fomfom, Zé Preto, Chiquinho, Minervina*, entre outros, aparecem dividindo o espaço das peraltices da infância do nosso narrador. São personagens singulares desse pedaço de Brasil rústico, ingênuo e sentimental em histórias tão engraçadas quanto saudosas.

Na reconstituição de suas genealogias, Tejo revira ainda camadas mais longínquas do passado, quando procura construir a memória de outros ancestrais. Na parte *O Coronel e a Bengala*, ele põe em evidência a figura de Aurélio Florêncio da Silva Limeira – Major Aurélio –, seu avô materno e personagem central, através do qual sua trama vai inserir as imagens do coronelismo, do cangaço, da seca e do messianismo como características de um passado de Caruaru.

Ao mesmo tempo, é na quinta geração de ancestrais que antecederam esse personagem que Tejo localiza a própria origem da cidade. Eles seriam os pioneiros criadores de gado, desbravadores dos sertões, que teriam ocupado as caatingas do interior, expulsado os índios cariris, afugentado os negros quilombolas e fundado os currais de gado. Porém, na quinta geração

Quando meu avô nasceu, num dia de julho de 1849, não pertenciam mais à sua gente as terras logo à margem esquerda do Rio Ipojuca. Pertenciam a Nossa Senhora da Conceição – legadas por mulheres piedosas do seu sangue – e dessas terras o sacristão passou a cobrar foro, como até hoje, dos que levantaram casas e fundaram comércio, fazendo nascer Caruaru.¹⁰⁰

É nesse personagem e nessa cidade que Tejo identifica o início de uma ruptura na tradição proprietária e patriarcal. Aurélio Florêncio da Silva Limeira rompe com o pai, deixa a fazenda e vai para a cidade ser mascate. A humilhação da família logo será recompensada, quando o “traficante” de tecidos e miçangas enriquece com os negócios do algodão, torna-se coronel da Guarda Nacional e homem influente ao ponto de receber o perdão e a bênção do

¹⁰⁰ TEJO, Aurélio Limeira, Op. Cit. p. 99.

pai. Esse momento coincide com a chegada da ferrovia na cidade de Caruaru, que a essa altura se transformava na “capital do Sertão”.

Entre as muitas lembranças que Tejo registra em torno de seu avô materno, destacam-se aquelas que narram a relação do coronel com o cangaceiro Antônio Silvino, personagem que o próprio autor diz ter conhecido e visitado na prisão. Silvino emerge na narrativa invadindo com seu bando a Fazenda Melancia, que a família Limeira possuía no sertão da Paraíba. Para dar realismo ao texto, o autor insere vários diálogos entre o coronel e o cangaceiro, que têm uma relação de respeito entre si. Esses, em suas falas, conversam sobre a seca, a fome e o gado, ao passo que Silvino é descrito como um bandoleiro, de bigodes e rifle papo amarelo a pugnar pelos pobres pelo sertão afora.

Em seguida, Tejo faz um aparte no seu texto de memórias para explicar a problemática do banditismo no Nordeste. É nesse momento que, utilizando-se do exemplo de Antônio Silvino e Lampião, o autor justifica o aparecimento do cangaço como um problema social característico do homem do sertão, que, ao contrário do homem “civilizado”, não tinha acesso aos “meios de subsistência”, e assim apelava para a violência. Vivendo num mundo marcado por rixas, crimes, estupros, os cangaceiros, segundo Tejo, apareciam como heróis defendendo os humildes, protegendo as donzelas e castigando os opressores.

As imagens do messianismo aparecem nos diálogos em que o autor insere a figura do Padre Cícero do Juazeiro e faz referência vaga ao Beato Antônio Conselheiro, de Canudos. Esses a arregimentar e aconselhar os pobres sertanejos, dando-lhes o conforto religioso diante da situação de miséria em que viviam. Entre cenários de sertão com seca, retirantes, fome, doença e morte, Tejo segue narrando seus passos junto ao seu avô, Aurélio. Sua narração impõe ao coronel um papel de destaque entre a tradição proprietária, que tinha na fazenda de gado seu sustentáculo, e o comércio na cidade, símbolo de um novo tempo que o algodão e a ferrovia iriam marcar:

Contar a vida de Aurélio Florência da Silva Limeira será fazer a biografia da região onde viveu como uma figura central. Será pegar Caruaru com uma única e comprida rua, sua grande feira semanal e o importante mercado de gado – com a ponta dos trilhos ainda distante na Serra da Russa, a dois dias de cavalo para o Leste – a largá-la em 1925 quando ele morreu, com as casas de fachada de cimento, cinemas, cafés, clubes e fábricas estendendo-se pelas estradas de penetração do caminhão e do automóvel.¹⁰¹

¹⁰¹ TEJO. Aurélio Limeira. Op. Cit. p. 136.

Por fim, a sexualidade é outro recorte presente nas memórias de Limeira Tejo para completar a montagem do quadro dessa sociedade patriarcal. Histórias de mulheres castas, donzelas roubadas e defloradas, homens acometidos de doenças venéreas como a sífilis podem ser encontradas em seus relatos. Nas negras e caboclas do sertão, ele também enxerga a “perversão sexual” e o “sadismo moral” que iniciava no sexo os filhos dos proprietários de engenho e de fazendas, se bem que nosso autor enfatiza ter escapado a esse desígnio e mantido sua castidade.

A partir de *Anos de Formação*, a narrativa memorialística se volta para explicar a formação no Ginásio Pernambucano e o exílio de Tejo de Caruaru e de seu mundo sentimental. É aí que a narrativa passa a remontar os tempos de Recife, Olinda e depois o Rio de Janeiro, evidenciando o conflito identitário que o autor passa a viver. Para ele, a sua formação rígida voltada para educar as elites para o exercício do poder não levou em conta a crise da ordem social da qual era originário.

Nesse momento, em tom de justificativa, Tejo faz uma retrospectiva de toda a sua vida como intelectual e escritor para, contraditoriamente, mostrar como perpassou o mundo da civilização, vivendo seus dilemas e questões, desfrutando seus encantos e requintes e, mesmo assim, mantendo-se fiel às suas raízes culturais. Saudoso de seu mundo que ruía com a modernização da sociedade brasileira, ele se coloca na narrativa como um “trânsfuga” que não chegou a lugar nenhum.

Reconstituindo aqueles tempos de passados tão épicos quanto traumáticos, muito mais de que o registro de uma trajetória e experiência individual, Limeira Tejo instituía o discurso de uma memória vencedora. A memória dos grupos proprietários, coronéis e comerciantes da cidade de Caruaru, dos quais aquele escritor era um representante legítimo, era naquele momento reatualizada e registrada, passando a ser uma referência para a história da cidade. Logo depois desses discursos, outros a ele se articulariam na mesma direção, do que são exemplos os escritos de José Condé e Nelson Barbalho.

A cidade dos Condés e Vitalino

A família Condé ainda é bastante cogitada nos meios oficiais da sociedade Caruaruense. Na cidade, rua, escola e Casa de Cultura ostentam esse sobrenome. Nas canções populares, nos discursos políticos, nos veículos de imprensa e na memória social, o sobrenome Condé aparece como um símbolo associado à história da cidade. A projeção que alcançaram os irmãos Elísio, João e José Condé, filhos do comerciante e dono de cinematógrafo João José da Silva Limeira Condé e da dona de casa Ana Ferreira Condé, foi bastante conhecida da sociedade brasileira, especialmente no campo da imprensa, da produção literária e da cultura brasileira contemporânea, dos anos quarenta até os anos oitenta.

Além de uma trajetória de destaque, a própria maneira com que lidavam com a “cidade natal”, com seus parentes, amigos, políticos e escritores de Caruaru, não seria mais importante do que a maneira como representaram a cidade que lhes inspiraria e que ficou tão longe mas tão dentro de suas idéias, desde que deixaram Caruaru (entre os anos vinte e trinta) e foram morar no Rio de Janeiro. Talvez, seguindo essa trilha, podemos encontrar algumas razões para entender os discursos que um dia inventariam ser Caruaru, também, a “terra dos Condés”.

Elísio, o mais velho, foi também o primeiro a deixar a cidade de Caruaru para estudar medicina em Salvador. Radicalizou-se no Rio de Janeiro, onde se destacou como especialista em urologia. Dedicado à profissão, pouco tempo lhe restava para a imprensa e a literatura. Mesmo assim, empenhou-se para manter circulando o Jornal de Letras, que fundou com seus irmãos. João, o do meio, teve atuação de destaque na imprensa carioca e nos meios literários, onde colecionava muitos amigos. Escreveu durante anos para a revista “O Cruzeiro”, e para diversos órgãos de imprensa do Rio de Janeiro, como o “Diário de Notícias”, do qual foi redator. Ganhou notabilidade pela coleção de romances, contos, poesias e clássicos de nossa literatura. Seu acervo contava ainda com artigos, notas, manuscritos, cartas íntimas, relíquias que ele guardava com cuidado num apartamento alugado em Botafogo, Rio de Janeiro. Essa proeza lhe valeu o título de “O arquivista da cultura brasileira”. Carlos Drummond de Andrade cognominou seu acervo de “arquivos implacáveis”.

Já o irmão mais novo, José Condé, apesar de não se distanciar dos jornais, teve na produção literária sua grande paixão. Desde a adolescência, criava jornais e escrevia poesias. Formou-se em direito em Niterói, mas não exerceria a advocacia. Conciliou o trabalho de funcionário público e escritor. Sua “obra” compreende um volume razoável de livros, nos

quais publicou poesias, contos e romances entre outros gêneros de literatura, alguns dos quais ficaram muito conhecidos por serem transpostos para o cinema, como foi o caso de *Um Ramo Para Luísa*¹⁰², e para a televisão, do que é exemplo *Pensão Riso da Noite*.¹⁰³ José Condé conquistou vários prêmios literários promovidos por concursos da prefeitura do Rio de Janeiro e da Academia Brasileira de Letras, e alguns de seus livros seriam editados em outros países. A cidade de Caruaru é uma imagem constante que atravessa toda a sua produção literária.

Na trilha dos Condé, a idealização do *Jornal de Letras*, órgão que prestou importante serviço à crítica literária como mais ainda a difusão de romances, contos, poesias e um grande número de autores, circulando ininterruptamente por mais de quarenta anos servindo à literatura brasileira, foi sem dúvida o início de uma trajetória que marcou época a partir do final da década de quarenta. A intelectualidade literária brasileira, políticos, jornalistas, poetas, diversos organismos de imprensa, editoras e instituições diversas passaram a ter no *Jornal de Letras dos Condés* um ponto de referência e interação.

Nas páginas do *Jornal*, os irmãos Condé encontraram um espaço para dizer à sociedade carioca não apenas quem eram, mas de onde vinham. O conflito identitário que viviam e o esforço para preservar suas raízes culturais marcam muito aquilo que escreveram. Observem-se os versos de José Condé:

Minha alma triste suspira
Em deslumbrante desejo
Eu choro por minha terra
Há anos que não a vejo
São suspiros arrancados
Do peito de um sertanejo¹⁰⁴

No *Jornal de Letras*, os Condés procuraram mostrar Caruaru como uma cidade símbolo das tradições nordestinas. Notícias da cidade podem ser identificadas com frequência quando se examinam as páginas daquele jornal entre os anos cinquenta e setenta. Informações sobre ceramistas e artesãos, com destaque para o nome de Vitalino, notas sobre movimentos literários e de intelectuais de Caruaru, além de relatos de memória e de viagens que os Condés realizavam à cidade, aparecem estampando as colunas do mensário de literatura brasileira. Veja-se, por exemplo, a seguinte notícia:

¹⁰² CONDÉ, José F. *Um Ramo Para Luísa*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

¹⁰³ Idem. *Pensão Riso da Noite*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

¹⁰⁴ *Jornal de Letras*, dezembro de 1949, p. 11.

Depois de Recife, é Caruaru a cidade pernambucana onde se nota o melhor movimento literário. Revistas e suplementos normalmente trabalhos dos autores municipais, alguns revelando valor. É o caso de Nelson Barbalho, que tem publicado crônicas e contos do maior interesse. Anuncia-se agora que as histórias de Nelson Barbalho serão publicadas em livro que terá o selo editorial do “jornal do Agreste”, publicação semanal de Caruaru.¹⁰⁵

De fato, no Jornal de Letras Caruaru teria um lugar de destaque e é provável que em outros órgãos de imprensa do Rio de Janeiro, onde os Condés colaboravam ou exerciam influência, notícias da cidade também figurassem.

Embora vivendo no Rio de Janeiro, capital da República, o relacionamento dos irmãos Condé com a cidade de Caruaru demonstra que eles se esforçaram para manter seus laços culturais. Os jornais da cidade de Caruaru registram com destaque suas visitas esporádicas, geralmente durante as festas de dezembro, ao mesmo tempo em que os enaltecem por levarem tão longe o nome de Caruaru. Veja-se, a esse respeito, a nota abaixo de um jornal registrando uma visita de João Condé a Caruaru:

João Condé em Caruaru:

Em sua curta estadia, nesta cidade, o mês passado, estive de visita à redação do “Jornal dos Novos” o escritor João Condé.

O diretor de “Jornal de Letras” nos comunicou a criação de uma página, em seu jornal, reservada a Pernambuco, em que serão colocados somente escritos da província (que, aliás, já foi inserida nos últimos números do grande jornal literário do Rio de Janeiro. Esta página terá a direção de Mauro Mota. Disse-nos ainda João Condé que *a gente* de Caruaru tinha sido lembrada por êle com destaque.

Foi motivo de grande satisfação para nós a visita do criador dos “arquivos implacáveis” a nossa redação. E êste destaque da gente de Caruaru mostra a simpatia que ele tem para com o povo de sua terra.¹⁰⁶

João Condé já escrevia desde os anos trinta uma coluna, “Crônicas do Passado, no Jornal Vanguarda, de seu amigo de infância José Carlos Florêncio, na qual contava fatos e acontecimentos da capital e histórias de seu tempo de criança em Caruaru. No início da década de cinquenta, ele moveu esforços para divulgar a cultura de sua cidade e, para isso, tentou arregimentar apoio político e financeiro para a criação de um *Museu de Arte Popular*¹⁰⁷ em Caruaru, ou mesmo um museu para homenagear Vitalino.

¹⁰⁵ Jornal de Letras, janeiro de 1953, p. 15.

¹⁰⁶ Jornal dos Novos, dezembro de 1950, p. 3.

¹⁰⁷ O Museu de Arte Popular de Caruaru, idéia de João Condé, foi oficializado por um projeto de lei de iniciativa do então vereador José Carlos Florêncio, seu amigo particular, na administração Abel Meneses, 1951-1955. Sua inauguração chegou a acontecer em novembro de 1961, na Praça Juvêncio Mariz, durante a Administração João Lira Filho. Em alguns poucos anos, o Museu mudaria o nome para Museu de Arte João Condé e logo em seguida Museu Mestre Vitalino. Os desentendimentos políticos em torno do museu

Com efeito, a Revista do Agreste, em reportagem de janeiro de 1953, registra o anúncio da fundação do museu por ocasião de uma de suas estadas na cidade, em dezembro de 1952:

Em dias de dezembro, o escritor João Condé, um dos diretores do “Jornal de Letras”, esteve em Caruaru. Mas não se tratava de uma simples visita de fim de ano a parentes e amigos. Não. O homem dos “Arquivos Implacáveis” trazia consigo uma iniciativa bem interessante: A fundação do Museu de Arte Popular de Caruaru.¹⁰⁸

A reportagem segue apontando a repercussão positiva entre os meios culturais e o poder público da idéia trazida por Condé, que faria de Caruaru uma cidade pioneira a exibir as coisas da terra, como, por exemplo, a cerâmica de quem ele, por essa época, passou a chamar de “Mestre” Vitalino. Segundo a versão da revista, Condé teria escolhido o centro da praça Juvêncio Mariz para erguer o tal museu, que seria projetado por ninguém menos que Oscar Niemeyer.

O Jornal de Letras registrou, em pequenas notas desde, as primeiras iniciativas de João Condé, buscando apoio político e articulando junto a autoridades municipais, estaduais e federais a liberação de recursos para a construção do museu, até a sua inauguração, em novembro de 1961, depois de doze anos que a idéia havia surgido no Rio de Janeiro.¹⁰⁹

Apesar de termos focado o exemplo de João Condé, a história se repetiria no caso de Elísio e José Condé. Sempre que chegavam à cidade, eram cercados de curiosos, amigos e jornalistas locais. A imprensa local acompanhou atentamente os passos dos Condés, noticiando aos caruaruenses suas conquistas e projeção nos meios culturais da sociedade brasileira. Em contrapartida, os três irmãos se colocavam no lugar de vozes que divulgariam a cidade de Caruaru para o mundo.

Em meados dos anos cinquenta, eles articularam um grande projeto de divulgação da imagem da cidade de Caruaru. Para isso, mobilizaram a intelectualidade literária brasileira para uma visita à cidade de Caruaru, exatamente durante as comemorações festivas do centenário, em 1957. Uma caravana de escritores, artistas e jornalistas do calibre de Jorge Amado, Eneida, Norma, Clodomir Leite, Maria do Carmo, Carlos Ribeiro, Lygia Telles, Aníbal Machado, José Simeão Leal, Valdemar Cavalcanti, Godofredo da Silva Teles, Osório Borba, José Portinho, Alberto Dines, Augusto Rodrigues, além dos irmãos Condé e Limeira

culminaram com sua desativação, em 1965, durante administração Drayton Nejaim, 1965-1969, ocasião em que foi destruído para dar lugar ao prédio da Prefeitura Municipal.

¹⁰⁸ Revista do Agreste, nº. 4, Janeiro de 1953, p. 8.

¹⁰⁹ Jornal de Letras, dezembro de 1961, p. 12.

Tejo se fez presente às festividades, num patrocínio da Prefeitura da cidade do Recife. Rubem Braga e Carlos Drummond de Andrade, que também estavam inscritos para viajar a Caruaru, na última hora desfalcariam a caravana.

A visita ilustre foi ponto de destaque na pauta de eventos das comemorações do centenário de Caruaru. Na cidade, os escritores foram recepcionados por autoridades e populares em diversas ocasiões. A Prefeitura, a Câmara Municipal, a Associação Caruaruense de Imprensa e a Igreja Católica, junto com a colaboração de comerciantes e empresários, se mobilizaram para ciceronear os notáveis e mostrar as tradições e festas populares da cidade. Ao retornar ao Rio de Janeiro, José Condé, em *notas sobre uma viagem à cidade pernambucana centenária*, publicava:

(...) Daí a pouco, então, já atravessando as ruas embandeiradas da cidade de Caruaru, duas horas além daquela marcada para a nossa chegada, não encontramos os pífanos e bombos da zabumba de “gato”, tampouco as girândolas fabricadas pelos fogueteiros do pé do Monte, em compensação, vamos direto para o Aero Clube onde nos servem em pratos de barro, numa mesa decorada [ilegível] antiga uma deliciosa buxada de carneiro com pirão escaldado.

(...) E terminado o almoço a visita aos bonecos de barro de mestre Vitalino e de Zé Caboclo, aos cantadores populares [ilegível] montes de frutas a esse pequeno mundo de surpresas, cheiros, cores de panos que é a feira semanal de Caruaru.¹¹⁰

Apesar da surpresa de José Condé, a princípio, a recepção não seria tímida, e a caravana cumpriria um extenso programa durante os três dias em que permaneceu na cidade. Missas, procissões, exhibições de bandas de músicas, apresentações de tocadores de pífanos e violeiros, desfiles, sessões cívicas, bailes, simulacros de festas de carnaval e São João, bem como churrascos, banquetes e jantares ao sabor de sarapatel, carne de sol, tripa assada, canjica, pamonha e milho assado, constaram no roteiro dos visitantes.

A vinda a Caruaru de nomes importantes das letras, das artes e da imprensa foi bastante divulgada nos meios oficiais da imprensa de Pernambuco e do Brasil. Os Condés conseguiam, enfim, dar um lugar de destaque à cidade, ao mesmo tempo em que a ela também lhe emprestavam o seu sobrenome. De sorte que entre a intelectualidade brasileira, o sobrenome Condé e Caruaru estava intimamente ligado. Não foi sem propósito que, durante as festividades do centenário, o escritor Manuel Bandeira se oferecia para compor um hino em homenagem á cidade, nesses termos:

¹¹⁰ Jornal de Letras, junho de 1957, p. 2.

Comecei a pensar em Caruaru e de repente me deu uma vontade de escrever o hino do primeiro centenário da cidade. Tudo estava em achar um bom estribilho, e esse achei logo:

Meu Caruaru centenário
 Não há o que te chegue aos pés:
 Recife tem Olegário
 Tu tens os irmãos Condés.¹¹¹

Passadas as comemorações do centenário, os irmãos Condé continuaram divulgando no sudeste do país a cidade de Caruaru como um empório de cultura nordestina. O espaço para falar de coisas populares do Nordeste estava colocado no leque aberto pelos modernistas desde os anos vinte e trinta. Pegando carona nos movimentos artísticos que buscavam identificar as manifestações eruditas e também populares que revelassem a identidade brasileira, os Condés exibiam aos cariocas personagens, artesanato, culinária e manifestações artísticas e religiosas de Caruaru.

Foi nesse contexto que, em outubro de 1960, os Condés articularam, junto a autoridades municipais e à imprensa de Caruaru, uma viagem do ceramista Vitalino Pereira dos Santos, a convite do Estado e da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Na caravana, organizada em Caruaru com destino ao Rio, tomaram parte Vitalino, os violeiros Zé Vicente da Paraíba e Arrudinha Batista, os músicos da banda de pífanos de mestre Vicente, além dos jornalistas Luiz Torres, Antônio Miranda e autoridades da cidade, como o padre Zacarias Tavares. O prefeito de Caruaru, João Lira Filho marcou presença no Rio de Janeiro, ocasião em que ofereceu um jantar a todos os membros da caravana.

Havia mais de uma década, o ceramista Vitalino já era divulgado naquela cidade através de seus bonecos de barro e de notícias e reportagens de revistas e jornais que circulavam no Brasil, nos quais aparecia como um símbolo do folclore nordestino e brasileiro. Em 1947, não por acaso o ano da criação da Comissão Nacional de Folclore, o artista plástico Augusto Rodrigues – pintor e desenhista pernambucano que revelou Vitalino - havia exibido uma mostra na qual os bonecos de barro do ceramista de Caruaru foram exibidos, chamando atenção para a sua importância na arte cerâmica brasileira.

Após esse evento, o nome de Vitalino passou a ser divulgado em vários órgãos de imprensa carioca. No Jornal de Letras, dos Condés, reportagens e referências a Vitalino vão aparecer com frequência a partir dos anos cinquenta, sempre associando-o à cidade de Caruaru. A chegada ao Rio da comitiva de Caruaru não foi acaso naquele fim de outubro de

¹¹¹ Jornal A Defesa 17.04.57, p. 2.

sessenta. Além da Semana Nacional do Folclore, era também o lançamento do romance de José Condé que se intitulava “Terra de Caruaru”.

No Rio, a comitiva de Caruaru, cujo maior expoente era o ceramista e também tocador de pífanos Vitalino, cumpriria um extenso programa. Na “Casa das Pedras” do político e industrial Drault Ernanny, os Condé haviam organizado a “noite de Caruaru”, em que Vitalino exibiu seus bonecos e se exibiu como músico para empresários, políticos, escritores e intelectuais. O percurso no Rio de Janeiro do “mestre” da cerâmica incluiu ainda visita à casa de escritores do Rio e de caruaruenses de destaque, como Austregésilo de Ataíde, Álvaro Lins, bem como entrevistas a vários órgãos de comunicação e apresentação em programa de televisão, participação em exposições de arte, gravação de músicas.

No roteiro turístico, Vitalino conheceu a Biblioteca Nacional, a Academia Brasileira de Letras, o Estádio do Maracanã e o Cristo Redentor. Mas o ponto chave da visita se deu quando o ceramista foi recebido pelo governador da Guanabara, Sette Câmara, ocasião em que foi agraciado com a medalha “Silvio Romero”, para aqueles que divulgavam o folclore brasileiro. O jornalista Luiz Torres, logo que voltou a Caruaru, escreveu um artigo, *Vitalino, os Condés e Caruaru*, no qual fez o seguinte registro da viagem ao Rio:

(...) Vitalino, contudo, não seria a *vedete* que pousou para os maiores jornais do país, não seria fotografado mais de 250 vezes nos mais diversos recantos do Rio, pelo Badaró e O Cruzeiro; Vitalino não teria sido notícia especial para o Repórter Esso na TV, não teria entrado na Biblioteca Nacional e nunca teria dito que o Maracanã era lugar para 5 mil pessoas, nem mais nem menos se não fosse os Condés – José, João e Elísio – que parecem ter uma chave mágica que abre todas as portas da *Velhacap* que se está remoçando. Augusto Rodrigues descobriu, os Condés projetaram Vitalino com êle promovendo Caruaru à cidade do Brasil mais conhecida no Rio de Janeiro hoje.¹¹²

A expedição da comitiva caruaruense no Rio também foi fartamente documentada em fotografias. Em anexo, no final deste trabalho, podem-se observar imagens fotográficas cedidas por Antônio Miranda¹¹³, membro integrante da comitiva. São registros de seu acervo particular que flagram diversas solenidades, recepções e eventos em que o ceramista Vitalino, os violeiros, a banda de pífanos e todos os membros da comitiva, se apresentaram para empresários, jornalistas, artistas, escritores e autoridades do Rio.

¹¹² Jornal Vanguarda, 20.11.60, p. 1.

¹¹³ Antônio Miranda, á época cronista e correspondente do Diário de Pernambuco no interior do Estado, foi convidado, junto ao radialista e cronista Luiz Torres, para acompanhar a comitiva de Caruaru. Além dos devidos registros para jornais e rádio a missão de ambos era acompanhar e orientar Vitalino, os músicos e os violeiros em suas apresentações na cidade do Rio de Janeiro. Atualmente Antônio Miranda escreve em Vanguarda a tradicional “Coluna do Miranda” na qual encena memórias e histórias de Caruaru.

Nos anos que se seguiram à viagem, a fama do ceramista Vitalino Pereira dos Santos e seus bonecos de Barro já corria o país. Museus, Galerias de Arte e Colecionadores exibiam trabalhos do artista como relíquias do folclore brasileiro. Em razão disso, ele receberia outros convites para mostrar sua arte em diversas cidades. Depois do Rio, há registros de viagens a Brasília, São Paulo, Recife, entre outras. Entretanto, Vitalino em nada se beneficiou de sua curta fama, morreria muito pobre ainda no início dos anos sessenta acometido da varíola.

Em Caruaru, tanto Vitalino como os Condés seriam homenageados em diversas ocasiões. O ceramista morreu em janeiro de 1963. Logo depois de sua morte, os políticos da cidade foram se mobilizando para transformá-lo num ícone. Já no governo de Anastácio Rodrigues¹¹⁴, um mausoléu foi construído e sua casa no Alto do Moura foi transformada em museu. Posteriormente se tornaria um ponto turístico da cidade. Vitalino, o pífano e os bonecos de barro se tornariam imagens com as quais a cidade ainda hoje se identifica e se mostra ao mundo.

As canções populares seriam canais para fazer de Vitalino e seus bonecos uma imagem definidora da cidade:

Vitalino foi embora mas deixou sua arte,
 Seus bonecos, seu valor
 Vitalino fabricava casamento, romaria
 Retirante, vaquejada, violeiro
 Caçador de passarinho, ladrão na delegacia
 Banda de pífano e novena
 Tudo o mais ele fazia
 Mas na feira o que mais chamava
 A atenção dos meninos
 Era o boi de Vitalino
 Era o boi, era o boi, era o boi de Vitalino
 Do barro deus fez o homem
 O homem do barro criou os bonecos
 Imagens de um povo que o imortalizou
 Vitalino que viveu dos bonecos que fazia
 O seu nome foi ficando
 Mais famoso dia-a-dia
 Morre o homem fica a fama
 O poeta disse bem
 Vitalino hoje é imortal também.¹¹⁵

¹¹⁴ A administração Anastácio Rodrigues 1969-1972 é bastante elucidativa para se pensar a preservação da memória de Vitalino, dos Condés e outros personagens, como também para se pensar como muitas das imagens de Caruaru desenhadas nos anos anteriores foram se fixando no imaginário social. Uma série de medidas oficiais dessa administração culminou em na construção de Mausoléus de Vitalino e de Zacarias Tavares; Casa Museu Mestre Vitalino; Colégio Municipal Álvaro Lins, Casa de Cultura José Condé. Além disso, a Administração Municipal oficializou o Hino e a Bandeira da cidade, como ainda financiou a publicação de livro de Nelson Barbalho e a viagem da Banda de Pífanos de Caruaru ao Rio de Janeiro.

¹¹⁵ Canção de Fé, Onildo Almeida. CBS 1972. Marines, LP -12p.

José Condé também seria bastante reverenciado, sobretudo pelo espaço que a cidade de Caruaru vinha ocupando em sua literatura a cada novo livro que publicava. A cada visita que fazia à cidade, amigos e autoridades o recepcionavam em festas e homenagens. O escritor morreu no Rio de Janeiro, em 1971. Após sua morte, seria construída em Caruaru uma Casa de Cultura que levaria seu nome. Atividades culturais, palestras, estudos, missas e diversos eventos também procuravam destaca-lo. O ponto chave das atividades de celebração se deu por ocasião da inauguração da Casa de Cultura José Condé, quando a viúva, Maria Luísa, e seus três filhos visitariam a cidade em ambiente extremamente festivo.

Uma cidade plantada em pedra: José Condé e a terra de Caruaru.

O discurso literário de viés ficcionista e inspiração sociológica também seria um espaço onde a cidade de Caruaru ganharia dizi/visibilidade. Embalado pela atuação na imprensa carioca e pelos ventos da literatura regionalista, José Condé marcaria seu lugar de romancista e crítico literário entre a geração dos anos cinquenta e sessenta. Em sua produção, a cidade de Caruaru é uma presença constante, servindo-lhe de inspiração e de lugar para o qual o autor encontra sua identidade.

Escrever sobre Caruaru, no Rio de Janeiro, parece ter sido a forma que Condé encontrou para lidar com o conflito identitário que viveu a partir dos anos trinta, quando trocou a pacata cidade no interior de Pernambuco pela vida frenética da capital da República, em processo de modernização. Aliás, foi servindo-se de imagens de Caruaru que o escritor ingressou na imprensa carioca desde muito cedo. No final da década de trinta, ele já publicava em *O Cruzeiro* o poema *Feira de Caruaru*, inaugurando uma temática recorrente tanto em sua produção quanto em outros gêneros, que da imagem da feira se utilizariam para caracterizar a cidade.¹¹⁶

Nesse diálogo não se pretende fazer uma análise de como a cidade de Caruaru foi representada em toda a produção do escritor José Condé. O recorte que a pesquisa se propôs recaiu sobre *Terra de Caruaru*¹¹⁷, um de seus mais conhecidos romances, produzido, segundo a crítica, no auge de uma carreira curta e de uma vida boêmia que a morte cuidou de

¹¹⁶ Revista O Cruzeiro, 22 de maio de 1937 – Ano IX, nº 29.

¹¹⁷ CONDÉ, José F. *Terra de Caruaru*. 2ª Ed. Rio e Janeiro: Edições Bloch, 1968.

encerrar aos cinquenta e quatro anos. Em *Terra de Caruaru*, Condé lança mão de memórias, história e ficção para constituir uma cidade e instituir muitas das imagens com as quais Caruaru se identifica ainda hoje. É um romance em que realidade e ficção se confundem, numa trama apaixonada pela cidade, que o autor institui em diversos aspectos, construindo seus personagens a partir de fatos reais ou não, sendo difícil, ao leitor, estabelecer a fronteira entre o real e o fictício.

Na primeira parte do romance *Terra plantada em pedra*, define-se, desde o início, o caráter documental que pretende traçar uma trajetória histórica para a cidade de Caruaru. A retórica da origem da cidade, de seu nome e de seu fundador é retomada pelo enredo de Condé, de maneira a confirmar o que já havia sido relativamente delineado no estudo feito pelo padre Zacarias Tavares:

No começo: rancho para pernoite de boiadas vindas do sertão bruto...
 Nascia nos campos o breo caruru. Verde - ao atingir a altura de vinte centímetros – era comer saudável para o gado; seco, porém virava veneno, que consumia em poucos dias uma rês.
 Foi a origem.
 (...)a solicitação tocou fundo o coração de José Rodrigues de Jesus, senhor da fazenda juriti, distante algumas léguas do sítio caruru. Um dia apossou-se da várzeas abandonadas onde se erguia outrora o pouso para pernoite das boiadas do Piauí e do Alto Moxotó. Além de escravos e agregados, levou consigo arcas de couro selins e alforges, gado – sobretudo a vontade de afundar novas raízes na terra.¹¹⁸

Condé tomava a metáfora, *terra plantada em pedra* emprestada da literatura regionalista para mostrar Caruaru como uma cidade que brotou como milagre entre a paisagem marcada, contraditoriamente, por secas causticantes e invernos rigorosos. Nessa paisagem, Condé encena um repertório de imagens, entre as quais se destacam os vaqueiros, as boiadas, o rio Ipojuca, a fazenda, a casa grande, a capela da Conceição e a feira como coisas que já caracterizam Caruaru no final século XVIII.

No personagem José Rodrigues de Jesus, está centrada a presença dos pioneiros criadores de gado que vieram “civilizar” os sertões. Já nos índios, a presença dos bárbaros que “semeavam o terror” e precisavam ser vencidos. Iluminado pela mão de Deus, Rodrigues de Jesus ocupa o sítio Caruru, funda a fazenda, a casa grande e a capela, em torno da qual o povoado e depois a cidade irão surgir.

Justificada a ocupação, a ficção de Condé lança mão, num cenário típico de sertão nordestino, da trama entre dois coronéis e seus cabras. Em João Teixeira e Chico Leite, estão

¹¹⁸ CONDÉ, José F. Op. Cit. p. 12 e 13.

representados as disputas por terra e água, as intrigas e assassinatos, as relações de compadrio, a traição e o exercício da justiça, num mundo onde o mais forte vence. Como pano de fundo dessas disputas, aparece Caruaru com sua rua da angolinha, sua capela, seu morro Bom Jesus e sua feira em evolução. Destacando o papel dos forasteiros e menosprezando o papel de índios e negros, esses últimos citados apenas como escravos, a narrativa de Condé institui a idéia de uma tradição proprietária que já teria se afirmado no final do século XVIII e seria responsável pela evolução da cidade de Caruaru em plena caatinga do agreste pernambucano.

Depois de percorrer o passado das origens no final do século XVIII, a narrativa abre um vazio de mais de um século para emergir na segunda parte do romance, *a cidade (2)*, na década de vinte do século XX, exatamente no período em que o autor viveu a sua infância na cidade de Caruaru. Voltando-se para suas recordações e aguçando sua imaginação, Condé lança mão de inúmeras tramas para mostrar uma cidade entre a tradição e a modernidade.

Contornando o monte do Bom Jesus, a cidade crescia naqueles anos da década de vinte. Da caatinga – brotando entre mandacarus, xiquexiques e palmatórias – vinha a seiva: o algodão. Fortunas começaram a surgir da noite para o dia: ergueram-se palacetes na Rua da Matriz; surgiram novas ruas; os primeiros automóveis e caminhões começaram a varar as estradas poeirentas abertas nos carrascais. Os caminhos das plantações para o burgo desembocavam diretamente nos escritórios dos intermediários ou nos armazéns de beneficiamento, onde maquinarias estavam sendo instaladas em ritmo acelerado.¹¹⁹

Nesse cenário, a tradição representada pela fazenda, vaqueiros e criadores vai perdendo seu sentido de ser, e a idéia da cidade de Caruaru como um burgo em plena evolução com o desenvolvimento da atividade algodoeira vai ganhando espaço. Para demonstrar esse aspecto histórico, Condé nos fala de um pequeno comerciante que enriquecera com os negócios do algodão. Mesmo sem mencionar o nome desse personagem, mas identificando que ele morava na rua da matriz, número 300, fica fácil identificar que, em parte, essa é a história do próprio autor, já que o palacete de que nos relata a pomposa inauguração foi a residência dos Condés em Caruaru e, neste caso, o proprietário seria o seu pai, João José da Silva Limeira.

Em seguida, Condé insere em seu romance diversas tramas e personagens que irão viver seus dramas existenciais e cartografar a cidade em dezenas de cenários. Para começar, a troupe *Chat-Noir*, que vem do Rio de Janeiro para apresentar espetáculos na cidade, encontra

¹¹⁹ CONDÉ, José. Op. cit. p. 25.

uma Caruaru em meio a uma paisagem tipicamente de caatinga do agreste. Condé exagera para mostrar uma cidade rodeada por uma vegetação queimada de sol, imersa entre carrascais, palmatórias, avelozes, umbuzeiros e onde habitam animais como cabra, jegue, boi (magro), e aves como urubu, aguardando a próxima carniça.

Nos personagens de Reinaldo e Noêmia, o autor representa o conflito de valores entre mundos e tempos distintos. O casal do Rio de Janeiro é de limitadas relações sociais e não se mistura à elite da cidade. Reinaldo é um engenheiro entendido em negócios do algodão. Trabalha para os ingleses na cidade, não concorda com os desmandos das autoridades e é sensível aos problemas daqueles que são perseguidos. Já Noêmia é uma figura muito “estranha”, seus hábitos de beber, fumar, ler, freqüentar bares e usar roupas decotadas provocam a censura de muitos na cidade.

As figuras de destaque da cidade, representadas por coronéis, doutores, comerciantes, juiz, tabelião, alfaiate, prefeito, delegado e suas respectivas esposas e/ou concubinas, constituem os principais protagonistas das tramas de Condé. Através deles, antigas e novas práticas sociais, vividas na cidade, são colocadas diante do leitor, que se depara com uma Caruaru agitada entre a antigüidade e os prenúncios da modernidade.

Nessa elite social, advinda, em grande parte, da atividade algodoeira – *o algodão é a mãe generosa* -, Condé mostra uma cidade dividida entre as novidades da vida moderna e antigas festas religiosas e populares. O cinema, o automóvel, o futebol, o cassino, o carnaval, a vida boêmia na pastelaria do norte ou no cabaré de Belmira aparecem ao lado da festa de Nossa Senhora da Conceição, festas de reis, pastoris, retretas e outras.

Na imagem do cinema, há outra particularidade com relação à história de Condé. Seu pai foi proprietário do Cine Theatro Rio Branco, em Caruaru. Não é sem propósito que o cinema de Clomiro Arruda atravessa toda a narrativa repleta de anúncios de filmes e referências a ídolos que se exibiam na grande tela. Além disso, o próprio ambiente do cinema aparece na narrativa para mostrar como aquela arte atraía diversos personagens sociais que freqüentavam o cinema da cidade.

Seguindo os passos dos personagens de Condé, é possível se deparar com vários cenários da cidade, cotidiano, culinária, disputas, festas, numa narrativa que perpassa ruas, cabarés, becos e territórios diversos: a rua da Matriz, a rua do Comércio, a rua Duque, a rua Preta, a rua do Cafundó, o Rosário Velho, a Lagoa da Porta, a Baixinha do Capitão Ioiô, o Cedro, o Vassoural, o Salgado, a Matança são algumas entre tantas cartografias que seus personagens percorrem para desenhar a *Terra de Caruaru*. Entre elas, uma se destaca:

É cedo ainda, mas a feira já está bastante movimentada. Vai de um extremo ao outro da Rua do Comércio – mais de quilômetro ocupado pelos toldos coloridos, monte de frutas e legumes, barracas que servem de restaurantes populares (onde se come sarapatel, carne de sol, buchada, miúdos fritos), barracas que vendem selas, alforjes, relho, rêdes, ervas medicinais e afrodisíacas, chapéu de couro, cestos passarinhos, cavalos, peles de sucuri. Envoltas em chalés vistosos, cachimbos de barro cozidos pendendo nos lábios, mulheres caboclas, negras de sararás fazem barganha com a freguesia. Ruídos e vozes que partem de todos os cantos: dos becos que desembocam na rua, onde pedintes, aleijados e cegos entoam cantigas improvisadas de uma tristeza sem par; dos propagandistas das lojas de chita, dos pregoeiros das sanfonas, violas e pandeiros. Na calçada da igreja da conceição, o trovador popular recita para os matutos histórias sertanejas que vêm narradas nos folhetos...¹²⁰

Entre as muitas imagens que Condé insere em seu romance para mostrar sua Caruaru, sobressaem-se também a *do coronelismo* e a *do cangaço*, como estruturas que caracterizam certo período da história da cidade. Os personagens Ulisses Ribas e Ariosto Ribas - pai e filho - representam o coronelismo como um sistema de poder em crise e que não mais se adequam aos novos tempos. Ulisses é um Coronel autoritário, perseguidor, manda na política, na polícia e na justiça, mas é dominado pela concubina *DonDon*. É, portanto, um coronel em franco declínio, vítima da mesma violência com que tratava os subalternos.

Era natural que, ao final dos anos cinquenta, Condé pudesse construir essa trama, já que a cidade não estava mais sob a tutela de um coronel. O último deles havia falecido em meados da década de quarenta, quando já não exercia a mesma influência política de outros tempos. Era o Coronel João Guilherme de Pontes, figura que inspira o personagem Ulisses Ribas, quando não se confunde com o próprio. Além de Ribas, diversos outros personagens do romance também encontram referências em personagens reais. Como muitos deles ainda estavam vivos quando da publicação do romance, Condé estrategicamente lhes atribui papéis que ora se encontram na realidade, ora se diferenciam.

Ariosto Ribas, o herdeiro do Coronel assassinado, será a figura central na terceira e quinta partes do romance. Obcecado e sedento por vingança, o herdeiro do coronelismo desencadeará uma perseguição intensa aos seus inimigos, Zé Bispo e Dondom. Para capturar o primeiro, mobiliza e pressiona o delegado, Tenente Batista. Como a caçada parece em vão, sua fúria se volta contra a família daquele fugitivo. Quanto a Dondom, procurará expulsá-la da cidade a todo custo. Também fracassará diante da oposição, que já se voltava contra o seu autoritarismo.

¹²⁰CONDÉ, José. Op. cit. p. 49-50.

O papel da imprensa será fundamental para a queda do coronelato dos Ribas. O personagem Chico Lima aparece como um jornalista que não se curva à tirania do Coronel e em seu jornal, *O Combate*, denuncia os desmandos e defende aqueles que são oprimidos. No conflito entre o coronelismo e a imprensa, Condé insere o papel do jornalista como uma voz a serviço do direito e da liberdade que os novos tempos traziam. Chico Lima é rechaçado, perseguido, vítima de atentado, mas não desiste. Seu jornal denuncia as injustiças e sua atuação é marcante na queda dos coronéis.

Chico Lima e Reinaldo, o jornalista e o engenheiro, a essa altura do romance aparecem como líderes *revolucionários*, sublevando a cidade para lutar contra os desmandos de Ariosto Ribas. A inspiração marxista do romance, que Condé não por coincidência dedica a Jorge Amado, deixa muito clara a idéia da mudança social que o autor deseja imprimir em sua narrativa. Ariosto Ribas será destituído do poder, e a cidade ficará sob intervenção do governo do Estado.

José Bispo, um ex-seminarista e ex-cabo eleitoral do Coronel Ribas, é o personagem que sofre intensa perseguição. Surrado, desmoralizado e humilhado, trama em silêncio a vingança e assassina o coronel em plena festa de dezembro. Em seguida, foge da cidade, cria um bando, torna-se um cangaceiro vagando pelos sertões e procurado pela polícia de Caruaru. Mas Zé Bispo tem um único propósito, que é a vingança. Para isso, ele aguarda o momento adequado, surpreende Ariosto Ribas e lhe imputa uma morte lenta e dolorosa.

Nos personagens João Texeira, Teotônio e Antonio – pai, filho e neto -, Condé mostra, em três gerações, três diferentes períodos da história de Caruaru. João Texeira é o descendente do coronel João Texeira da Preguiça, da primeira parte do romance. Aparece como um saudosista, sempre lembrando o tempo da fazenda, angustiado com o presente e mais ainda com o futuro. Sua morte é também a morte de uma época da cidade. Em Teotônio está representada a quebra da tradição proprietária. Ele deixa a propriedade e se torna um mascate, comerciante de algodão.

Já Antônio, estudante de formação na capital, representa a crença no progresso e o futuro da cidade. O futuro bacharel vive sua paixão por Mariana e se junta ao jornalista Chico Lima para combater o coronelismo. Veja-se o seguinte diálogo:

- Sabe, papai, escrevi um artigo para *O Combate*. Depois do almoço vou entregá-lo a Chico Lima.
- Sobre quê?
- Sobre a cidade. Digo que Caruaru precisa romper com seu acanhado espírito de política municipal, abrir escolas, construir um hospital, industrializar-se. E isso compete à gente moça. Precisamos deixar de ser “Princesa do Sertão”, a “Terra do Aveloses Esmeraldinos” e outras coisas mais, para ser ¹²¹...

O romance que valeu a José Condé o prêmio *Coelho Neto*, da Academia Brasileira de Letras, também procurou dar uma dimensão universal ao regionalismo. Questões como o amor, a felicidade, o destino, a solidão e outros dramas existenciais são vividos pelos personagens de Condé. O tabelião Teixeira, a solitária Eulina, a prostituta Jandira são personagens que nos fazem pensar a dimensão humana da vida.

Como se pode notar, depois de percorrer todo esse caminho nas trilhas de *Terra de Caruaru*, Condé se esforçou para tentar fixar a imagem de uma cidade e de sua história. Muitas de suas tramas já estavam ensaiadas em *Enéias*, *Memórias de uma Geração Ressentida*, de seu primo Limeira Tejo. Condé, no entanto, soube explorá-las e criar outras tramas para instituir a sua Caruaru. Tanto em um quanto em outro escritor a cidade que emerge para a modernidade é uma cidade produto da expansão “civilizadora” dos sertões pelos fazendeiros de gado, que depois enriqueceram com a atividade algodoeira e construíram a cidade.

¹²¹ CONDÉ, José. Op cit, p. 145.

CAPÍTULO 3

UM HISTORIADOR PARA A CIDADE E UMA CIDADE PARA A HISTÓRIA: NELSON BARBALHO E O “PAÍS DE CARUARU”.

Nada invento, apenas reproduzo o que me contaram ou o que li em papéis primários e secundários. Sou um simples condutor de espelhos pelas ruas da cidade, não tenho culpa de seus reflexos, nem de suas indiscrições. (Nelson Barbalho)

Imagens de um escritor, cartografias de uma cidade.

Carregava a expressão de um “caboclo sertanejo”, destemido e irônico. Polêmico, de afirmações peremptórias, abusava da linguagem direta, licenciosa e picaresca. Disparava sua máquina de escrever para os mais diversos aspectos da vida das populações do interior. Provinciano, bairrista convicto, cantava e decantava a cidade de Caruaru. Eterno inconformado com o descaso com que seus conterrâneos tratavam a cultura, direcionava sua crítica para autoridades políticas, tendo sempre à mão um livro a procura de editor, mas não aceitava a bajulação indiscriminada de quem quer que fosse.

Nutria uma admiração profunda por tudo que achava original na cultura de seu povo e, em razão disso, meteu-se a cronista, lexicógrafo, historiador, folclorista e até compositor. De cronista a “historiador oficial”, foi sempre um observador metuculoso de aspectos curiosos da vida das cidades do interior do Estado de Pernambuco, em especial da cidade de Caruaru. Era de um desprezo temperamental com os desafetos e de se desmanchar em elogios para com os amigos, com muitos dos quais, entre prosas, cantorias e festas, marcava ponto nos cafés e botequins de Caruaru, ou ainda em Recife, onde viveu seus últimos anos.

Esses são alguns dos significados que se inscrevem na irreverente figura de Nelson Barbalho de Siqueira¹²², nascido em Caruaru em junho de 1918, filho de uma típica família

¹²² Este é o nome que consta nos documentos pessoais do escritor, porém sabe-se que não raras vezes ele se dizia Nelson Barbalho de Siqueira Cavalcanti de Albuquerque. Com efeito, o próprio escritor levantou suas raízes genealógicas paternas até a décima quarta geração, encontrando sua ascendência no Capitão Donatário Jerônimo de Albuquerque e Maria do Espírito Santo Arcoverde, filha do chefe indígena Tabajara, Cacique

de comerciante, sendo seu pai um alfaiate e sua mãe uma doméstica. Em Caruaru, Barbalho estudou no externato Rio Branco e Academia de Comércio, sendo aluno do professor José Florêncio Leão e do poeta Augusto Tabosa. Na década de trinta, Barbalho se transferiu para o Recife, chegando a estudar, por curto período, o ginásio no colégio Americano Batista. Pressionado pelo pai, homem severo e de quem o escritor não escondia sua mágoa, teve que retornar a Caruaru para trabalhar.¹²³

Voltando a Caruaru, trabalharia na alfaiataria João Barbalho por algum tempo, até romper com o pai no início dos anos quarenta e, logo depois, ingressar, por concurso, no IAPC¹²⁴ (Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciantes) de Campina Grande, onde foi datilógrafo, escriturário e fiscal público. Conseguindo pouco depois sua transferência para Caruaru, Barbalho conciliaria a atividade de fiscal público com atividades intelectuais escrevendo crônicas, montando suplementos e revistas literárias para os jornais da cidade, nos quais dava início a uma longa passagem como colaborador. A publicação de seus livros viria se efetivar apenas do final dos anos sessenta até o final dos anos oitenta, quando o autor já residia na cidade do Recife.¹²⁵

O Escritor Nelson Barbalho é mais do que uma referência, é unanimidade quando se discute a história da cidade de Caruaru ou mesmo do agreste e sertão de Pernambuco. É a ele, primeiramente, que intelectuais, políticos, artistas e imprensa recorrem para reatualizar a memória social, como para encontrar respostas quando o conhecimento histórico é, assim, provocado. No caso da história de Caruaru, é com frequência que se vêem nos jornais e canais de televisão local (especialmente, quando se trata do aniversário da cidade, comemorado no mês de maio), documentários, reportagens, encenações, depoimentos e muitas outras análises que dizem estar baseadas na “obra” de Nelson Barbalho. De tal maneira que o nome desse autor é uma chave a partir da qual se autoriza a fala sobre a cidade e sua história.

De fato, o volume de crônicas e livros que publicou descrevendo coisas do sertão, agreste e de Caruaru faz de Barbalho um grande inventor. Para se ter uma idéia de sua

Arcoverde. A esse respeito, ver BARBALHO, Nelson. *Dez Famílias de Caruaru: suas personalidades e suas origens*. Recife: CEPE, 1981, p. 67-82.

¹²³ Alguns dados biográficos de Barbalho foram obtidos em consulta ao Memorial Nelson Barbalho, que tem lugar na Faculdade de Filosofia de Caruaru. Outros dados foram retirados em MAIOR, Mario Souto. *Dicionário de Folcloristas Brasileiros*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: LTC, 1978; LUNA, Luiz e BARBALHO, Nelson. *Coronel dono do Mundo: síntese histórica do coronelismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1983. Além de uma série de artigos de jornais publicados após a morte daquele escritor e editados em *Revista de História Municipal*. Recife, FIAM/CEHM N°7, agosto de 1997, p. 152-170.

¹²⁴ A atividade de fiscal público, Barbalho exerceu até se aposentar. Começou pelo IAPC, em 1942, que durante os anos 60 passou a ser denominado de INPS, e por fim se aposentou em 1977 pelo IAPAS.

¹²⁵ A atividade jornalística desempenhada na imprensa de Caruaru por Nelson Barbalho era voluntária.

produção ambientada nesse recorte espacial, é importante começar lembrando, entre outros, a série *Cronologias Pernambucanas: subsídios para a história do agreste e sertão de Pernambuco*¹²⁶, na qual Barbalho retroage exageradamente 1.100 anos a.C. até chegar ao século vinte e encontrar as origens do homem “sertanejo” ou “agrestino”.

No que tange à história dos municípios, Barbalho escreveu sobre diversas cidades: Pesqueira, Olinda e Recife, Altinho, Limoeiro. Mas foi para Caruaru que ele dedicou a maior parte de suas pesquisas. Para brindar sua “cidade natal”, catalogamos perto de vinte títulos. Entre os mais históricos, destacamos *Caruru Caruaru*¹²⁷, *País de Caruaru*¹²⁸, *Caruaru de vila a cidade*¹²⁹. Uma seqüência de trabalhos em que o autor procurou estabelecer, entre outras coisas, os marcos cronológicos e históricos da história de Caruaru. Nessa produção, uma história da cidade foi gradativamente sendo construída, à medida em que a escrita de Barbalho foi dando existência textual a uma cidade que, para além dos textos, figura no imaginário e na identidade do caruaruense.

Além de um montante de livros publicados sobre a cidade de Caruaru, Barbalho deixaria outros tantos ainda não editados, que hoje podem ser encontrados em seu Memorial, na Faculdade de Filosofia de Caruaru. Em termos numéricos, essa marca dá ao escritor a condição confortável de “maior historiador” da cidade e superá-lo não tem sido tarefa fácil, sobretudo porque os poucos escritores que se seguiram a ele, assumindo praticamente o mesmo enfoque, não tiveram muitas novidades para narrar e acabaram por repeti-lo.

É importante esclarecer que, apesar de ter deixado uma “obra” extensa, Barbalho teve no início muitas dificuldades para editar seus livros. Desde o início dos anos cinquenta, aquele escritor já anunciava a conclusão de pelo menos cinco livros e vivia à procura de editores. Sua maior chance de publicar o primeiro livro surgiu por ocasião do centenário de Caruaru, quando Barbalho organizava *Uma Cidade Faz Cem Anos*, mas desentendimentos políticos não tornaram seu objetivo possível. Somente no final da década de sessenta ele conseguiria lançar seu primeiro livro na cidade de Caruaru, pela gráfica do Jornal Vanguarda, onde há muito já era articulista.

¹²⁶ As *Cronologias*, como indica o próprio nome, é uma série pretensiosa, abarcando um período de alguns milhares de anos. Ao que tudo indica, Barbalho encarava como sua grande obra. Inicialmente marcada para 30 volumes, a série foi ficando sem limites à medida que o escritor foi estendendo seu alcance. Quando morreu, em 1993, a série já andava em perto de 50 volumes, dos quais em vida ele fez publicar apenas 16.

¹²⁷ BARBALHO, Nelson. *Caruru, Caruaru: nótulas subsidiárias para a história do agreste de Pernambuco*. Recife: Editora Universitária da UFPE; Caruaru: prefeitura Municipal, 1972.

¹²⁸ Idem. *País de Caruaru: subsídios para a história do agreste*. Recife: CEPE; Caruaru: FAFICA/PMC, 1974.

¹²⁹ Idem. *Caruaru de Vila a Cidade*. Recife: CEPE, 1980

Foi com o apoio de Gilvan Silva, proprietário daquele jornal, e do escritor Agnaldo Fagundes, na época amigos de Barbalho, que veio à tona *Major Sinval*¹³⁰, edição de mil livros, em que o autor trazia à cena um velho amigo e personagem de suas crônicas: Sinval de Carvalho, boticário, contador de histórias, improvisador de versos e rimas picantes. Em seguida, pelo selo editorial do mesmo jornal, Barbalho editaria dois livretos: *Terra dos Urus*¹³¹, em que já ensaiava temas do agreste, e *Guerra dos Mascates*¹³², em que tratava do conflito entre Olinda e Recife.

Seu primeiro livro, no entanto, tendo como tema a cidade de Caruaru só seria editado em 1972, com o título *Caruru, Caruaru*, com apoio da Prefeitura Municipal da Cidade e da Editora Universitária da UFPE. Esse trabalho, como já apontava o prefaciador Kermógenes Dias¹³³, não se tratava de uma “obra de natureza histórica”, mas de registros de “ocorrências históricas”, ao lado das quais o escritor adicionava dados folclóricos, lingüísticos, geográficos e geológicos, distribuídos em diversas “nótulas”. Além disso, o texto inseria personagens, diálogos rústicos e chulos, além de imagens fotográficas que remontavam o passado da cidade.

Dois anos depois, o escritor publicaria *País de Caruaru*, no qual contou, para a publicação com a colaboração do então diretor da Faculdade de Filosofia de Caruaru, Mario Meneses, seu amigo particular, e da Prefeitura de Caruaru. Nesse trabalho, ao contrário de reivindicar a idéia de uma “nação” caruaruense, como deixa escapar o título do livro, o escritor, num tempo em que muitos procuravam estabelecer um rótulo identitário para a cidade de Caruaru, se colocava no lugar de ser a voz que elevou a cidade à categoria de país. Mas o exagero do escritor não ficaria por aí; em vários livros ele se refere à cidade como “O Continente de Caruaru”.

Nesses dois primeiros trabalhos e em *Caruaru de Vila a Cidade*, publicado em mil novecentos e oitenta, o escritor, baseado em documentos oficiais, como leis e atos oficiais dos tempos de Colônia e Império, Atas de reuniões da Câmara Municipal da Vila e depois Cidade de Caruaru, bem como artigos de jornais publicados na imprensa de Recife, procurou abordar aspectos legais que instituíram juridicamente a ocupação do interior e a criação da vila e cidade de Caruaru, no agreste de Pernambuco. São trabalhos em que se

¹³⁰ Idem. Nelson. *Major Sinval*. Caruaru: Vanguarda, 1968.

¹³¹ Idem. *Terra dos Urus*. Caruaru: Vanguarda, 1970.

¹³² Idem. *Guerra dos Mascates*. Caruaru: Vanguarda 1972.

¹³³ Kermógenes Dias, professor de língua e literatura, prefaciou e comentou na imprensa local alguns livros de Barbalho, no entanto sabe-se que ambos se indisporiam anos depois, rompendo definitivamente.

podem encontrar os marcos cronológicos, os personagens e acontecimentos da história de Caruaru.

Nessa linha, a sua escrita constrói uma trajetória linear, que localiza e explica o surgimento e evolução da cidade de Caruaru em meados do século XIX. Assim, a idéia de uma cidade pronta já aparece, em Barbalho, desde os tempos de império, quando se sabe que nem juridicamente o local, conforme está demonstrado na Constituição Imperial de 1824 e em leis provinciais, gozava de autonomia enquanto espaço de poder. A idéia de cidade enquanto espaço autônomo com relação à política, finanças e polícia só será possível com o advento da República, momento em que a cidade irá se tornar gradativamente emancipada.

134

Em Caruaru, as oportunidades eram poucas para o volume de livros que Barbalho vinha empilhando em sua biblioteca particular e sem conseguir publicar. Além disso, o escritor, casado com a paraibana Geni de Siqueira, com quem teve três filhos – Vera Lúcia, Carlos Alberto e Valéria –, passou a se preocupar com a educação de seus herdeiros e acabou por se transferir para a cidade de Recife. Na capital, o escritor ampliaria suas articulações para fazer pesquisas e conseguir formar os três filhos em medicina.

Com efeito, sua ida para o Recife, no início dos anos sessenta, lhe traria outras perspectivas para suas publicações. Em 1976, ele aparece como sócio fundador do CEHM – FIAM (Centro de Estudos de História Municipal), órgão ligado ao governo do Estado, que nascia com o objetivo de congregar historiadores municipais para incentivar suas publicações, preservar a memória dos municípios e fornecer ao governo do Estado informações para suas políticas.¹³⁵ A Atuação de Barbalho no CEHM coincidiu com sua aposentadoria pelo então IAPAS (Instituto de Aposentadoria, Pensão e Assistência Social). Dispondo de mais tempo para se dedicar à produção, e certa facilidade para editar seus livros, o volume de suas publicações se multiplicou, de tal sorte que, do final dos anos setenta ao final dos anos oitenta, a produção de Barbalho representa perto de metade de tudo aquilo que o Centro de História publicou nos últimos trinta anos.

O escritor soube ocupar o espaço que se colocava quando a história se pôs enquanto questão para indivíduos, grupos sociais e governos, no momento em que o registro escrito

¹³⁴ Os Municípios atravessaram o Império sem rendas próprias para prover as suas demandas e sem possibilidade de exercício autônomo do poder de polícia. A esse respeito, ver DE MARCO, Cristhian Magnus. *Evolução constitucional do município brasileiro*. Artigo eletrônico. <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=6798>.

¹³⁵ Sobre a participação de Barbalho na fundação do CEHM e ainda as funções a que este organismo desempenharia, ver DELGADO, José Luiz. A História do “Centro de Estudos de História Municipal”. In *Revista de História Municipal*, vol.1 Recife: junho de 1977, pág. 9-21.

passou a ser uma resposta de sujeitos individuais e coletivos diante das mudanças de tempo e de espaço que viveria o interior de Pernambuco a partir da extensão de modernizações que incorporavam as populações do interior a um projeto de poder regional e nacional. Por outro lado, a necessidade de governos estaduais em conhecer as populações do interior para melhor definir suas políticas abriu espaço para o surgimento de uma série de publicações que emergiram nesse sentido, coisa que aquele escritor aproveitou de maneira inteligente.

Através do Centro de Estudo de História Municipal (CEHM), Barbalho ganharia reconhecimento, sendo equiparado a historiadores de renome no Estado de Pernambuco, como Pereira da Costa – Anais Pernambucanos - e Luis do Nascimento – História da Imprensa de Pernambuco, – Muitos passaram a denominá-lo de “O Pereira da Costa do agreste e sertão”. No curto espaço de pouco mais de uma década, ele já havia publicado, principalmente pela Companhia Editora de Pernambuco, dezesseis volumes das Cronologias, além de outros tantos títulos sobre Caruaru e temas folclóricos do nordeste.¹³⁶

É importante registrar nesse início de diálogo que, embora seja uma referência na historiografia municipal, Barbalho nunca escreveu uma história de Caruaru, do Agreste ou do Sertão. Apesar de ensaiar no início, essa era uma tarefa que ele, aos poucos, foi atribuindo a futuros historiadores, limitando-se a denominar seus escritos de nótulas, subsídios e outras contribuições. Porém, a sua produção narrativa está, demasiadamente amarrada à idéia do espaço geográfico. Nordeste, Pernambuco, Agreste e, dentro desses recortes, Caruaru é o espaço de onde ele fala.

O Agreste é o espaço para a qual Barbalho, com seus textos, imagens e personagens, contribuirá para instituir no imaginário social das populações que habitavam os espaços do interior do Estado de Pernambuco. Nesse recorte, a cidade de Caruaru ocupará um lugar central em sua escrita, uma vez que será para ela que ele atribuirá um papel relevante, denominando repetidamente e em letras destacadas Caruaru de “cidade céu”, “país”, “continente”, “vasto mundo”, “cidade princesa”, entre outras expressões quase sempre exageradas. Quando não usava a palavra “caruaru”, o escritor associava o nome da cidade a uma figura de destaque: “a terra de Álvaro Lins”, “a terra de José Condé”, etc.

Apesar do extenso volume de suas publicações, a produção textual de Barbalho guarda uma singularidade que é crucial assinalar para fazer uma leitura de seus textos. O fundamento de sua escrita guarda uma flagrante intimidade com estilo da *crônica*, e, em

¹³⁶ Sobre temas folclóricos, Barbalho ensaiou dicionários, como *o Dicionário da Cachaça, Dicionário do Açúcar* além de outros temas. A esse respeito, ver também, BARBALHO, Nelson. *Baú de Sovina: caruaruismos, nordestinidades* e outros bichos. Recife CEPE, 1980; Idem. *As Nordestinidades de Nelson Barbalho*. Recife CEPE, 1990.

menor grau, do *conto*, enquanto gêneros literários. A brevidade e leveza da informação escrita com fins utilitários, especificamente para jornais e revistas; a linguagem que aproxima o escrito do falado; o conteúdo da informação corriqueira, pitoresca e despreziosa são as marcas principais de seu estilo.¹³⁷

Os livros que levam o sobrenome Barbalho fragmentam-se em dezenas de pequenas histórias, que versam sobre temas diversos, tornando a leitura tão dispersa quanto superficial. Com efeito, o exercício da crônica, do conto e de pequenas novelas foi a escola de formação daquele escritor. Foi escrevendo em colunas de jornais para os leitores comuns do interior que o escritor se fez ouvir e entender. Esse é um estilo que ele adquiriu e do qual não mais se despreendeu. Em razão disso, não encontraremos em sua leitura análises econômicas, políticas, sociológicas aprofundadas ou consistência teórica em seus curtos relatos. Pelo contrário, suas observações têm, geralmente, o caráter do circunstancial, aparentemente solto, sem estender a narrativa.¹³⁸

Não é à toa que parte dos livros de Barbalho foram montados a partir da reunião de crônicas que ele escrevia para a imprensa de Caruaru. Nesse sentido, sua linguagem aproxima-se mais da literatura do que da história, se é que podemos delimitar rigidamente essas fronteiras. A inspiração para escrever adveio do relacionamento com jornalistas, poetas e amigos de rodas literárias em Caruaru, em meados do século XX. Respirando os ventos da literatura regionalista, particularmente de José Lins do Rego, de quem Barbalho se dizia influenciado, e incentivado pela projeção de escritores caruaruenses como Limeira Tejo, Álvaro Lins, Austregésilo de Ataíde e dos irmãos Condé, o escritor encontrou motivação para escrever sem cessar até o fim de sua vida.

O convívio diário com cantadores de feira, cordelistas, violeiros e poetas populares como Sinval de Carvalho e outros tantos que marcavam ponto na Farmácia Francesa, bares e esquinas de Caruaru para declamar versos, ouvir cantorias, desafios de violeiros, legaram a Barbalho o gosto pelo folclórico e picaresco, pela linguagem simples e espontânea que ele tanto fazia questão de exhibir como ponto forte de sua identidade. Dos *matutos e brejeiros*, que costumava ouvir nas folgas do trabalho de fiscal, retirou muitas histórias através das quais preenchia suas crônicas e outros escritos.

¹³⁷ O papel da crônica na história pode ser encontrado em NEVES, Margarida de Souza. "História da crônica, crônica da História". In RESENDE, Beatriz (org.) *Crônicas do rio*. Rio de Janeiro: José Olímpio; CCBB, 1995. Para uma análise da crônica enquanto estilo literário ver MASSAUD, Moisés. Dicionário de termos literários 14ª ed. São Paulo: Ed. Coutrix, 1995.

¹³⁸ O perfil do cronista pode ser visto em SÁ, Jorge de. *A Crônica*. Série Princípios. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 2002.

A epígrafe com a qual ilustramos este capítulo nos dá idéia do lugar social que Barbalho buscou alcançar para narrar suas histórias, como também do seu estilo e de sua linguagem. O lugar da imparcialidade, que isenta o autor de sua própria produção, foi uma característica da historiografia positivista e historicista que marcou tão fortemente a produção historiográfica brasileira até bem pouco tempo atrás.¹³⁹ Vivendo num período em que essa tradição viraria moda, Barbalho, mesmo sem ser um historiador profissional, ocupou-se em estabelecer as origens, os heróis e datar acontecimentos que marcaram a história da cidade de Caruaru. Apesar disso, como já foi assinalado, Barbalho não conseguiu sair do estilo da crônica para o texto histórico.

Uma outra questão que suscita a leitura da epígrafe diz respeito às relações entre memória e história, que em Barbalho não encontram limites. A memória é um recurso de que ele se utiliza amplamente na narração sem estabelecer qualquer diferença ou pontuar suas relações com a história. Utilizando relatos de memórias que ouvia de pessoas que ele próprio selecionava, somando às suas próprias memórias e ainda citando integralmente documentos oficiais, que às vezes reproduzia por inteiro, o escritor construía seu argumento e estabelecia a versão para sua narrativa.

Nessa perspectiva, a cidade que se desenha em sua escrita é também uma cidade da memória, espaço da saudade e da frustração do autor, que alternava momentos de intensa saudade, fazendo da escrita uma ponte que o religava às suas referências culturais e momentos de profunda decepção, sobretudo com o descaso dos dirigentes políticos com a cultura. No auge de sua carreira, anos oitenta, Barbalho ficaria quase uma década sem vir a Caruaru e, apesar de confessar sua vontade de ser enterrado na cidade para “adubar a terra” com seus restos mortais, seu corpo foi sepultado no cemitério de Santo Amaro, no Recife. Bastante elucidativas de sua produção memorialística são suas publicações nos anos oitenta: *Caruaru de Meu Tempo*¹⁴⁰, *Meu Povinho de Caruaru*¹⁴¹ e *Trem da Saudade*¹⁴², trabalhos em que o autor abordou a cidade entre os anos vinte e trinta, período em que viveu sua infância e adolescência na cidade.

Apesar de tecer muitas críticas às autoridades políticas de sua cidade, Barbalho não conseguiu analisar a política com isenção merecida. Muitos de seus artigos e crônicas também defenderam, elogiaram ou aplaudiram lideranças políticas de Caruaru. A própria

¹³⁹ Sobre a “objetividade” da produção historiográfica e o lugar social do historiador, ver CERTEAU. Michel de. *A Escrita da História*; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. – 2edição – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

¹⁴⁰ BARBALHO. Nelson. *Caruaru de Meu Tempo: feliz chão das traquinagens*. CEPE, 1980

¹⁴¹ Idem. *Meu Povinho de Caruaru: estórias de gente da gente*. Recife: CEPE, 1980.

¹⁴² Idem. *Trem da Saudade: parada obrigatória: estação caruaru*. Recife: CEPE, 1980.

edição de seus livros contou, na maioria das vezes, com o financiamento do poder público em Caruaru ou no Estado de Pernambuco. Dessa forma, mesmo sendo implacável com alguns políticos, Barbalho foi um escritor muito próximo aos meios oficiais.

Quando fala de indiscrições, ainda na epígrafe, o autor nos deixa escapar outro detalhe singular em sua escrita e que lhe traria muitas críticas. A linguagem popular, direta, muitas vezes agressiva, lhe atraía tanto aplausos como a ira daqueles que se sentiam atingidos por suas palavras um tanto quanto duras. Em seus primeiros escritos, Barbalho pouco recorria a eufemismo, dizia não ter “papas na língua”. Não foram poucas as vezes em que seus leitores enviaram reclamações aos jornais para os quais escrevia. Muitas vezes, seus editores tiveram de retirar palavras de suas crônicas ou censurar certas expressões, mesmo sob sua reprovação contundente.

Nos anos oitenta, ele se esforçava para ser mais comedido. Quando do lançamento da série *Visão Histórica e Social*¹⁴³, que compreende cinco volumes, na qual Barbalho discute a cidade na passagem do que ele chamou de *do matutismo ao modernismo*, assim o escritor se expressou na orelha do livro:

(...) infelizmente, em minha terra natal, obra muito séria é pouco lida ou nada lida. O chamado grande público foge dela como, na atualidade, político situacionista da urna. Em tais condições, tive de amenizar, de dourar ou açucarar a pílula, a fim de o freguês engoli-la sem sentir o gosto amargo. Como? Distribuindo pitadas de malícia ou irreverência em suas páginas, apelando, fazendo concessões aos leitores em geral, nunca, porém, fugindo da verdade histórica, baseado em documentos irreversíveis, ou seja, nas fontes citadas no texto do livro.¹⁴⁴

A série *Visão Histórica e Social* teve como propósito focar as primeiras duas décadas do século XX. Uma das principais imagens exploradas por Barbalho nos cinco volumes da série foi a do *coronelismo*, uma vez que o escritor, ao dividir o recorte temporal tendo por base os períodos de administrações municipais, procurou sempre mostrar a cidade a partir de um dono, o coronel: *Caruaru do Cel. Neco Porto*, *Caruaru do Cel. João*

¹⁴³ A série “visão histórico e social” compreende cinco trabalhos, a saber: BARBALHO, Nelson. *Caruaru do Cel. Neco Porto: visão histórico e social, 1901-1904*. Recife: CEPE, 1981; Idem. *Caruaru Cidade Princesa : visão histórico e social, 1905-1908*. Recife: CEPE, 1981. Idem. *Caruaru do Cel. João Guilherme: visão histórica e social 1909-1912*. Recife: CEPE, 1981; Idem. *Caruaru do Major José Martins: visão histórica e social, 1913-1916*. Recife: CEPE, 1981. Idem. *Caruaru de Henrique Pinto: visão histórica e social, 1917-1920*. Recife: CEPE, 1981.

¹⁴⁴ BARBALHO. Op. Cit., p. 1.

Guilherme, entre outros. No entanto, tomando como fonte os jornais do início do século editados em Caruaru e depoimentos orais, o autor não se deteve a explorar o poder dos coronéis; muito pelo contrário, seu texto discorre sobre temas diversos: brigas políticas, traições, assassinatos, festas, casamentos, registros de mortes e nascimentos, entre muitos outros.

A leitura das crônicas ou dos livros-crônicas de Barbalho conduz o leitor por um universo de palavras e expressões corriqueiras, das quais o escritor lançava mão como que para ornamentar o seu texto e tornar a narrativa engraçada ou palatável. Entretanto, a leitura de Barbalho também abusa da repetição pela frequência com que ele retoma temas dos quais já discorreu anteriormente. Sabe-se que, quando questionado sobre seu perfil, o escritor dizia ser “original”, “verdadeiro” e “independente”; quanto a sua linguagem, picaresca e às vezes chula, insistia que falava a “língua do povo”. Para as críticas, ele respondia:

(...) Há quem se zangue com o que apresento em meus livros ou mesmo com a sua simples publicação. Deve tratar-se de gente recalçada, de medíocres que não toleram ver ninguém passa-los para trás. Nem fazem, nem querem que ninguém faça. O mundo dos medíocres deve ser bastante triste. Dou bananas de estalo nas fuças de todos eles e toco o bonde para frente, pois viver é lutar.¹⁴⁵

No início dos anos noventa, Barbalho produziria dois de seus últimos trabalhos sobre a história de Caruaru. Duas cartilhas: *Caruaru: nomes e cognomes*¹⁴⁶ e *Caruaru: sua prefeitura, sua autonomia municipal, sua emancipação política*¹⁴⁷. Esses dois trabalhos, para os quais o escritor contou com apoio da Prefeitura Municipal, marcam uma reaproximação entre Barbalho e sua cidade. No primeiro, ele retomava antigas querelas sobre as origens do vocábulo “caruaru”, criticando velhas definições e esforçando para encontrar uma origem única. Já no segundo, tratou-se de um texto celebrativo para marcar o centenário da emancipação política da cidade com o advento da república, acontecimento que muitos confundiam com a elevação à categoria de cidade, em meados do século XIX.

Este capítulo não tem a intenção de levantar a biografia do escritor Nelson Barbalho, tampouco de procurar saber até onde sua escrita constitui verdade histórica ou não. Antes, a intenção desse trabalho é um esforço para elucidar as condições de possibilidade em que a

¹⁴⁵ Esse fragmento de texto encontra-se na contracapa do livro *Caruaru do coronel João Guilherme*, da mesma série Visão Histórica e Social. Trata-se de um desabafo do escritor com as autoridades políticas de Caruaru e de seus críticos.

¹⁴⁶ BARBALHO, Nelson. *Caruaru: nomes e cognomes*. Caruaru: Vanguarda, 1992.

¹⁴⁷ Idem. *Caruaru: sua prefeitura, sua autonomia municipal, sua emancipação política*. Caruaru: Art’Berg, 1993.

escrita da cidade de Caruaru se impôs como questão, tornando-se um objeto de pensamento para o qual esse escritor criaria textos e imagens. Entender como esses textos e imagens foram se articulando para constituir a história da cidade de Caruaru é o objetivo da pesquisa.

Nessa perspectiva, a produção de Barbalho não se restringe apenas aos livros publicados em que ele instituiu os marcos cronológicos, políticos e as personalidades da história de Caruaru. Um volume de crônicas talvez muito maior possa ser encontrado nas páginas de jornal, revistas e outros periódicos, editados especialmente em Caruaru e Recife. Antes de ocupar o lugar de “historiador”, Barbalho ocupava o lugar de um cronista, atividade que ele exercia desde o final dos anos quarenta na imprensa de Caruaru. Nessa produção, vários aspectos da história da cidade de Caruaru já eram ali especulados pelo escritor, como se poderá ver a seguir.

Contadores de Histórias, Cavalcante do Norte ou Nelson Barbalho.

O Nelson Barbalho dos anos cinquenta e sessenta ainda não é o historiador e a autoridade para falar do Agreste, do Sertão e da cidade de Caruaru. É aquele operário anônimo que se obstina a revirar arquivos, ler documentos, ouvir memorialistas, numa busca dramática para não deixar escapar o passado. É o Barbalho articulista e cronista dos jornais e revistas de Caruaru, nos quais publicava, à sua maneira, histórias e memórias, dando existência a sujeitos, relatando episódios, tecendo os fios da história de sua cidade.

Foi esmiuçando periódicos da imprensa de Caruaru do final dos anos quarenta que encontramos os primeiros escritos de Barbalho. À medida que folheávamos jornais e revistas nos deparávamos com crônicas, contos, novelas, causos, anedotas e outros que aquele escritor se pôs a registrar com certa frequência em diferentes periódicos, assinando alternadamente com seu próprio nome ou ocultando-se num pseudônimo. Independentemente do estilo, a cidade de Caruaru, seus personagens e sua história eram o tema preferido daquele escritor, obcecado por descrever tudo que lhe aparecesse à frente.

Vasculhando as páginas do *Jornal de Caruaru*, de setembro de 1949, achamos a coluna “Crônicas do Passado”, assinada por *Cavalcanti do Norte*, o pseudônimo através do qual Barbalho, a princípio, se vestiu para assinar suas histórias. Omitindo sua identidade, o escritor se voltava para descrever aspectos do passado da cidade, trazendo à tona histórias diversas, personagens controvertidos que a sua percepção captava. Histórias como a dos “matutos”, nas antigas festas de ano novo:

Vinham de todas as partes dos municípios. Do Cedro, de Jacaré, de Serrote dos Bois, do Cajá, do Rafael, de Malhada, do Juá, Riacho das Almas, de Trapiá... [...] e os nomes? Nada de nome próprio, verdadeiro, exato. Tudo apelido fácil, comum, vulgar. No duro. Na batata. No gozo. Nomes que se assemelhavam a Chico das Catingas, Fulorenço Véio, Das Dore Preta, Maria Goiaba, Ceição de seu Ocrídio, Dão, Chica do Capitão Quizin, Mané Brejão, Sá Quitera do Závo, Aguida Massera, Zuca de Sá Ingrença, Inaça Manca...¹⁴⁸

Em meio às suas descrições, com frequência Barbalho permitia que aqueles personagens tomassem parte em sua trama através de suas próprias falas:

- Gostasse da festa esse ano?
- E antonce? Eu achei mió do que o ano passado, praquê esse ano as musgas tava mais mió e mermo praquê tinha mais gente.
- Isso não, gente qui nem o ano passado eu nunca vi. Esse ano tinha muita, mais porém o ano passado foi um dispropose. Ah, aquilo sim, é que era tê gente!¹⁴⁹

Narrando para os jornais a vida daqueles personagens, captando as maneiras engraçadas e rústicas, autor se deparava com a questão da identidade social que a vida na cidade colocava. Nesse sentido, as crônicas de Barbalho registram o comportamento de pracionos e cidadãos, mas, sobretudo brejeiros e matutos, tendo na linguagem um recurso importante para definir o papel e o lugar de seus sujeitos. A crônica “Brejeiro de Caruaru” é muito esclarecedora da importância que a linguagem vai assumindo para definir a identidade do personagem, como do próprio autor:

- (...) Sô moço, vosmicê póde m'issiná adonde é a loja qui tem linha de carrité, prumodi vendê?... (...) lembrava-se da doença da esposa comparecia a farmácia do Major Sinval.
- Seu Majó, eu quiria pur sua bondade, qui seu Majó aperparasse uma mêizinha pra muié mode uma dô qui deu aqui lá nela.
- Como foi?
- Cum sua licença seu Majó, cumeçou que nem um nó nas tripa. A pobe vertia água sem querê e deu de cóipo umas quato veis de tão grande qu'era a dita. Nós deu chá de quixaba móde istancá e chá de mulugú pr'ela tumá, qué muito bom p'essas dô. Adispoi a muié amiorou um tiquim. Mais derna ontonte ta mais pió osta veis(...)¹⁵⁰

A feira de Caruaru era, para Barbalho, um universo múltiplo, cenário de práticas sócias diversas de onde ele nos contava dezenas de pequenas histórias, como a de cantadores

¹⁴⁸ Jornal de Caruaru, 18.09.49, p.5.

¹⁴⁹ Jornal de Caruaru, 18.09.49, p.5.

¹⁵⁰ Revista do Agreste, Dezembro de 1949, p. 31.

que, em dias de feira, arregimentavam dezenas de pessoas para narrar suas composições e vender seus folhetos:

Sábado pingo de meio dia. Sol a pino. Causticante. De assar o sujeito. Parto da “feira do ciará”, não havia calçamento na rua do comércio. A terra seca escaldava as plantas dos pés. Entrava-lhe pelos dedos. Impiedosa. Indiferentes, atentos matutos faziam roda, apinhados uns aos outros e o cantador punha o chapéu em cima dos olhos, para se defender da ofuscante luz solar. Segurava o maço de “foiete” e sussurrava sem acompanhamento:
 “Disgraça pouca é bobage
 E muita é cabumgage
 Queijo in francêi é fremage
 Cusemento é marriage
 Quem guarda carro é garagem
 Quem guarda gente, istalage
 Água im deserto é mirage
 Morador das serva, servage
 Vento fresquim é arage
 Murro de moça é massage
 Mamá im onça é corage
 E im muié, malandrage
 Roubo de rico é chantage
 Roubo de pobre, gatunage
 Capim de pranta é pastage
 Poste de bonde, purage
 Biête de trem é passage
 Recado de rico, é mensage
 Criado do rei é page
 Bera de rio é marge”
 A matutada gostava. Vario folhetos eram adquiridos...¹⁵¹

Na coluna. “Crônicas do Passado”, Barbalho se voltava ainda para captar aspectos e detalhes variados da sociedade caruaruense. Gafes jornalísticas, futricas, desentendimentos e outros, que encontrava a partir de suas leituras nos jornais das primeiras décadas do século XX e dos depoimentos que lhes narravam às pessoas consultadas. Além disso, casos políticos, brigas, fofocas, desfechos pessoais, adivinhações, datas celebrativas, histórias de “trancôso” eram temas recorrentes nesses seus primeiros escritos.

De seu presente, vivendo numa cidade que passava por transformações, Barbalho via o passado como um tempo ingênuo e autoritário. O “matuto”, personagem preferido de sua escrita era como se fosse o não civilizado, vivendo no atraso e na ignorância. O coronelismo representava a forma de poder daqueles tempos marcados pela violência e pelo domínio pessoal. Nesse sentido, a escrita do autor aparece como tributária da idéia de um tempo melhor e em franco progresso, o tempo de seu presente.

¹⁵¹ Jornal de Caruaru, 09.10.49, p.5.

Ao tentar desenhar um perfil dos personagens do interior, a escrita de Barbalho destaca o “matuto” e o “brejeiro” como o diferente e o exótico com relação ao civilizado. O próprio autor se coloca como um deles, em muitos momentos. A sua escrita é tributária de um antigo discurso oficial e reforça a idéia da superioridade da civilização. Dessa forma, Barbalho, ao tentar descrever aqueles personagens característicos de sua Caruaru e de outras cidades do interior que ele percorria no exercício de sua atividade de fiscal do IAPC, fazia emergir uma riqueza de práticas sociais, mas também contribuía para constituir a identidade do “matuto” e do “brejeiro” como aquele outro diferente, inferior, rústico e folclórico.

Ainda no Jornal de Caruaru, o escritor assinou, sem ocultar sua identidade, a coluna “Retrospectos”. Diferentemente de “Crônicas do Passado”, como que para despistar o leitor, Barbalho montava seu enredo misturando informações de alcance internacional e nacional, para em seguida alcançar notícias do Estado de Pernambuco e da cidade de Caruaru, não necessariamente nessa ordem. Veja-se, por exemplo:

Ainda na última quadra, julho de 1948, nos Estados Unidos da América do Norte, era lançada com alarde a candidatura de Henry Wallace à presidência da República, pelo Partido Progressista que diziam ser constituído de comunistas, socialistas, descontentes, etc. principalmente etcetera... (...) Mas no Brasil entrava no sétimo mês de debates a questão do aumento dos vencimentos dos funcionários civis e militares da União, sem que se chegasse a um acordo, apesar da mensagem de Dutra que pedia urgência no assunto... (...) e aqui em Caruaru onde o tempo permanecia frio e húmido, campeava desbragadamente todo tipo de jogo de azar, muito embora houvesse lei federal que os proibia em todo território brasileiro. Dava a impressão de que aqui não era Brasil, mas era. Sim era. Porque em qualquer outra cidade nacional também se jogava. A lei é que talvez não fosse “made in Brasil...”¹⁵²

Ainda encontramos pequenos artigos e crônicas de Barbalho nas revistas “Aru”, “Revista do Agreste”, “Jornal dos Novos”, “Gazeta Literária”, “Aciano”, “O Ditador”¹⁵³, periódicos, em sua maioria, de curta circulação entre o final dos anos quarenta e o início dos anos 50. Nesse período, cercado de jornalistas, poetas e intelectuais como Odílio Andrade, Jayme Meneses, Manoel Maria de Araújo, Rômulo Larena, João Florêncio Júnior, José Humberto, Luiz Pessoa, Luiz Torres, Antonio Miranda, Celso Rodrigues, Azael Leitão, Mario Limeira, Lycio Neves, e muitos, Barbalho encontrava tempo para participar de rodas literárias, escrever crônicas, criar jornais e se envolver em diversas atividades culturais que apareciam na cidade.

¹⁵² Jornal de Caruaru, 29.10.50, p.1.

¹⁵³ Os periódicos em destaque tiveram curto período de circulação no início dos anos cinquenta.

De fato, do final dos anos quarenta a começo dos anos 50, um pequeno movimento literário ensaiava seus primeiros passos em Caruaru. Os dois principais jornais da cidade apareciam exibindo páginas literárias, onde é possível identificar diversas publicações. O *Jornal de Caruaru* trazia a seção *Letras*, enquanto o *Jornal Vanguarda* circulava com o caderno *Página Literária*. Nesse ambiente intelectual, as publicações de Barbalho aparecem dividindo espaço com notícias da literatura, cinema, rádio, música, artes.

Além de *Crônicas do Passado e Retrospectos*, Barbalho também escrevia crônicas sobre problemas contemporâneos. Em *Mesa de Café*, coluna do *Jornal Vanguarda*, ele tratava assuntos como literatura, educação, imprensa, cultura, etc. O nome da coluna já nos parece bastante indicativo de que se tratava de uma conversa informal com o leitor. Às seções e colunas veiculadas relativamente de forma regular se somam outras tantas notas soltas, que podem ser encontradas na imprensa de Caruaru desse período. Quase sempre tiveram duração efêmera, uma vez que sua publicação dependia muito da aceitação por parte dos redatores de jornais, do público leitor e do próprio escritor, que contribuía para essa imprensa em caráter voluntário.

A imprensa aparecia nesse momento histórico como um espaço importante, constituindo-se num canal em que jornalistas e intelectuais podiam defender interesses e criar um canal de diálogo com a sociedade. Logo no início dos anos cinquenta, Barbalho se junta a alguns de seus amigos jornalistas para fundar o *Jornal do Agreste*,¹⁵⁴ publicação que se pretendia independente da então imprensa local, controlada por grupos políticos. Nesse veículo, é possível encontrar um número extenso das publicações de Barbalho. Tendo mais facilidade como sócio proprietário, o escritor voltou a escrever suas crônicas, além de outras seções e colunas que apareciam como editoriais.

No *Jornal do Agreste*, Barbalho teve mais liberdade e espaço para publicar seus estudos sobre a cidade de Caruaru. Além da reedição de sua já conhecida “Crônica do Passado”, na qual o passado da cidade continuou a ser revisitado através de acontecimentos e sujeitos que Barbalho trazia, o jornal apresentava ainda outras seções, em que vários aspectos da história da cidade eram delineados. O futebol, por exemplo, foi um tema amplamente explorado através das microbiografias de jogadores que listavam o elenco de vários clubes da cidade. Narrar as conquistas, os campeonatos, a habilidade e o talento individual dos

¹⁵⁴ O *Jornal do Agreste* foi fundado em 1951 pelos jornalistas Azael Leitão, Nelson Barbalho, Luiz Torres Antônio Miranda e contou com o financiamento de comerciantes e políticos, como José Salvador Sobrinho, José Rogoberto, Lourinaldo Fontes, Antônio Alves da Silva, Sizenando Guilherme, Pedro de Souza.

jogadores que marcaram as glórias do futebol na cidade de Caruaru foi um outro tema de que muito se ocupou o escritor e torcedor apaixonado do Esporte Clube de Caruaru.

Nesse período, a escrita de Barbalho já demonstra uma inclinação muito forte por histórias individuais de personagens de sua cidade. Vários deles tiveram sua vida retratada nas palavras do escritor para os jornais de Caruaru. Um desses personagens ocuparia um papel singular na escrita de Barbalho, dando-lhe inspiração e servindo de objeto de estudo durante anos, Sinval de Carvalho, amigo da família Barbalho e amigo do próprio escritor Nelson Barbalho.

Major Sinval, como era chamado, era um personagem bastante conhecido da sociedade caruaruense. Boticário radicado na rua do comércio desde o início do século vinte, assistiu à cidade crescer e se transformar. Além disso, seu estabelecimento comercial, a “farmácia Francesa”, era muito além de uma simples farmácia freqüentada por matutos e cidadãos à procura de remédios. Sinval de Carvalho era também um homem de versos e rimas populares, poeta que atraía pessoas dos vários níveis sociais para ouvir suas histórias, glosas e arremates de inspiração camoniana.

Para esse personagem, encontramos muitas crônicas, nas quais Barbalho narrou desde a história dos fundadores da Farmácia Francesa, a própria história pessoal do major, como ainda as histórias daqueles que freqüentavam a Francesa:

Aos sábados, nos dias da grande feira de Caruaru, a Farmácia Francesa se enchia de matutos. Era a freguesia do major Sinval que enconstava para adquirir medicamentos, “arreceitar-se”, ou simplesmente conversar. O Major gostava de ouvir-lhe os “causos”, para depois reproduzi-los, a seu modo, aos amigos da cidade ou de fora. Apreciava a matutada e atendia a todos com a maior paciência deste mundo. (...) Certa vez estava o major manipulando qualquer receita, quando um tabaréu se aproximou e pediu-lhe, com voz puxada, demonstrando acanhamento:

- Seu majó tem sarsa prá riba de bicho?

Qualquer outro se atrapalharia com a pergunta, menos o Major, que com a maior naturalidade, foi direto a prateleira de Salsaparrilha de Bristol e despachou o freguês, que saía contente, certo de não ter cometido gafe alguma.¹⁵⁵

O personagem Sinval de Carvalho se transformou num mote importante para o escritor Nelson Barbalho. Não foi aleatoriamente que, para ele, o escritor dedicou, do final

¹⁵⁵ Jornal do Agreste, 06.04.52, p. 5.

dos anos sessenta a começo dos anos oitenta, três trabalhos em que o “Major” aparece como uma figura folclórica e irreverente.¹⁵⁶

Uma outra seção bastante expressiva da procura pela história da cidade de Caruaru que Barbalho escrevia no *Jornal do Agreste* era “Você sabia que?”. na qual ele, através da sugestiva pergunta, inquiria o leitor e em seguida lhe apresentava uma lista de respostas que apontavam para um conjunto variado de efemérides. A seção era curta e sem assinatura do autor. Dessa forma, Barbalho podia, além de dados populacionais, eleitorais e curiosidades diversas, aqui e acolá falar de alguns personagens ou assuntos quentes como a política, fazendo juízos de valor. Abaixo, acha-se reproduzida na íntegra, uma dessas seções, para que o leitor possa ter uma idéia de como ela se apresentava aos leitores de Barbalho:

Você Sabia que

... em 1918, o comércio, nos domingos, fechava às 2 horas da tarde?

...o sr. Bernardo Cruz foi quem fez a lei para o fechamento aos domingos?

...em 1910, existia em Caruaru uma sociedade literária “Núcleo Caixeiral Caruaruense”, que mantinha um jornal chamado “O Núcleo”?

...além de outros, eram redatores os srs. Celso Galvão, Henrique Pinto, Bernardo Cruz e Eduardo Valoir?

...o escritor José Condé, quando vivia nessa cidade, era apelidado de Zé Miau?

... o policiamento de Caruaru ,na Revolução de 30, foi feito pelo Tiro de Guerra 114?

...a mesma época fizeram o entêro simbólico do Coronel Leocádio Porto, então prefeito da cidade, tendo atuado como padre o escrivão José Ferrer e como viúva o popular José Xarope?

...o Coronel João Guilherme de Pontes não era caruaruense?

...o Brigadeiro Eduardo Gomes prometeu, porém jamais veio a Caruaru?

...em 1919 fundava-se a “Liga Caruaruense contra o Analfabetismo”?

...no mesmo ano, na Praça do Rosário, realizava-se o primeiro treino oficial do Central Esporte Clube?

O Cinema Luso Brasileiro, em 1919, instituía um concurso denominado “dos artistas que passam na tela do *Luso Brasileiro*, qual o mais simpático”?¹⁵⁷

Como se pode ver, a coluna é bastante provocativa e, pela quantidade de dados históricos, efemérides e curiosidades que provocava no leitor, era também uma coluna muito popular e reveladora de que um conhecimento sobre a cidade passava a se desenhar naquele espaço jornalístico. Porém, as crônicas e outras notas que Barbalho escreveria no *Jornal do Agreste* tiveram duração curta em razão do fechamento daquele periódico depois de pouco

¹⁵⁶ Sobre Sinval de Carvalho, Babalho publicou, além das crônicas nos jornais locais, Três livros, a saber: BARBALHO, Nelson, *Major Sinval*. Caruaru Vanguarda, 1968; Idem. *Major Sinval da Francesa*. Recife: UFRPE; CCC, 1976; Idem. *O Mundo Livre do Major Sinval*: Caruaru em prosa e verso. Recife: CEPE, 1981.

¹⁵⁷ *Jornal do Agreste*, 02.08.53, p. 2.

mais de três anos de circulação. No entanto, nos anos seguintes, Barbalho continuaria a esmiuçar aspectos do passado de Caruaru, e seu nome já viraria uma referência quando se tratava de coisas históricas.

De Cronista a “Historiador”

Mostrando um interesse particular pelas coisas do passado, garimpendo e reunindo documentos sobre a história da cidade, Barbalho foi enchendo os jornais de Caruaru com suas crônicas e relatos. Aos poucos, foi ganhando autoridade e ocupando o lugar de “historiador”, de tal maneira que, quando a cidade e sua história eram tema de debate, lá estava ele para esboçar suas idéias e críticas. A propósito, quando em 1950 Gilberto Freyre visitou rapidamente Caruaru, publicou suas impressões sobre a cidade no *Jornal de Letras*, do Rio de Janeiro, sob o título *De volta a Caruaru*:

Que é que há nas cidades consideradas “progressistas” do interior de Pernambuco – em quase todas elas – que me entristece tanto quando a vejo de perto?...

(...) Ainda há pouco revi a “progressista Caruaru” e a verdade é que revi desencantado. Não tendo ainda as vantagens de uma cidade moderna – um hotel tolerável, por exemplo – já não conserva senão um outro arcaísmo bom, dos seus velhos dias de cidade ingênua e rústica. Parece um subúrbio do Recife. (...).¹⁵⁸

No mesmo jornal, o escritor Limeira Tejo, radicado em Porto Alegre, responderia mais tarde ao mestre de Casa Grande e Senzala: “Se uma cidade não tem uma igreja velha, um beco ou um jornal antigo com anúncio de escravos, é muito certo que Gilberto lhe torça o nariz”.¹⁵⁹ A mesma reportagem foi reproduzida na imprensa de Caruaru precisamente no *Jornal Vanguarda*. Dias depois, Barbalho também responderia a Freyre, mesclando respeito e ironia:

¹⁵⁸ *Jornal de Letras*, Fevereiro de 1951, p. 9.

¹⁵⁹ *Jornal de Letras*, Julho de 1951, p.4.

Depois de ter lido aquele “Voltando a Caruaru”, de Gilberto Freyre (com y) fiquei matutando, matutando e sentindo uma vontade incrível de responder ao “Mestre”. Grande é o atrevimento, bem sei, maior, porém, é o meu desejo de fazê-lo. Para mim, o notável autor de “Casa Grande e Senzala” não foi muito justo, naquele trabalho, a respeito de nossa terra (...). O “mestre” Gilberto veio aqui às carreiras em propaganda eleitoral, preocupado. Reveio o político, não o sociólogo. O distribuidor de chapas, não o estudioso moderado e perspicaz (...). Retorne outra vez o eminente sociólogo a estas paragens. Venha degar e sem preocupações políticas. Hospede-se em casa amiga. E observe-nos direitinho, a começar por nossas festas populares e tradicionais: carnaval, São João, Natal, ano Bom. Veja os “encontros” de Motoristas “contra” Vassourinhas, animando o frevo de rua durante o reinado de Momo. Os folguedos típicos, inclusive cangicada e fogueteria pesada pelos arredores da cidade no mês de junho (...).¹⁶⁰

A longa resposta de Barbalho seguiria ainda convidando Freyre a olhar outras “maravilhas” que a cidade oferecia para, quem sabe, ele pudesse descobrir os encantos da “progressista terra de Caruaru”. Mas o artigo é, sobretudo, o espaço onde o autor reivindica para si a autoridade de defender e falar pela cidade. Dessa maneira, Barbalho foi se tornando um nome de referência cada vez que a cidade era alvo de discussão.

Na sua procura infatigável por documentos do passado caruaruense para escrever suas crônicas, Barbalho passou a revirar arquivos, visitar cemitérios, cartórios, bibliotecas, conversar com pessoas. Tudo que lhe trouxesse informações o escritor tomava nota para posterior publicação. Foi vasculhando o arquivo da Prefeitura Municipal, por volta de 1952, que lhe caiu às mãos um documento antigo, amarelado e de grande importância. Tratava-se da Lei Provincial Nº. 416, que elevou Caruaru à categoria de cidade, em 1857. De posse daquele instrumento legal, Barbalho passou a alimentar a vontade de escrever uma História de Caruaru.

O escritor chegou mesmo a procurar ajuda, escreveu um “roteiro de Caruaru”, mas não teve a atenção desejada quando mostrou aos políticos da cidade. Porém, a notícia do achado correu a cidade, mobilizou imprensa e autoridades políticas em função de que, em pouco menos de cinco anos, a cidade de Caruaru viraria uma cidade centenária. Nesse sentido, após 1954, Barbalho passa a ser cogitado na imprensa local como o nome mais sugestivo para escrever uma “História de Caruaru”, já que, além de escritor conhecido, era um “caruaruense autêntico”.

As discussões em torno do centenário se ampliaram nos anos seguintes. Uma comissão representante de vários setores sociais da sociedade caruaruense foi designada para preparar uma grande festa, a acontecer em maio de 1957, como ficou claro anteriormente.

¹⁶⁰ Jornal Vanguarda, 11.03.51, p. 1.

Nesse ambiente, Barbalho foi procurado pelo então deputado pessedista Irineu de Pontes Vieira, a quem deu informações sobre suas pesquisas em relação à história de Caruaru. Na ocasião, também tratou do respectivo custo para se publicar um livro celebrativo do magno acontecimento. Nessa perspectiva, Projetos de lei foram apresentados e aprovados na Câmara Estadual e Federal pelos irmãos Pontes Vieira, Irineu e José, representantes de Caruaru, designando verbas para as comemorações do Centenário da cidade, entre as quais constava a confecção de um livro comemorativo, “Uma Cidade Faz Cem Anos”, escrito por Nelson Barbalho.

Como foi apontado no primeiro capítulo, o único livro editado por ocasião do centenário foi *Fatos Históricos e Pitorescos de Caruaru*, livro a que, diga-se de passagem, Barbalho teceria muitas críticas. Não havíamos encontrado, na imprensa de Caruaru, as razões pelas quais Barbalho deixou de publicar o tão alardeado livro, para o qual tanto se esforçou. Até que nos deparamos com seus livros inéditos arquivados no Memorial Nelson Barbalho. Num deles, *1º Centenário de Caruaru*, encontramos não somente sua versão como todo o esboço dos acontecimentos que cercaram Caruaru nas comemorações centenárias.

O livro inédito transcreve anotações de seu diário pessoal sobre as razões que o levaram a não aceitar a escrita do livro proposta em lei pelos parlamentares de Caruaru. A confiar em suas anotações, Barbalho planejou publicar um livro que fosse além de um simples livreto celebrativo. Pretendia ampliar suas pesquisas na cidade do Recife e Rio de Janeiro e se dedicar inteiramente a esse trabalho. Para tanto, pretendia se afastar por um ano da atividade de fiscal do IAPC para inicialmente coletar documentos e depois dedicar-se exclusivamente à escrita.

Nos cálculos de Barbalho, o trabalho não seria possível sem ajuda financeira e assim ele orçou da seguinte maneira sua empreitada: a- como ganhava 10 mil cruzeiros mensais no trabalho de fiscal, seriam necessários 120 mil cruzeiros para custear sua família durante o ano em que estivesse ausente; b- com viagens, hospedagens, gratificações, outros 100 mil cruzeiros; c- com a impressão de 1000 exemplares, mais 110 mil cruzeiros; d- o trabalho do escritor custo zero, como uma contribuição pessoal às festas do centenário.

Dessa maneira, o escritor enfatiza ter apresentado para o representante da Câmara Estadual Irineu de Pontes Vieira seu projeto para *Uma Cidade Faz Cem Anos*. Contudo, quando o projeto foi aprovado, o artigo número três falava em apenas 100 mil cruzeiros para a realização de todo o trabalho. Barbalho confessa-se decepcionado e sente que foi desvalorizado. Para ele, essa quantia era uma “esmola” e o deputado o teria na condição de um “bestalhão”:

Dei um giro pela rua da matriz (era um domingo) e, de volta à residência, registrei no meu diário: “Toda a gente a me dar parabéns pela lembrança de Irineu, como se eu tivesse sido contemplado com a dita Sorte Grande. E eu a enviar recado àquele deputado – não de agradecimento, mas de recusa da esmola nas condições em que foi feita para a “confeção e impressão” do livro, que faz mais de ano venho escrevendo e mais de ano precisarei para concluí-lo, - apenas cem mil cruzeiros. É desvalorizar o esforço intelectual de um pobre conterrâneo dele, Irineu de Pontes Vieira”.¹⁶¹

O estado de espírito e o próprio temperamento de Barbalho acabaram por hostilizar suas relações com os irmãos Pontes Vieira. No capítulo 9 de seu inédito *1º centenário de Caruaru*, está bastante claro que, quando o deputado José de Pontes Vieira aprovou verba de 500 mil cruzeiros para que fosse confeccionado e impresso o citado livro, a preferência daquele político recaiu sobre o escritor recifense Mauro Mota como o depositário do dinheiro. Daí vieram as articulações com Zacarias Campelo e Rosalino da Costa Lima, que foram os autores de *Fatos Históricos e Pitorescos de Caruaru*.

Sem conseguir publicar seu livro sobre a história de Caruaru, do final dos anos cinquenta a início dos anos sessenta Barbalho envereda pelo campo das composições musicais, fazendo parcerias com Onildo Almeida, Luiz Gonzaga, Joaquim Augusto, entre outros. A oportunidade de compor apareceu no momento em que o sanfoneiro Luiz Gonzaga, que vinha se destacando como o “rei do baião”, se ofereceu para contribuir na festa do centenário. Para isso, pediu a Onildo Almeida e Nelson Barbalho que lhe fizessem uma música na qual pudesse homenagear a cidade de Caruaru. Na ocasião, Barbalho não perderia a oportunidade para destacar na letra os aspectos históricos e assim, com Almeida, compôs *Caruaru, Capital do Agreste*.

A letra da canção, como foi visto no capítulo 1º, faz uma viagem nas origens da cidade, evoca seus heróis e por fim exalta seu “progresso”. Talvez na canção Barbalho tivesse dito um pouco daquilo que gostaria de dizer em *Uma Cidade Faz Cem Anos*. Depois do sucesso de *Caruaru, Capital do Agreste*, Barbalho se lançou noutras composições, em parceria com Luiz Gonzaga. Canções como “comício no matão”, “xote das moças”, “sertão sofredor”, “xote do véio”, “marcha da petrobrás”, “rosinha”, “a morte do vaqueiro”, “brincadeira de São João”, são bastante explicativas dessa fase do autor.

Outro momento revelador da autoridade para falar de assuntos históricos que o escritor Nelson Barbalho foi construindo para si, se deu por ocasião da publicação, no Rio de Janeiro, do romance *Terra de Caruaru*, de José Condé. Dias depois do lançamento, na

¹⁶¹ *1º centenário de Caruaru*. Inédito, cap. 3. Memorial Nelson Barbalho, FAFICA, Caruaru.

imprensa de Caruaru Barbalho já fazia uma pesada crítica ao texto de Condé, ressaltando a sua decepção com a leitura que fizera:

Primeiros capítulos do livro de JC, lidos, começam a me decepcionar, não quanto ao estilo do autor, que é ótimo – atualmente José Condé domina nossa língua, sabe escrever, sabe sintetizar, sabe prender a atenção do leitor através de seus escritos. Minha decepção vem do fato de Zezé dar um tom de documentário ao capítulo inicial do livro e querer impingir uma deslavada invencionice como coisa autêntica acerca da origem de Caruaru, com aquela balela do “brejo caruru” como ponto de partida para a história da nossa terra, provando apenas que desconhece totalmente a verdadeira História da origem de nosso torrão natal...¹⁶²

O longo artigo aparece dividido em várias partes, indicando para o leitor que as impressões de Barbalho foram anotadas em seu diário pessoal. Os fragmentos de textos estão datados, demonstrando os passos da leitura desde o momento em que o escritor adquiriu o exemplar, seguindo pela leitura de cada capítulo. Apesar de apontar as qualidades do estilo literário, o enfoque principal do artigo é pontuar o que Barbalho denominou de “mancadas” do escritor José Condé. Barbalho entendia que o romance de Condé era mais um livro de memória do que de ficção e, em razão disso, achava que aquele escritor “não consultou documentos, não conversou com entendidos no assunto” e difundia uma origem lendária, “desmoralizada”, depois dos estudos feito pelo padre Zacarias Tavares.

Apegando-se a esses aspectos, Barbalho apontou diversas “mancadas históricas” do escritor José Condé, indicando para o leitor o possível erro e citando a página onde se podia encontrar:

Logo na abertura da obra (pág. 9), referindo-se ao começo de Caruaru diz o autor “Havia os índios cariris, é verdade” ora, a tribo dos cariris serviu como ponto de partida para a fundação de Campina Grande, no Estado da Paraíba, de cuja história faz parte integrante. Dificilmente os cariris deixaram seus pagos em troca do inóspito agreste nosso, principalmente pela grande distância a ser percorrida a pé. (...) Na página 11 depois de acentuar que o inverno era uma solicitação para a vida, diz: “Essa solicitação tocou fundo o coração de José Rodrigues de Jesus, senhor da fazenda Juriti, distante apenas algumas léguas do sítio Caruaru. E um dia, então, apoderou-se das várzeas abandonadas onde se erguia outrora o pouso, etc”. Nada disso aconteceu(...)¹⁶³

A pesar dos argumentos de pouca consistência teórica de que Barbalho se utiliza para desqualificar, do ponto de vista histórico, o romance de Condé, seu nome vai se firmando nos

¹⁶² Jornal Vanguarda, 15.12.60, p. 4.

¹⁶³ Jornal Vanguarda, 15.12.60, p. 4.

meios intelectuais da cidade como o “historiador de Caruaru”. Porém, tudo isso não seria o suficiente para o escritor; faltava-lhe, ainda, um degrau importante para que ele viesse a alcançar tal prestígio, qual seja o de publicar um livro sobre a história de sua cidade, desafio que irá insistir com afincos nos anos seguintes.

A partir dos anos sessenta, o escritor, mesmo sem publicar um livreto sequer, anuncia, em crônica publicada no *Vanguarda*, que já acumula em sua estante vinte e quatro volumes inéditos escritos sobre temas variados. A longa lista citada inclui histórias, contos, romances, novelas, documentários, piadas, cartas e anotações do cotidiano da cidade de Caruaru, em diversos momentos históricos. O curioso é que Barbalho cita não apenas o tema de cada livro, mas ainda explica de que se trata e menciona a quantidade de páginas, entre duzentas e trezentas para cada livro.¹⁶⁴

A partir desse momento, Barbalho irá utilizar, sempre que puder, entre uma crônica e outra, o espaço da imprensa para reclamar pela não-publicação de seus inéditos. Será uma constante em meios aos seus relatos a apelação à falta de sorte ou o descuido dos políticos para com as coisas da cultura em sua cidade. A crônica “Eita Azar Danado!” é bastante explicativa:

Vou mandar fazer um chá de cortiça, com urgência, e tomá-lo inteirinho, para tirar a urucubaca que sem dúvida deu nos meus livros inéditos e sepultos em minha estante... (...) 60 se foi, 61 está indo e necas de publicação de livros meus. Há promessas, é verdade, de promessas vive São Severino dos Ramos e não São Nelson de Siqueira, pois não. Quero realidade, quero publicação dos livros logo, antes que estique os cambitos e vire pó de mico ou comida de tapuru.¹⁶⁵

É nesse estado de espírito que o escritor passa a alimentar a idéia de mudar-se para a cidade do Recife, ao mesmo tempo em que se decide por uma postura mais política na redação de suas crônicas. A partir de 1961, ele inova, com a coluna *Chapa Branca*, espaço para comentários, em sua maioria de caráter político. Na coluna, o escritor fazia pequenas análises sobre a política local, porém, entre seus comentários, aqui e acolá aparecem pequenas notas em que sua insatisfação pode ser percebida:

Agora que estou prestes a deixar Caruaru, tornam a me falar da História do Município, á qual me dedico em exaustivas pesquisas há mais de dez longos anos. Honestamente, devo declarar que sozinho (isto é, tudo por minha conta: despesas, etc.) jamais poderia levá-la a bom termo como o

¹⁶⁴ Jornal Vanguarda, 25.12.60, p. 9.

¹⁶⁵ Jornal Vanguarda, 08.01.61, p. 3.

pretendo. Vou levando para outras plagas todo material pesquisado e talvez, por lá – quem o sabe? – seja mais bem compreendido de que em minha cidade natal, onde o “santo de casa não faz milagre” é mais do que um dito comum: é verdade axiomática. Esse negócio de voltarem a conversar mole em torno da História de Caruaru não resolve coisa alguma. De brisa quem vive é beira de praia, não Nelson Barbalho, tá?¹⁶⁶

O ressentimento do autor é tamanho que ele, ao analisar em uma de suas crônicas o sucesso do pintor Petrônio dos Santos, chega a prognosticar negativamente o que teria sido deste, e de outros caruaruenses de destaque, como Limeira Tejo, João Condé, Álvaro Lins, se tivessem ficado na cidade. Para Barbalho, a cidade de Caruaru era de uma “desconsideração sem limites” para com seus filhos ilustres, “terrinha danada de ingrata”, “terra desgraçada, ave-Maria!”.¹⁶⁷

Decidido a deixar Caruaru, Barbalho passa a anunciar em *Chapa Branca* a venda de toda a sua biblioteca e de sua residência, no centro da cidade. Mesmo assim, continua a produzir sem cessar seus inéditos. Em setembro de 61, ele anuncia que está tentando publicar o documentário romanceado *Caruaru modelo 60* ou *Bom Jesus do Monte*, de oito volumes de 500 páginas cada, na quais estaria falando de aspectos como dados estatísticos, histórias de crimes, artigos da imprensa antiga, folhetos pornográficos vendidos na feira de Caruaru, dramas da prostituição, crônicas da *socye caruaruense*, inclusive histórias de vidas privadas.¹⁶⁸

Em muitos momentos, Barbalho expressa em suas colunas que seus livros estão prestes a serem publicados por iniciativas particulares. Em algumas crônicas, observa-se ele apontar para Celso Rodrigues como articulador da publicação de “Caruaru, Capital do Agreste”. Noutras, ele aponta para o político Antônio Geraldo Guedes, que estava viabilizando, através de projeto na Câmara Federal, verbas para a pesquisa e publicação da “História de Caruaru”, narrada por Barbalho. De fato, para aquele político Barbalho escreveria muitas crônicas, sempre o defendendo como legítimo representante dos caruaruenses. Entre suas especulações na política, Barbalho chega a esboçar, em sua coluna *Chapa Branca*, escrita regularmente nas páginas de *Vanguarda* entre os anos de 1961 a 1962, uma espécie de campanha como solução para os problemas de sua cidade: *caruaru para os Caruaruenses*. Na verdade, a coluna se tornou um espaço para convencer os caruaruenses a votarem nos candidatos da cidade em detrimento dos forasteiros, nas eleições de 1962.

¹⁶⁶ Jornal Vanguarda, 28.05.61, p. 1.

¹⁶⁷ Jornal Vanguarda, 28.05.61, p. 3.

¹⁶⁸ Jornal Vanguarda, 17.09.61, p. 4.

Mas, conforme passava o tempo, Barbalho voltava a demonstrar todo seu desgosto com as velhas promessas que quase sempre esbarravam no vazio. Mesmo assim, o escritor não abria mão de seus objetivos. Continuou a escrever suas crônicas regularmente, ironizando as promessas, levantando polêmicas e, enfim, se mostrando vigilante toda vez que a memória e a história da cidade eram alvo de discussões. De Recife, o escritor enviava pelo correio com destino à redação *Vanguarda*, e às vezes outros periódicos, envelopes com dezenas de crônicas que eram publicadas radialmente na imprensa de Caruaru.

Numa dessas crônicas, do início dos anos sessenta, Barbalho levantava polêmica e inquiria a autoridade religiosa da cidade – na ocasião o Bispo D. Augusto de Carvalho – explicações para dizer as razões que levaram *Nossa Senhora das Dores* a ser a padroeira de Caruaru, quando a cidade nasceu sob a proteção de *Nossa Senhora da Conceição*.¹⁶⁹ Sem obter resposta, o escritor voltava a reclamar:

D. Augusto, preliminarmente queira perdoar a impertinência no insistir no pedido que lhe dirigi no bilhete número um, mas, caro Mestre, dois meses são decorridos e nenhum sinal de réplica da parte de V. Excia. Revdma. o que me causa a impressão de provável esquecimento seu, provocado, naturalmente, pelo excessivo trabalho existente sob a sua responsabilidade. Em havendo uma folguinha, meu Santo Bispo, folheie os velhos tomos da Matriz da Conceição e da Catedral das Dores, ausculte o que realmente aconteceu com a padroeira de Caruaru, anote todo o pesquisado e pronto, está a resposta de V. Excia. Revdma. em ponto de ser publicada, como lhe pedi

Noutros momentos, Barbalho explodia de irritação com as questões políticas. Quando a Prefeitura Municipal anunciou a inauguração do Museu de Arte Popular, excluindo o nome do idealizador, *João Condé* diretoria, escritor, em entrevista à imprensa local, expressou de forma objetiva e contundente que se tratava de “safadeza pura”, uma vez que *João Condé* foi o principal articulador para a criação de um Museu de Arte Popular em Caruaru.

Nos anos seguintes (1963-1964), as páginas de *Vanguarda* exibem a coluna *Nel Bar*, na qual o escritor tratava menos de política e mais de outros temas, como memórias, literatura, entre outros. Era uma coluna plural, na qual o escritor falava de si próprio, dos amigos e da saudade dos tempos de Caruaru. Ao lado desses temas, também aparecem, comentários diversos sobre escritores e suas respectivas obras literárias.

Após esse período, suas crônicas perdem a regularidade com que vinham sendo publicadas em *Vanguarda* para reaparecerem em 1968, ano que já coincide com a publicação

¹⁶⁹ Jornal *Vanguarda*, 05.11.61, p. 3.

de seu primeiro livro, em homenagem a uma figura carismática da cidade, *Major Sinval*, como ficou esclarecido no início deste capítulo. A imprensa local, especialmente *Vanguarda*, que financia a publicação, dá cobertura á solenidade de lançamento do livro e o escritor enfim, passa a ser alvo hmoenagens e certo reconhecimento. Um pouco aliviado, ele desabafava

(...) Vocês realmente me surpreenderam, me revalorizaram, tirando-me dum chatérrimo ineditismo de meio século de vida e de meia centena de originais encalhados na forma da lei. Agora, graças a vocês, tirei o pé da lama, rasguei a urucubaca literária, tomei jeito de gente no mundo das letras – o nosso mundo, o mundo que fica.¹⁷⁰

Depois o primeiro trabalho publicado, Barbalho ganharia credibilidade e voltaria a Caruaru para novos lançamentos já no início dos anos setenta. Na imprensa jornalística e radiofônica de Caruaru, é possível encontrar muitas vozes avalizando suas publicações e lhe conferindo autoridade para os assuntos históricos: Antonio Miranda, Agnaldo Fagundes, Celso Rodrigues, Kermógenes Dias, Aureliano Alves Neto, Luiz Torres, Luiz Pessoa, Cleômenes de Oliveira, entre outros.

Por outro lado, no Recife, Barbalho estabeleceria conexões com historiadores, jornalistas, folcloristas entre outros, que na imprensa da capital, sobretudo no *Diário de Pernambuco*, do qual o escritor era colaborador, mas também em revistas e outros meios, abririam portas, escreveriam relatos ou depoimentos de elogios e reconhecimentos. O interesse do escritor por temas que transcendiam a história de Caruaru, como a *Guerra dos Mascates* e *Nordestinidades* acabou por aproximá-lo de nomes como Mauro Mota, Mário Souto Maior, Câmara Cascudo, Luiz do Nascimento, José Luiz Delgado, Barbosa Lima Sobrinho, Claribalte Passos, entre muitos outros.

Com suas publicações tomando forma no Estado de Pernambuco, já em maio de 1972, quando do lançamento do livro *Caruru, Caruaru*, o escritor mereceu comentário de Mario Souto Maior, publicado no Diário de Pernambuco com reprodução em *Vanguarda*, sob o título *Nelson Barbalho e seus livros*. No artigo, Souto Maior avalia a produção de Barbalho, reconhecé como historiador e sociólogo, chama atenção de autoridades de Caruaru e do Estado de Pernambuco para que editem trabalhos do escritor e , por fim, prognostica que ainda se ouviria falar muito de Nelson Barbalho:

¹⁷⁰ Jornal Vanguarda, 05.01.69, p. 6.

(...) Eu só queria dizer que Nelson Barbalho disparou. Ele tem 37 livros prontos datilografados, inéditos, entre os quais o Dicionário de Nordestinidades e anunciado ainda para este ano o 2º e 3 volumes de Guerra dos Mascates, obra importantíssima, além de outro livro intitulado Caboclos do Urubá, no qual Pesqueira terá enfoque histórico, sociológico e etnográfico.¹⁷¹

Daí pra frente, Nelson Barbalho encontraria espaço para publicar muitos de seus trabalhos, firmando-se como escritor, folclorista e historiador, institucionalmente ligado ao CEHM - Centro de Estudos de História Municipal -, que ajudou criar nos anos setenta. Paralelamente, continuaria a escrever crônicas, anedotas e outras na imprensa de Caruaru, de onde reuniria muitos relatos para publicar em livros. Apesar de não ter publicado tudo o que escreveu, Barbalho se tornaria uma referência histórica de tal maneira que seu nome e a história da cidade de Caruaru se tornariam duas imagens indissociáveis.

¹⁷¹ Diário de Pernambuco, 25.05. 72. Jornal Vanguarda, 04.07.72, p. 1.

CONCLUSÃO

A experiência da cidade foi se tornando uma marca histórica para muitos personagens e grupos sociais diante da interiorização e urbanização da sociedade brasileira ao longo do século XX. A cidade, enquanto espaço da política, do comércio, da imprensa e de um conjunto multifacetado de práticas sociais, colocou frente a frente interesses diversos, disputas acirradas entre sujeitos sociais que, por suas ações, estratégias e táticas cotidianas, passavam a dar forma à materialidade cidadina.

No transcorrer do século, diferentes e complexos processos de modernizações se estenderiam ao interior de todo o país, constituindo a idéia de que o espaço urbano era o *locus* privilegiado da civilização. No mesmo período, antigas e novas formas de sociabilidades se conflitavam num pulular de práticas culturais bastante representativas das disputas simbólicas e imaginárias que diversos sujeitos históricos travariam para ordenar ou reordenar a vida social, ao mesmo tempo em que construía sentidos e significados que organizassem o viver em cidade.

Este trabalho, em parte, procurou mostrar que a compreensão dos significados da cidade, expressos especialmente através de práticas nomeadoras, é possível através de uma reflexão que leve em conta o entrecruzamento das ações humanas materializantes com as representações simbólicas e discursivas com as quais os homens conformam seu tempo. A experiência da cidade impunha aos seus usuários, entre outras coisas, a criação dos vínculos coletivos e sociais com os quais o sentimento de pertencimento ou não são delineados. Assim, foi possível ver, nos meados do século XX, em Caruaru, agentes políticos, econômicos, religiosos e intelectuais se debateram para fazer valer seus interesses, imprimindo suas marcas na constituição das imagens que desenham a cidade.

Nessa perspectiva, todo nosso esforço ao longo dos capítulos precedentes foi no sentido de apresentar elementos que evidenciasse algo que de início tomávamos como uma premissa de caráter puramente teórico (e que, como tal, tem sido amplamente aceita, sem que, nem sempre, se proceda ao devido exame de suas implicações); ou seja, a percepção de que as imagens, símbolos e personagens que identificam Caruaru como uma cidade de tradições nordestinas, “princesa”, “capital”, fundada por José Rodrigues de Jesus, “terra de literatos”, de “Vitalino” e da “feira de caruaru”, denominações que se naturalizaram nas últimas décadas, são construções culturais forjadas no embate das disputas de indivíduos e grupos

sociais, que no espaço urbano interagiram para dar visibilidade á cidade como para garantir seus interesses.

Os narradores de Caruaru – literatos, biógrafos, memorialistas e homens de letras de modo geral –, ao formularem as imagens e símbolos que articulariam a cidade de Caruaru, prescreveriam, ao mesmo tempo, aquele espaço como um lugar destacado da tradição nordestina. Reativa à passagem do tempo, a cidade se manteria exótica, encontrando uma marca identitária longe da qual a própria cidade perderia sentido.

Por outro lado, foi dada atenção ao fato de que a experiência da cidade também colocava na pauta dos grupos sociais a necessidade de produzirem um saber que articulasse a cidade de Caruaru dentro do processo, comum nos meados do século passado, de redefinição das noções de região, estado e nação. Nesse sentido, a construção de um conjunto de significados foi tomando forma á medida que discursos enunciativos e celebrativos foram se amarrando para dizer a cidade de Caruaru como a “terra dos aveloses”, a “princesa do sertão” (agreste) a “capital do Agreste”, a “terra de Álvaro Lins”, a “terra dos Condés”, entre outras designações que estão intimamente ligadas ao desejo de identidade social.

Em razão desse esforço discursivo e fundador, foi possível identificar, no início da década de cinquenta, uma narrativa bastante rica de imagens sobre a origem de Caruaru, lançando as bases para que viesse a se mitificar o personagem José Rodrigues de Jesus como o fundador. Este discurso ganharia materialidade e se revestiria de grande simbologia quando da inauguração de uma estátua daquele personagem, exatamente nas comemorações das festas centenárias. O centenário de Caruaru seria um momento representativo tanto das disputas por um lugar na história de Caruaru como pela produção de alguns de seus símbolos. Católicos, evangélicos, maçons, espíritas, políticos, intelectuais, comerciantes, poetas e músicos engrossaram o coro de vozes para dizer a cidade. As disputas por um lugar nos registros escritos desencadearam debates intensos, nos quais a força para figurar como sujeito e imprimir marcas na história foi uma maneira de grupos e sujeitos lutarem pelo poder e fugirem à ameaça do esquecimento, diante de um tempo que se mostrava fugaz.

Nos relatos de revistas e jornais da época estudada, no *Documento Ilustrado do Primeiro Centenário de Caruaru*, bem como em *Fatos Históricos e Pitorescos de Caruaru*, foi possível identificar os discursos vencedores que foram compondo uma história homogênea e linear, baseada nas idéias de uma tradição pura, antiga e original, apagando a diversidade e a historicidade dos múltiplos grupos sociais que se debateram na produção daquele espaço urbano.

Na mesma direção, nos registros das memórias do literato Limeira Tejo, percebeu-se um esforço para constituir, do ponto de vista de certa tradição, a história de Caruaru. Utilizando-se de análises e categorias sociológicas à moda de Gilberto Freyre, Tejo pretendeu mostrar a cidade de Caruaru como uma típica cidade do interior do Nordeste na transição da sociedade patriarcal para a modernidade. Reforçando as imagens da seca, do coronelismo, do cangaço e do messianismo, o autor se mostrou ressentido com o presente e saudoso do passado. Atento ao caráter seletivo da memória e à idéia de que ela trabalha, mais do que lembra¹⁷², a cidade que se desvela em *Enéias: memórias de uma geração ressentida* é a cidade particular da infância de Limeira Tejo e de sua curta experiência numa família abastada da cidade.

Nesse ambiente de falas nomeadoras, o papel dos irmãos Condé – Elísio, João e José –, que nasceram em Caruaru e muito cedo migraram para o Rio de Janeiro, também se reveste de uma relevância fundamental para dar visibilidade e história à cidade de Caruaru. Arraigados às suas origens culturais e ligados a escritores e intelectuais que se filiavam ao regionalismo, os Condés, assim como Limeira Tejo, fizeram de Caruaru tema recorrente, sobretudo quando se falava em temas do Nordeste. No jornal de Letras e na produção literária de José Condé, muitas imagens da cidade ganharam o país: a feira, o monte Bom Jesus, as ruas, as igrejas, os coronéis, os jagunços, os cangaceiros, entre outros. O esforço para dar a Caruaru um lugar privilegiado mobilizou iniciativas como a construção de um museu de Arte Popular e até a organização de uma Caravana de renomados nomes da literatura, imprensa e arte brasileiras, que de fato estiveram em Caruaru nas comemorações do centenário.

No que diz respeito ao personagem Vitalino Pereira dos Santos, os Condés seriam fundamentais na construção de um símbolo do folclore brasileiro e na mitificação desse personagem como um símbolo da própria cidade de Caruaru. A divulgação do ceramista na imprensa do Rio de Janeiro e a organização de uma comitiva que levou à cidade maravilhosa o “mestre” dos bonecos de barro e da banda de pífanos, foram acontecimentos emblemáticos; a partir daí o ceramista Vitalino, seu pífano e seus bonecos se tornariam imagens definidoras de Caruaru.

Uma outra voz a bradar fortemente na constituição da história de Caruaru foi a de Nelson Barbalho. Interessado em levantar os aspectos do passado da cidade, o escritor trilhou um longo percurso pelos jornais em que escrevia crônicas, pequenos contos, novelas,

¹⁷² GODÓI, Emília P. *O trabalho da memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

“causos” e anedotas, até que no final dos anos sessenta conseguiu publicar em livros suas histórias. Em que pese sua maneira singular de escrever e abordar os acontecimentos Barbalho acabou por se constituir como “o historiador da cidade”. De fato, em meio ao amplo volume que caracteriza sua produção, encontram-se os registros oficiais que dão historicidade a Caruaru.

O conjunto dos relatos, falas e imagens que se articulou para dizer Caruaru entre os anos cinquenta e sessenta constitui uma referência histórica que se instituiu pela força da repetição com que foi sendo veiculada. Veja-se a esse respeito a letra da canção *Caruara, Caruaru*, gravada pela *Banda de Pifanos* no início dos anos setenta:

Foi Cururu
Foi Caruara
Foi Caruru
Hoje é Caruaru

Em Caruru apareceu uma planta rara
Tinha veneno o gado comeu morreu
Crescia um palmo e se chamava Caruara
De Caruara foi que Caruaru nasceu.

O fundador José Rodrigues de Jesus
Que era dono da fazenda Caruru
Mandou fazer uma igrejinha e uma cruz
Da conceição pra abençoar Caruaru

Com mais de um século desse fato acontecido
Caruaru hoje é o colosso do nordeste,
Foi batizada com o nome merecido
É conhecida como a “Capital do Agreste”

A catedral é a mais bela do Estado
Tem no seu nome Bom Jesus, Ó Pai Divino!
O seu conceito cultural é respeitado
É o berço dos Condés e Vitalino

Terá da arte, da cerâmica e do couro
Do bacamarte, do pífano, da tradição
Tens literatos que a pena vale ouro
Orgulho e glória das letras da nação
(...).¹⁷³

A letra da canção, do folclorista Lídio Cavalcanti, ainda é composta de outras estrofes, inclusive inéditas, já que Sebastião Bianco, proprietário da *Banda de Pifanos*, retirou, para a gravação, alguns trechos. A música, ao condensar discussões dos anos

¹⁷³ *Caruara, Caruaru*. Sebastião Bianco e Lídio Cavalcanti. Banda de Pifanos de Caruaru. *LP Zabumba Caruaru*. CBS, 1972.

anteriores, seria amplamente divulgada nos meios da música popular, tornando-se um outro hino de Caruaru, com forte inserção no imaginário dos caruaruenses.

Para além das canções, as homenagens, os monumentos, as publicações, as celebrações e comemorações, entre muitos outros rituais que se seguiriam aos anos setenta, seriam de extrema importância para fixar no imaginário social os símbolos e signos que compõem o universo imagético dos caruaruenses. Imagens que se reproduziram e que ainda hoje são largamente consumidas quando se busca dizer o que é a cidade de Caruaru.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A – Fontes

1. Fontes Impressas

1.1 Periódicos

Jornal Vanguarda, Caruaru, 1950-1975.
Jornal do Agreste, Caruaru, 1951-1954.
Jornal A Defesa, Caruaru, 1950 – 1957.
Jornal de Caruaru, Caruaru, 1928-1929 – 1946-1950.
Cinco de Novembro, Caruaru, 1911-1918.
Jornal dos Novos, Caruaru, 1950-1951.
Jornal Aciano, Caruaru, 1952.
Jornal de Letras, Rio de Janeiro, 1949-1970.
Diário de Pernambuco, Recife, 1954-1958.
Jornal do Comércio, Recife, 1954-1957.
O ditador, Caruaru, 1954.
O Gregório, Caruaru, 1954.
Gazeta Literária, Caruaru, 1951.

1.2 Revistas

Revista do Agreste, Caruaru, 1949-1953.
Revista Aru, Caruaru, 1949.
Revista O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1937.
Revista de História Municipal, Recife, 1977-1997

1.3 Documentos oficiais

Documentário Ilustrado do Primeiro Centenário da Cidade de Caruaru. Caruaru, Maio de 1957. Arquivo Particular Josué Eusébio. Rua Sertânia, 66, Caruaru – PE.

1.4 Livros Inéditos de Nelson Barbalho

Caruaru 1º Centenário da Cidade. Memorial Nelson Barbalho. Faculdade de Filosofia de Caruaru.
Caruaru Capital do Agreste. Memorial Nelson Barbalho. Faculdade de Filosofia de Caruaru.

2. Iconografia

2.1 *Acervo fotográfico da viagem de Vitalino ao Rio de Janeiro*. Arquivo Particular Antonio Miranda. Rua Vigário Freire, 350.

3. Discografia

3.1 Onildo Almeida.
3.2 Luiz Gonzaga.
3.3 Banda de pífanos de Caruaru.

B - Bibliografia Específica

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. Os nomes do Pai. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). *Imagens de Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- _____. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortês, 1999.
- ANTUNES, Nara M. de M. Caras no espelho: identidade nordestina através da literatura. In: BURITY, Joanildo. *Cultura e identidade – Perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- BARBALHO, Nelson. *Caruru, Caruaru: nótuas subsidiárias para a história do agreste de Pernambuco*. Recife: Editora Universitária da UFPE. Caruaru: prefeitura Municipal, 1972.
- _____. *Caruaru : nomes e cognomes*. Caruaru: Vanguarda 1992.
- _____. *Caruaru Cidade Princesa : visão histórico e social, 1905-1908*. Recife: CEPE, 1981.
- _____. *Caruaru de Henrique Pinto: visão histórica e social, 1917-1920*. Recife: CEPE, 1981.
- _____. *Caruaru de Meu Tempo: feliz chão das traquinagens*. CEPE, 1980
- _____. *Caruaru de Vila a Cidade*. Recife: CEPE, 1980
- _____. *Caruaru do Cel. João Guilherme: visão histórica e social 1909-1912*. Recife: CEPE, 1981.
- _____. *Caruaru do Cel. Neco Porto: visão histórico e social, 1901-1904*. Recife: CEPE, 198.
- _____. *Caruaru do Major José Martins: visão histórica e social, 1913-1916*. Recife: CEPE, 1981.
- _____. *Dez Famílias de Caruaru: suas personalidades e suas origens*. Recife: CEPE, 1981.
- _____. *Baú de Sovina: caruaruismos, nordestinidades e outros bichos*. Recife CEPE, 1980.
- _____. *Guerra dos Mascates*. Caruaru: Vanguarda 1972.
- _____. *Major Sinval da Francesa*. Recife: UFRPE; CCC, 1976;
- _____. *Major Sinval*. Caruaru: Vanguarda, 1968.
- _____. *Meu Povinho de Caruaru: estórias de gente da gente*. Recife: CEPE, 1980.
- _____. *O Mundo Livre do Major Sinval: Caruaru em prosa e verso*. Recife: CEPE, 1981.
- _____. *País de Caruaru: subsídios para a história do agreste*. Recife: CEPE; Caruaru: FAFICA/PMC, 1974.
- _____. *Terra dos Urus*. Caruaru: Vanguarda, 1970.
- _____. *Trem da Saudad: parada obrigatporia: estação caruaru*. Recife: CEPE, 1980.

- _____. *As Nordestinidades de Nelson Barbalho*. Recife CEPE, 1990.
- _____. *Caruaru: sua prefeitura, sua autonomia municipal, sua emancipação política*. Caruaru: Art'Berg, 1993.
- BRAGA, R. *Plantas do Nordeste (especialmente do Ceará)* 3. ed. Ceará: Ed. Mossoroense, 1978.
- CALVINO, Italo, *As Cidades Invisíveis*, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- CASTELO BRANCO, Edwar de A. *História e Linguagem: breve comentário sobre a dimensão ficcional da História: II Colóquio Interdisciplinar da UFPI – Narratividade e Identidade*. Teresina: EdUFPI, 2004. (Anais).
- CAVALCANTI, Helenilda. “O Desencontro do Ser e do Lugar: a migração para São Paulo”. In BURITY, Joanildo A. (org.) *Cultura e Identidade*. Rio De Janeiro, DP&A, 2002.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- _____. *A Escrita da História*; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. – 2 edição – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CONDÉ, José F. *Pensão Riso da Noite*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- _____. *Terra de Caruaru*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1968.
- _____. *Um Ramo Para Luísa*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- DELGADO, José Luiz. A História do “Centro de Estudos de História Municipal”. In Revista de História Municipal, vol.1 Recife: junho de 1977.
- DIAS, João de Deus de Oliveira. *Caruaru: subsídios para sua história*. Caruaru: Prefeitura municipal, 1971.
- DIDIER de MORAES, Maria Thereza. A Nação como Construção. In Clio. Revista de Pesquisa Histórica, nº.21. Recife: Ed. Universitária, 2005.
- FERREIRA, Josué Eusébio. *Ocupação Humana do Agreste Pernambucano: uma abordagem antropológica para a história de Caruaru*. Caruaru, Idéia, 2001.
- FERREIRA, Jurandir Pires. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.
- FONSECA, Mário. *História da Diocese de Caruaru*. Caruaru. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1973
- FOUCAULT M. *Microfísica do Poder*, organização e tradução de Roberto Machado, Rio de Janeiro, Graal, 1979.

- _____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. *A arqueologia do Saber*. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2004.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. 45ª ed. Rio de Janeiro, Record, 2001.
- GODÓI, Emília P. *O trabalho da memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*; Tradução Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.
- HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*; Tradução Thomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 4ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HOLANDA, Lourival. *Linguagem e História*. In: *II Colóquio Interdisciplinar da UFPI – Narratividade e Identidade*. Teresina: EdUFPI, 2004. (Anais).
- HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. – 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LACERDA, João A. *Caruaru na História do Brasil e do Nordeste*. Caruaru: sem indicação de local, editora e ano.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5ª ed. Campinas SP: Editora da Unicamp, 2003.
- LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto*. Rio de Janeiro: SIE, 1948.
- LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência contemporânea*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.
- LIMA, Rosalino da Costa & CAMPELO, Zacarias. *Fatos Históricos e Pitorescos da Caruaru*. Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial: Recife, 1957.
- LIMA, Maria de Lourdes. *Padre Zacarias Lino Tavares: homenagem póstuma, trinta anos de seu falecimento*. Caruaru: CEPED, 1993.
- LUNA, Luiz e BARBALHO, Nelson. *Coronel dono do Mundo: síntese histórica do coronelismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1983.
- MAFRA, Johnny J. *Ler e tomar notas: primeiros passos da pesquisa bibliográfica*. Belo Horizonte: Editora da PUC, 1993.
- MAIOR, Mario Souto. *Dicionário de Folcloristas Brasileiros*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- MASSAUD, Moisés. *Dicionário de termos literários* 14ª ed. São Paulo: Ed. Coutrix, 1995.
- NASCIMENTO, Luiz do. *História da Imprensa de Pernambuco (1921-1954)*, vol. 11 Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1986-1994.
- NORA, Pierre. *Entre Memória e História. Projeto História*. São Paulo: PUC, 1993.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- RESENDE, Beatriz (org.) *Crônicas do rio*. Rio de Janeiro: José Olímpio; CCBB, 1995.

- REZENDE, Antônio Paulo. (Des)Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARP, 1997.
- _____. Freyre: as travessias de um diário e as expectativas da volta. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de Si Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ROSENSTOCK-HUESSY, Eugen. *A origem da linguagem*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- SÁ, Jorge de. *A Crônica*. Série Princípios. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 2002.
- SETTE, Hilton. *Zé do Foguete*. Coleção Recife, vol. XXXII. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1984.
- SETTE, Mario. *A Filha de Dona Sinhá*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante no Brasil, 1952.
- _____. *Memórias Íntimas: caminhos de um coração*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1980.
- _____. *Sombras de Baraúnas*. Contos. Recife: Ed. Livr. Chardron, de Mello & Irmão – Porto, 1927.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- TEJO, Aurélio Limeira. *Brejos e Carrascais do Nordeste*. São Paulo: Edições Cultura Brasileira S/A, 1937.
- _____. *Por trás da Cortina do Dólar*. Rio de Janeiro: Editorial Andes, col. Asa Branca, 1945.
- _____. *Enéias: memórias de uma geração ressentida*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1956.
- _____. *Retrato Sincero do Brasil*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1978.
- _____. *A indústria rio-grandense em função da economia nacional*. Porto alegre, Globo/1939.
- _____. *Contribuição á Crítica da Economia Rio-Grandense*. Ensaios FEE. Porto alegre, v.3, n.1.
- WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

C - Bibliografia Geral

- ARRUDA, G. *Cidades e Sertões: entre a História e a memória*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.
- BRESCIANI, M. Stella (org.). *As Palavras da Cidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2001.
- CARDOSO, Ciro e VAINFAS, Ronaldo.(orgs.) *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CERTEAU, M. de. GIARD, L. MAYOL, P. *A Invenção do Cotidiano: 2. morar, cozinhar*; tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- COULANGES, Fustel de. *A cidade Antiga*. Tradução Pietro Nasseti, Serie Ouro. Col. A obra prima de cada autor. São Paulo: ed. Martin Claret, 2002.
- ELIAS, Nobert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FENELON, Déa Ribeiro. (org.) *Cidades: pesquisa em história; prog. de estudos Pós-graduação em História- Puc-SP*. Ed. Olho D'água: São Paulo, 2000.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- GOMES, Paulo César da Costa. *A Condição Urbana: ensaios de geopolítica da Cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- LE GOFF, Jacques, 1924. *Por Amor às Cidades: conversações com Jean Lebrun*; tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998. (prismas).
- MATOS, M. Izilda S. *Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- MUMFORD, Lewis. *A Cidade na História*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1994.
- ORLANDI, Eni P. (org.). *Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas-SP: Pontes, 2001.
- OLIVEIRA, L. Lippi (org.) *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2002.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano – Paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade – UFRGS, 2002.
- _____. *Uma Outra Cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.
- REZENDE, A. Paulo. *O Recife: histórias de uma cidade*. Org. Madalena Almeida. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002.

ROLNIK, Raquel. *O que é Cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995. Col. Primeiros Passos.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura Como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo; Companhia das Letras, 1992.

VAINFAS, Ronaldo. *Os Protagonistas Anônimos da História: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002

ANEXOS



Imagem 1- Chegada da comitiva de Caruaru ao Aeroporto Santos Dumont no Rio de Janeiro. Na imagem, ao centro, o Artista Augusto Rodrigues rodeado por Vitalino, á direita, e Padre Zacarias Tavares, á esquerda, recepciona o grupo de Caruaru. Na imagem ainda se pode ver ao lado direito de Vitalino o escritor Antonio Miranda, seguido dos integrantes da Banda de Pífanos José, Manoel e Pedro Rufino e, por fim, Vicente Teotônio.



Imagem 2 – A comitiva de Caruaru, ciceroniada pelos irmãos Condés e Augusto Rodrigues, deixa o Aeroporto Santos Dumont em direção ao Hotel Regina.

Ao centro Padre Zacarias Tavares conversa com Elísio Condé. Logo atrás os violeiros Arrudinha Batista e Zé Vicente da Paraíba. Ao lado Direito conversam o escritor José Condé e Antônio Miranda.



Imagem 3 – A comitiva de Caruaru visita a Escola de Arte do Brasil – Da esquerda para a direita, Luiz Torres, Antônio Miranda, Zacarias Tavares, Vitalino, Augusto Rodrigues, Zé Vicente da Paraíba, Arrudinha Batista e Vicente Teotônio.



Imagem 4 Vitalino é cumprimentado pelo governador da Guanabara José Sette Câmara Filho, na residência (Casa das Pedras) do industrial e político Drault Ernanny, onde os Irmãos Condé articularam a “Noite de Caruaru”.



Imagem 5 – Ao Centro os violeiros repentistas Arrudinha Batista e Zé Vicente da Paraíba entoando versos para autoridades e convidados que foram a “Noite de Caruaru” na residência de Drault Ernanny.



Imagem 6 – Os violeiros Arrudinha Batista e Zé Vicente da Paraíba entoam versos diante do Governador José Sette Câmara Filho, rodeado de autoridades e convidados.



Imagem 7- Vitalino e a Banda de Pifanos inauguram Bar do Jornal A Última Hora.



Imagem 8 – João Condé, ao centro, conversa em restaurante com Vitalino e Antônio Miranda. Em pé, à esquerda, o pintor Petrônio dos Santos.

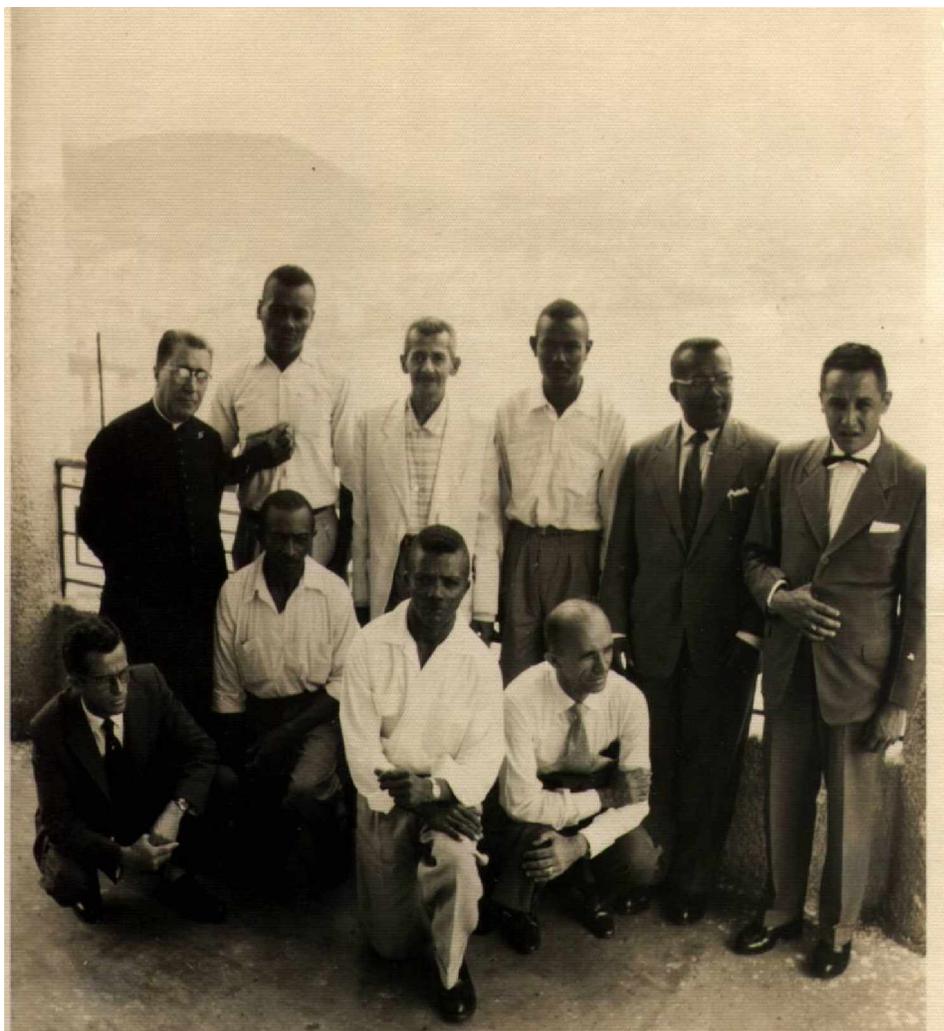


Imagem 9 – Entre o roteiro turístico, a Comitativa de Caruaru visita a imagem Cristo Redentor no Morro do Corcovado.



Imagem 10 – O então prefeito João Lira Filho oferece jantar a Comitiva de Caruaru no restaurante Parque Recreio. Da esquerda para a direita José Rufino, Manoel Rufino, Pedro Rufino, Arrudinha Batista, Zé Vicente da Paraíba, Zaferino pinto (assessor do Prefeito) Antônio Miranda, Padre Zacarias Tavares, João Lira Filho, Maria Moura, (assessora do prefeito), Luiz Torres, Manoel Francisco da Silva (assessor do Prefeito), Edson Barros (assessor do Prefeito), Vitalino, Vicente Teotônio, Rômulo Larena.

APÊNDICE

INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

- Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano (APEJE) - Recife.
- Centro de Estudos de História Municipal (CEHM) – RECIFE.
- Biblioteca Pública Estadual Presidente Castelo Branco – Recife.
- Biblioteca Setorial do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Recife.
- Biblioteca da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru – Caruaru.
- Biblioteca Pública Municipal – Caruaru.
- Centro de Pesquisa e Documentação (CEPED) da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru – Caruaru.
- Memorial Nelson Barbalho - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru – Caruaru.
- Arquivo Vanguarda – Caruaru.